



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA**



BIANCA MENDONÇA OLIVEIRA

**O LAMPEJO DE UMA AURORA: UM ESTUDO SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS E
EDITORIAIS N'O *CLARIM DA ALVORADA* (1924-1932)**

**UBERLÂNDIA – MG
2025**

BIANCA MENDONÇA OLIVEIRA

**O LAMPEJO DE UMA AURORA: UM ESTUDO SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS E
EDITORIAIS N'O *CLARIM DA ALVORADA* (1924-1932)**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Área de Concentração: Práticas Culturais e Relações de Poder

Orientador: Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro

Banca examinadora

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (Orientador) - (UFU)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Moreira de Araújo (UFU)

Prof. Dr. Jonis Freire (UFF)

Uberlândia-MG, 27 fevereiro de 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48L
2025 Oliveira, Bianca Mendonça, 2000-
 O lampejo de uma aurora [recurso eletrônico] : um estudo sobre as
 questões raciais e editoriais n' *O Clarim da Alvorada* (1924-1932) / Bianca
 Mendonça Oliveira. - 2025.

 Orientador: Deivy Ferreira Carneiro.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-graduação em História.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5049>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.

 1. História. I. Carneiro, Deivy Ferreira, 1979-, (Orient.). II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em
 História. III. Título.

CDU: 930

 André Carlos Francisco
 Bibliotecário-Documentalista - CRB-
 6/3408



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 24, PPGHI				
Data:	Vinte e sete de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:20
Matrícula do Discente:	12312HIS003				
Nome do Discente:	Bianca Mendonça Oliveira				
Título do Trabalho:	O lampejo de uma aurora: um estudo sobre as questões raciais e editoriais n' O Clarim da Alvorada (1924-1932)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Práticas culturais e relações de poder				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Identidades em disputa: uma análise das representações do mestiço no jornal O Clarim da Alvorada -SP (1924-1932)				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Jonis Freire / UFF](#); [Carlos Eduardo Moreira de Araújo / ICHPO/UFU](#); [Deivy Ferreira Carneiro](#) orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Deivy Ferreira Carneiro, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

[Aprovada.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Deivy Ferreira Carneiro**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2025, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Eduardo Moreira De Araujo**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2025, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jonis Freire, Usuário Externo**, em 28/02/2025, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6056328** e o código CRC **9D44B51A**.

À Dona Graça (*in memoriam*) que me mostrou
pela primeira vez a força da negritude só por
existir no mundo.

AGRADECIMENTOS

A experiência de realizar o mestrado mostrou-se diferente de toda e qualquer expectativa que eu tenha idealizado durante toda a minha trajetória acadêmica. Para além de conhecer o ofício do historiador a fundo, me encontrei nas poesias do jornal, bem como em todas as pessoas que de distintas formas estiveram ao meu lado durante esses longos, mas também ironicamente, rápidos dois anos. Por isso, utilizo este momento para agradecer àqueles que tornaram esse período intrigante e bom de se viver:

Ao meu orientador, Deivy Ferreira Carneiro, por tanto zelo e compreensão nos momentos em que o andar da pesquisa se fazia difícil e por todas as leituras e apontamentos tão sensíveis e esclarecedores. Obrigada por perceber na pesquisa e em mim tanto a ser dito quanto entendido.

Aos professores Alexandre de Sá Avelar, Daniella Magalhães da Silveira, Gilberto César de Noronha, Gustavo de Souza Oliveira, Lainister de Oliveira Esteves, Mônica Brincalepe Campo, Sérgio Paulo Morais por todas as contribuições na pesquisa e na forma de enxergar a história, essencialmente a imprensa e literatura durante todas as aulas que compartilhamos ao longo do curso.

Agradeço também a todos aqueles que fazem parte do curso de pós-graduação em História, pois ainda que de maneiras indiretas contribuíram para a realização do meu mestrado, assim como todo o quadro de funcionários da Universidade Federal de Uberlândia, que diariamente trabalham para oferecer uma educação pública e de qualidade, e continuando meu laço com a UFU após a graduação, sinto-me ainda mais agradecida e feliz por concluir mais uma etapa nesse espaço que se parece com uma casa depois de tantos anos.

Gostaria de agradecer ao professor Carlos Eduardo Moreira de Araújo, por ter sido presente a graduação na minha versão pesquisadora, contribuindo em todas as minhas bancas com seu olhar tão atento para experiências de negritude.

E também agradeço ao professor Jonis Freire, por aceitar participar da minha banca de defesa e, assim, contribuir com sua leitura e os melhores apontamentos nessa reta final da pesquisa.

Sou grata também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, por conceder a minha bolsa de estudos, possibilitando o desenvolvimento do presente estudo.

Além disso, não posso nunca me esquecer das minhas bases, e por isso agradeço aqui à minha mãe, Valesca e meu irmão Frederico, por tanto terem cuidado de mim e me dado forças

quando pensei que elas haviam se esgotado. Ao meu pai, Jaime, por se manter curioso ao mundo acadêmico, me fazendo ter mais vontade de viver esse momento com todo o meu coração.

Agradeço também aqueles que escolhi como família, Carlos Henrique, Stefanie Quintino, Leonardo Vitalino e Michelle Leal, por serem amigos tão atentos e cuidadosos. Obrigada por fazerem a vida se mostrar mais feliz mesmo quando eu acreditava fielmente que não. Também agradeço a Gustavo Spadin, por ter sido um afago conhecido durante esses dois anos, compartilhar o mestrado junto com você fez com que a pesquisa e a vida fossem mais leves.

À Rita Bernardes, por permanecer ao meu lado e me ouvir repetidamente sobre tempo histórico, poesia, lutas e todos os outros atravessamentos que a pesquisa me causou. Obrigada por fazer que tudo ficasse bem.

Por fim, agradeço aos tantos outros nomes e rostos que não aparecem no texto, mas que participaram desse momento, pois assim como *O Clarim da Alvorada* e suas redes de sociabilidade, eu seria apenas uma voz no escuro, mas junto com cada um, pude alvorecer.

RESUMO

O presente trabalho busca estudar as formas como o jornal *O Clarim da Alvorada* que circulou entre 1924 até 1932 em São Paulo articulou a memória e o tempo ido para formular suas prospecções de militância, diagnósticos do tempo-de-agora, bem como suas idealizações para o futuro, compreendendo o anseio de integrar-se ao plano da identidade nacional através da valorização dos feitos daqueles negros do passado e das ações atuais em prol da chamada elevação da raça. Além disso, também busco apreender acerca de como o corpo editorial do periódico definiu seus caminhos a fim de se tornar um órgão de combate voltado para a população negra, tendo em mente as mais variadas influências para tal posicionamento ideológico. Esse estudo será acompanhado primordialmente de considerações historiográficas de Raymond Williams, quanto às suas ponderações acerca da ideologia dominante e eficaz, bem como as culturas alternativas e estruturas de sentimentos. Também serão utilizados escritos de Walter Benjamin acerca dos lampejos do tempo histórico e processos de rememoração, e assim compreender como as memórias do passado transgridem o tempo.

Palavras-chave: rememoração, tempo histórico, raça, imprensa, pós-abolição.

ABSTRACT

The present work seeks to study the ways in which the newspaper *O Clarim da Alvorada* that circulated between 1924 and 1932 in São Paulo articulated the memory and the time gone by to formulate its projections of militancy, diagnoses of the time-of-now, as well as its idealizations for the future, understanding the desire to integrate itself into the plane of national identity through the valorization of the deeds of those blacks of the past and the current actions in favor of the call breed elevation. In addition, I also seek to learn about how the editorial board of the journal defined its paths to become an organ of combat aimed at the black population, keeping in mind both the most varied influences for such ideological positioning. This study will be accompanied primarily by historiographical considerations by Raymond Williams, regarding his considerations about the dominant and effective ideology, as well as alternative cultures and structures of feelings. Walter Benjamin's writings about the flashes of historical time and processes of remembrance will also be used and thus, understand how memories of the past transgress time.

Keywords: remembrance, historical time, race, press, post-abolition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira publicação do jornal O Clarim, em 6 de janeiro de 1924.	29
Figura 2 - Diferença no padrão de diagramação do jornal O Clarim da Alvorada antes e depois de 1929.	31
Figura 3 - Pequena oficina do jornal O Clarim da Alvorada na década de 30, residência de José Correia Leite.	32
Figura 4 - Fotografia de Lino Guedes (s/d).....	88
Figura 5 - Fotografia de Arlindo Veiga dos Santos, 1926.	91
Figura 6 - Anúncio do convite para a comemoração da Lei Áurea pelo Clube XIII de Maio	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Imigração Espontânea X Imigração Subsidiada	50
Tabela 2 - Imigração total no Brasil	51
Tabela 3 - Distribuição percentual de brasileiros e imigrantes na força de trabalho da cidade de São Paulo, em 1920, separado por áreas selecionadas da economia	52
Tabela 4 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1916 e 1920 segundo a cor e nacionalidade	54
Tabela 5 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1921 e 1925 segundo a cor e nacionalidade	56
Tabela 6 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1926 e 1930 segundo a cor e nacionalidade	57

Sumário

INTRODUÇÃO.....	14
SEÇÃO 1: A GRANDE SÃO PAULO PARA OS NEGROS: UM DEBATE SOBRE O INÍCIO D’O <i>CLARIM DA ALVORADA</i> E TEORIAS RACIALIZANTES	25
1.1 - A resplandecência de um fórum de ideias: o surgimento d’O <i>Clarim</i>	26
1.2 - Teorias raciais no Brasil: imigrantismo, branqueamento e territórios negros.....	34
SEÇÃO 2 – A IMPRENSA NEGRA PAULISTA: DINÂMICAS DO SURGIMENTO E A ARTICULAÇÃO POLÍTICA DA PRIMERA FASE DO JORNAL	59
2.1 - Ação militante, literária e social: a imprensa negra paulista e sua conceitualização.....	60
2.2 - A construção de uma identidade própria: a base ideológica sobre o passado e a raça na primeira fase do jornal.....	69
SEÇÃO 3: O LIMIAR NAS PÁGINAS D’O <i>CLARIM DA ALVORADA</i>: UMA ANÁLISE SOBRE INFLUÊNCIAS NA TRANSIÇÃO DE FASES.....	83
3.1 - O círculo negro paulistano e a formação de uma rede de combate.....	84
3.2 Coletividades negrinas: a união dos homens de cor e lapidação de um movimento negro.....	97
3.3 A reverberação do estrangeiro: sobre o contato e as trocas com a intelectualidade internacional.....	103
3.4 O limiar dos conceitos na transição de fases d’O <i>Clarim da Alvorada</i>	107
SEÇÃO 4: UM ORGÃO DE COMBATE ENTRE A MILITÂNCIA E A LITERATURA: UM BALANÇO DOS ANOS FINAIS D’O <i>CLARIM</i> E O SEU CAMPO LITERÁRIO	116
4.1 O passado à frente: as interpretações do tempo ido na terceira fase d’O <i>Clarim da Alvorada</i>	117
4.2 – Literatura política: sobre os versos d’O <i>Clarim</i> e suas significações no campo de estudo da história.....	126
Considerações finais.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144

INTRODUÇÃO

A população paulistana nas primeiras décadas do século XX assistia a constantes transformações em seu cotidiano, que se traduziam pelo aburguesamento da cidade,¹ como também pela expansão populacional, percebida através da crescente vinda de imigrantes europeus para o país. À vista dessa conjuntura, afunilavam-se as delimitações sociais entre negros e brancos daquela sociedade, e assim, o primeiro grupo se utiliza de formas materiais e imateriais de sociabilizar seus costumes, noções e interpretações acerca da sociedade que os cerca. Diante das inúmeras formas em que a população negra paulistana encontrou para se perceber, uma das mais significativas – essencialmente para a parcela negra letrada da cidade – foi a imprensa negra. Segundo Teresa Malatian:

Os periódicos que então foram publicados, de duração efêmera e periodicidade incerta, traduzem os embates que se deram nos campos social, político e cultural. Os temas por eles veiculados eram de amplo espectro: desde notícias sobre as associações, vida social, atividades culturais, até crítica social e política, reivindicações de cunho integracionista e de superação do preconceito e da exclusão por meio de mobilizações pontuais em torno de eventos ou de pautas específicas [...] A denúncia do preconceito, da discriminação e da exclusão - explícita ou disfarçada sob sátiras - era inevitavelmente acompanhada pela reivindicação da 'integração da classe'.²

Assim, por apresentar uma ampla gama de conteúdos publicados por uma parcela letrada da população negra, a imprensa negra paulista tornou-se com o tempo, um objeto de estudo para a comunidade acadêmica, em especial para a área da História, visto o seu impacto e suas possíveis representações acerca do grupo que abrange. Dessa forma, a presente pesquisa utiliza-se do jornal *O Clarim da Alvorada*, que circulou entre 1924 e 1932³ e foi fundado por Jayme de Aguiar e José Correia Leite para dissertar acerca dos usos do outrora e do agora, além de como esse recurso se reflete nas concepções de racialidade nas suas páginas e seus desencadeamentos.⁴ Para tanto, evidencia-se que o recorte temporal escolhido para a pesquisa

¹ Descrito por Miriam Ferrara, a ideia que se tem sobre o que seria o “aburguesamento” de uma sociedade, é segundo a autora uma percepção em que os ideários capitalistas se sobressaem, se modo a privilegiar espaços e ideias que configurem uma simbologia que represente o sistema capitalismo, ou seja, relacionando-se intimamente com modernização das cidades, afastamento de grupos indesejáveis para a periferia e aceleração dos fluxos de ideias e sujeitos.

² MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar. *Patrimônio e Memória*. Unesp, v. 14, n.1, p. 340-364, São Paulo, 2018.

³ Em 28 de setembro de 1940 houve uma publicação única de uma edição do jornal que marcaria o início da sua terceira fase, entretanto não se concretizou e o jornal encerrou-se de fato nesse momento.

⁴ Para a pesquisa foi utilizada a digitalização do jornal encontrada no site da Hemeroteca Digital Nacional, encontrada no link: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844918&pesq=&pagfis=1>.

é de 1924 a 1932, correspondente aos anos de circulação do jornal, no qual serão investigados seus números publicados de maneira regular.

Além disso, é preciso ressaltar as ligações do jornal com as ideias de raça produzidas nos Estados Unidos, a partir de redes negras transnacionais, em que noções e percepções das experiências vivenciadas por estadunidenses negros eram compartilhadas por jornalistas e ativistas. Dentre as percepções divulgadas pelos jornais, percebe-se que esse contato existia a fim de tecer uma fraternidade racial entre esses negros, ainda que as realidades entre esses grupos fossem distintas. Dada a relação internacional que *O Clarim da Alvorada* estabelece, também apontamos organizações sociais, como os grêmios e as associações, bem como a comunidade negra que circulava esses ambientes, ou até mesmo outras formações jornalísticas no estado que através de uma rede de sociabilidade entre esses indivíduos estabelecem trocas. Esse momento de circularidade de ideias n' *O Clarim da Alvorada* também no que diz respeito ao plano internacional como o nacional são fundamentais para uma análise da fonte, tendo em mente que o processo de amadurecimento do jornal que o leva a um campo combativo está entrelaçado às redes negras que ele estabelece.

Há também o que se dizer a respeito da participação contundente de indivíduos que compunham o que viria a se tornar um movimento negro articulado nas páginas do jornal, sendo eles militantes, escritores, jornalistas ou demais sujeitos que constituíam a chamada elite negra paulistana. Esses propunham diversas interpretações e diagnósticos quanto à realidade social, política e econômica dos negros letrados ou iletrados no país, além de também refletirem as possíveis formas de articulação da população negra nas publicações do periódico.

Torna-se indispensável para a pesquisa versar sobre o que se entende por elite negra, tendo em vista que a composição do corpo editorial e das redes de sociabilidade que cercavam *O Clarim da Alvorada* faziam parte desse seleto grupo que se distinguia da maior parte da comunidade negra da região. Neste rumo, a elite negra/letrada se percebia nas cidades através do distinto conjunto de sujeitos que alcançavam algum tipo de ascensão social, dentre os quais, em algumas ocasiões relacionavam-se com laços de apadrinhamento com pessoas brancas. Dessa forma, a elite negra que promove grêmios e clubes de recreação se distancia das práticas e da maioria iletrada e marginalizada população negra, sendo essa que se expressa através das rodas de samba e nos terreiros. Contudo, a elite negra paulistana não se apresenta somente pelo viés das articulações sociais realizadas no período, à vista que nem todo sujeito pertencente à

elite negra também seria um intelectual-militante.⁵ Também é necessário destacar que essa distinção logo termina quando compreendemos que mesmo com essas distinções, esses dois grupos compartilham da mesma raça, e de formas distintas, suas experiências se aproximam conforme cresce a percepção dos negros letrados de que a marginalização da população negra não se limita àqueles que não compartilham dos mesmos acessos.

Compreendendo os aspectos que envolvem os posicionamentos e relações articulados pelo jornal, que pretende-se utilizá-lo como fonte para a pesquisa, a fim de se guiar pelo objetivo principal de compreender de quais formas o jornal *O Clarim da Alvorada* concedeu e modificou os sentidos e significados ao tempo histórico e atrelado a isso como conceitos de raça e memória foram articulados nas páginas do jornal, tendo em mente as influências internacionais e nacionais para tal trajetória de mudanças, que ficam ainda mais evidentes com a transição de fases anunciada pelo periódico no primeiro número de 1928 e que será recorrentemente abordada na presente pesquisa sob o prisma de compreender as subjetividades que envolvem a mudança, bem como as diferenciações reais entre as duas fases distintas. Para tal, serão utilizadas as publicações que compreendem o período de 1924 a 1932, pois compreende os anos em que *O Clarim da Alvorada* circulou de forma regular e demonstra o amadurecimento de ideias pelo qual passou, bem como a transição de fases.

O método escolhido para a investigação da fonte, foi a categorização de todo o jornal, incluindo textos dissertativos, literários, anúncios e demais publicações presentes ao longo das suas edições, tendo em mente, se conduzir por questões que ultrapassem as delimitações de estudo de uma sessão, bem como permitir um conhecimento aprofundado dos temas transversais ao corpo editorial através das publicações variadas. A ferramenta de busca por palavras-chave disponível na plataforma da Hemeroteca serviu de apoio para a localização rápida de textos a fim de referenciá-los na pesquisa em momentos cuja citação se mostrasse necessária. Assim, tornou-se possível compreender à luz da metodologia, os nuances que envolvem o corpo editorial, bem como a rede de comunicação entre os homens e mulheres que utilizavam das páginas d'*O Clarim da Alvorada* como um espaço de diálogo e exposição de ideias sobre os mais diversificados assuntos que atravessavam as formas de viver e entender a negritude e o mundo ao seu redor.

⁵ FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. *Representações sociais e práticas políticas do Movimento Negro paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga Santos (1928-1937)*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2005.

O Clarim da Alvorada inaugurou o que se entende por segunda fase da imprensa negra paulista,⁶ e com isso, denuncia de antemão o caráter reivindicatório de suas publicações logo nos primeiros anos de circulação. Ainda há que se destacar que a princípio, o jornal se compromete a atuar como um órgão literário, posto que dentre os diversos textos publicados se destacam inúmeros contos, poesias, crônicas e demais textos ficcionais, nos quais as inquietações no que tange os aspectos políticos aparecem de forma moderada. Entretanto, o destaque dado ao jornal ocorre diante das suas publicações incisivas que denunciavam a não-inclusão dos chamados “homens de cor” no plano da identidade nacional, que naquele contexto era forjada pela elite branca do Brasil.

Com fins de refletir acerca das intencionalidades do corpo editorial do jornal, tendo em mente o seu aspecto contundente em questionar e articular que denunciavam e também buscam resoluções para as questões inerentes aos “homens de cor”, encontra-se em consonância com as inflexões produzidas por Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado, na obra *O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal Estado de São Paulo*,⁷ nos quais se compreendem os distintos intuitos nas publicações do periódico, de forma a se distanciar de uma suposta neutralidade editorial, considerando as escolhas propositais dos textos selecionados e publicados, assim como os usos de pseudônimos ou até mesmo acerca dos não-ditos nas páginas d’*O Clarim*.

Por sua vez, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, em seu artigo *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*,⁸ as autoras argumentam que a imprensa pode ser entendida pelo prisma de uma verdade não totalmente real, ao passo que as tensões internas são passíveis de produzir um espaço capaz de auxiliar na “continuação de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica”.⁹ E por este lado, permitindo a compreensão de decisões estratégicas em combinação com posicionamentos combativos presentes nas publicações d’*O Clarim da Alvorada*. Nesse sentido, torna-se possível elucidar o que é exposto pelas autoras sobre a imprensa (em especial a pequena imprensa), percebendo os

⁶ É preciso destacar acerca do que se entende pelas fases da imprensa negra, separadas entre os anos de 1915 à 1923; 1924 à 1937 e 1945 à 1963. Essa divisão, proposta por Ferrara, apresenta a primeira fase através da sua centralidade em segmentos no que cerne a vida social da população negra, sendo fortemente associada aos grêmios e clubes recreativos. Já a segunda fase, inaugurada com a fundação do *O Clarim da Alvorada*, detêm um caráter mais combativo e político, possuindo características que se voltam para ações de conscientização e reivindicação. Por último, a terceira fase da imprensa negra se forma durante o processo de redemocratização, em que reestrutura o caráter combativo e reivindicatório por parte dos jornais.

⁷ CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal ‘O Estado de São Paulo’*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

⁸ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História*. São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

⁹ Ibidem, p. 257.

momentos elencados pelos redatores como essenciais para os seus simbolismos e ideologias, e assim, transfigurando-se enquanto um meio verossímil de análise de fonte.

Como forma de compreender as relações e conflitos que incluem os negros na capital paulistana, tendo em mente a marginalização, privatização dos espaços e também a relação entre as comunidades negra e branca, sejam eles nacionais ou não será utilizado o trabalho de Petrônio Domingues, *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento na São Paulo pós abolição*. Na referida obra, Domingues versa sobre as dinâmicas entre os grupos na cidade que se aburguesava, e mediado à isso também discorre sobre trabalhos, moradia, e formação dos grêmios, associações e clubes recreativos idealizados e voltados para a comunidade negra letrada da cidade, tendo em mente a importância desses espaços como locais de sociabilidade negra e de pontos de venda e/ou destruição dos jornais da imprensa negra paulista.¹⁰

Domingues, ao retratar as dinâmicas dos negros naquele contexto, evidencia as práticas discriminatórias do período, dentre as quais, algumas são até retratadas no jornal como forma de denunciar o preconceito racial experimentado pela população negra nesse momento. Devido à isso que a compreensão das maneiras possíveis de sociabilidade dessa população torna-se relevante para a pesquisa, visto que ao constatar quais são os meios sociais ocupados pelos sujeitos que fazem parte do circuito d'*O Clarim da Alvorada*, faz-se possível apreender parte das suas subjetividades.

Também para assimilar a questão urbana paulistana que circula a pesquisa, serão utilizados trabalhos que tratem da conceituação dos territórios negros, idealizados pela teórica Raquel Rolnik.¹¹ A necessidade de entender o conceito se dá na premissa que o agrupamento de negros em espaços determinados previamente pela elite dominante através do afastamento dos centros, promove não somente uma segregação espacial, mas também ideológica. Essa exclusão promove para além da óbvia marginalização, uma realidade para esses “homens de cor”¹² que se apropriam desses ambientes, lhes concedendo sentidos de coletividade. Portanto, faz-se necessário entender esse movimento de agrupamento para dar sentido a rede negra que se entrelaça na capital paulistana.

¹⁰ DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento no São Paulo pós abolição*. São Paulo: Senac, 2004.

¹¹ ROLNIK, Raquel. “Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro”. In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007,

¹² O termo é comunalmente utilizado pelo jornal como forma de indicar o grupo ao qual faz parte, tendo em mente um recorte racial promovido por ele.

No campo da literatura, podemos inflexionar a ideia atribuída por Carlo Ginzburg, que salienta a importância de compreender a intenção do escritor, para que possamos lê-lo a contrapelo, e assim, destacar as subjetividades linguísticas e ideológicas em suas linhas.¹³ Isso ocorre pois através desse movimento é possível voltar os olhos e apontar a literatura enquanto uma matéria ficcional, carregada de intencionalidades que articulam a memória, o tempo-de- agora e os distanciamentos/proximidades com as ideias que a circulam.

Logo, o estudo sobre os textos ficcionais d’*O Clarim da Alvorada* não se limitam aos versos publicados, pois tratam das experiências e memórias dos seus escritores, e por consequência indicam as formas de reprodução e/ou negação dos estigmas e ideias hegemônicas interrelacionados com temas sobre afetividade, política e reminiscência da população negra. Portanto, sendo uma forma eficaz de acessar o imaginário social desse grupo e entender suas demandas e reivindicações que estão intimamente atreladas ao objetivo do trabalho, considerando que por intermédio desse processo que entendemos a forma de se relacionar, pensar e sentir o passado, o presente e demais atravessamentos dos escritores que encontram n’*O Clarim da Alvorada* um espaço aberto para tais prospeções.

Devido à consonância de objeto de estudo, a dissertação *Ideias e Ações pela Integração Negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*, de Renan Rosa dos Santos, que se debruça acerca das articulações e movimentações dos intelectuais – militantes que produziam o jornal, a fim de compreender os meios que o periódico participa da formação de um movimento social negro, tendo em mente as estratégias produzidas por eles para o combate do ideário racista que se reestruturava no período do pós-abolição.¹⁴ Neste sentido, Santos evoca noções que também serão úteis ao trabalho, visto que ao constatar os usos da memória do corpo editorial para legitimar seus diagnósticos e reivindicações no âmbito político e social, como ocorre nos momentos em que o periódico evoca ações para homenagear figuras abolicionistas do século XIX ou quando recorrem frequentemente a ideia de corroboração à memória da “Mãe Preta”.

Outro trabalho que compartilha do mesmo objeto de pesquisa e se aproxima em determinadas proposições, é a dissertação de Flávio Thales Ribeiro Francisco, *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim*

¹³ GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁴ SANTOS, Renan Rosa dos. *Ideias e Ações pela Integração Negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2021, 181 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

da *Alvorada* (1924-1932). Ao mapear e analisar as relações transnacionais promovidas pelo jornal, o autor aponta as intencionalidades e sentidos que o corpo editorial produzia através de uma rede negra internacional.¹⁵ A partir disso, torna-se perceptível que as redes negras transnacionais, ao conceberem uma fraternidade racial, produziam, contudo, para além de uma rede de informações, um ideário de coletivo, ainda que houvesse distinções geopolíticas que afetassem as suas experiências. Francisco busca ainda perceber os meios como os discursos do garveysmo são apresentados n’O *Clarim da Alvorada*, tendo em mente as contundentes publicações que se referiam à urgência de se pensar a dignidade negra.

Também há o que se dizer das contribuições de Walter Benjamin no trabalho, que ao dissertar em sua obra *Passagens*,¹⁶ acerca de conceitos como imagem dialética, lampejo e constelação, oferece um campo teórico que contribui para entender as subjetividades que envolvem as reinterpretações do tempo e da memória pel’O *Clarim da Alvorada*. Nesse caminho, tornando-se imprescindível para o tema central da pesquisa, pois é através dessas ideias que será possível elucidar como que o tempo histórico assumiu outras interpretações durante os anos de circulação do jornal e como isso espelhou na projeção de se tornar um porta-voz dos “homens de cor” quanto às questões da raça.

À frente do exposto, torna-se indispensável adotar para a pesquisa o método do teórico Raymond Williams. A fim de compreender a sociedade que torna possível a existência d’O *Clarim da Alvorada*, levando em conta as ponderações já apresentadas que caracterizam o Brasil das primeiras décadas do século XX enquanto um país que reestruturava através de transformações em diversos setores. Em primeira instância, essas conjunturas mostram-se como novas, entretanto percebe-se que em alguns segmentos ocorre uma remodelação das esferas sociais, como é o caso da população negra, que após 1888 é redirecionada para uma nova forma de exclusão social, política e econômica. Esse cenário é conforme aponta Williams é passível de retificar os poderes da elite, e assim, estruturando a sociedade através de uma cultura *dominante e eficaz*.¹⁷ Com isso, a dinâmica no Brasil naquele momento produzia valores e práticas culturais que pretendiam modelar o que é nacional, e com isso reforçar as distinções entre os sujeitos para delimitar os espaços de cada grupo, ou seja, segregar a imagem do negro da história e da identidade brasileira.

¹⁵ FRANCISCO, Flávio. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006.

¹⁷ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Portanto, ao compreender as formas como a estrutura dominante atua, é possível de constatar que *O Clarim da Alvorada*, ainda que em dados momentos reproduza perspectivas do grupo dominante, se coloca majoritariamente de forma divergente ao que lhe é imposto, produzindo signos alternativos, e por vezes opositores aquele difundido pelo ideário dominante. Ainda, Williams produz colocações quanto à concepção de ideologia, que para além das noções abstratas ou ilusórias, mas sim enquanto um sistema de significados e ideias atrelados com a produção concreta da vida material.¹⁸ Articulando esses conceitos com o de estrutura de sentimentos, é possível mapear os momentos em que *O Clarim da Alvorada* inicia uma tomada de consciência, e por consequência, se coloca em uma posição contra-hegemônica quanto à ideologia dominante e eficaz.

Diante disso, nos é apresentada uma ideia de nação que disputa as memórias a serem celebradas e aquelas que devem permanecer no esquecimento, denunciando, portanto, que o que se entendia pela identidade nacional do Brasil nas primeiras décadas do século XX visava se constituir a partir da exclusão sistêmica de determinados povos, e para a presente pesquisa, cabe analisar essencialmente o que cerne à população negra.

À frente disso que se encontram as teorias racializantes¹⁹ que fundamentavam e legitimavam as escolhas intelectuais e políticas de exclusão do negro do que era nacional. Logo, essas teorias se sustentam através de noções discriminatórias e errôneas, tanto no plano biológico, quanto no social, que buscavam provar a inferioridade do negro em comparações as demais raças que constituíam a identidade nacional. Dessa forma, durante a primeira e segunda década do século XX, é colocado em prática um ideário que visava embranquecer o Brasil, com o massivo incentivo para a vinda e contratação de imigrantes brancos europeus, para que assim, fosse possível evitar que o desenvolvimento e ascensão nacional fosse atravessado por corpos negros.

Portanto, após apresentar as bases teóricas e metodológicas que norteiam e conduzem a pesquisa, cabe agora explicitar acerca da estruturação da dissertação. Na primeira seção intitulada *A grande São Paulo para os negros: um debate sobre as teorias racializantes e o início d'o Clarim da Alvorada*, buscamos abordar desde o contexto social de São Paulo até o

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹⁹ As teorias racializantes pautadas em concepções biológicas errôneas ganharam força durante o século XIX e buscaram provar a inferioridade de determinadas raças, como a negra. Assim, entender essas teorias a partir de um caráter ideológico de período permite a compreensão das razões pelas quais eram incentivados o embranquecimento e exclusão da população negra no Brasil, ainda mais considerando o incentivo à vinda de imigrantes europeus, colocados em um espaço social que seria capaz de promover o branqueamento do Brasil e assim levar a ascensão do país.

surgimento do jornal. Desse modo, através de um debate historiográfico, pretende-se abordar as teorias racializantes que chegaram no Brasil desde o final do século XIX. Busca-se nesse momento abordar como que a ideologia de branqueamento se difundiu, a fim de elucidar os mecanismos utilizados pela elite intelectual branca de se estruturar e manipular os embates acerca da racialidade.²⁰

Voltando para o contexto específico de São Paulo, será retratado as distinções iniciais entre a comunidade letrada e iletrada paulistana, para tornar compreensível de qual espaço social o corpo editorial d'*O Clarim da Alvorada* parte. Além disso, ao pensar o surgimento do jornal, as características básicas de suas publicações, os meios em que o jornal circulava, suas escolhas estéticas e textuais, dentre outros fatores que são intrínsecos ao periódico. Ademais, também pensando nas relações entre os chamados homens de cor, pretende-se abordar a construção e manutenção dos territórios negros, a fim de compreender as formas como o espaço de sociabilidade desses sujeitos se formam e como as dinâmicas estabelecidas entre eles colaboram no entendimento das suas escolhas políticas e demais aspectos que envolvam o jornal.

Já na segunda seção, *A imprensa negra paulista: dinâmicas do surgimento e a articulação política na primeira fase do jornal*, se pretende realizar uma historicização da imprensa alternativa, em especial, a imprensa negra paulista, considerando os agentes que se mobilizaram no surgimento da imprensa negra e seus desdobramentos. Ou seja, mapear os caminhos trilhados pela elite negra, em especial pelos intelectuais-militantes em promover um espaço de sociabilidade através da imprensa, e refletir sobre os signos dessa na formação de um movimento negro.²¹

Ademais, será apresentada uma análise dos usos da memória e da ideia de raça nos primeiros anos de circulação do jornal, tendo em mente a busca pelo entendimento das formas que *O Clarim da Alvorada* manuseou o passado em prol dos seus ideais, bem como elucidar acerca da formulação de uma ideologia própria, considerando desde ideias radicais até aquelas que são uma reprodução da ideologia dominante, e com isso, esclarecer as formas do jornal em entender a raça e quais as suas prospecções em relação a negritude, bem como ilustrar suas primeiras referências acerca do debate racial que serviram de base para a sua transição de fase.

Na terceira seção, *O limiar nas páginas d'O Clarim da Alvorada: uma análise das influências na transição de fases*, buscaremos afunilar a compreensão acerca do corpo editorial

²¹ MALATIAN, Teresa. op. cit.

e de suas relações sociais, assim, trazendo para o centro do debate as relações que Jayme de Aguiar e José Correia Leite no período que antecede e sucede a mudança de fases e como isso influenciou suas novas perspectivas e tomadas de decisões. Dessa forma, busca-se traçar um caminho pela trajetória d'*O Clarim da Alvorada* intermediado pelas ideologias que seus colaboradores nacionais ou internacionais colocavam nas páginas do jornal e como isso o impactou. Além disso, as organizações e projetos referentes à época também serão tratados nesse momento, como forma de compreender como essa rede negra se articulava.

A obra de Fanon, *Pele negra, máscaras brancas*, acompanha o trabalho através da perspectiva do autor em relatar através de uma abordagem da psicanálise, as formas como os sujeitos atuam mediante um sistema que hierarquiza as raças, e por consequente, promove comportamentos de alienação do negro, que o faz reproduzir comportamentos de pessoas não-pretas para ser aceito dentro da sua comunidade local. Segundo o autor, esse comportamento não pode ser tratado como algo que represente o indivíduo, mas sim, enquanto um fenômeno social e coletivo, ou seja, como algo promovido por uma estrutura social e cultural já formada, para legitimar as ações realizadas por esses sujeitos, de modo a insinuar que o imaginário social estaria superando os estigmas que cercam pessoas negras.²²

Através do exposto que buscamos entender os impactos da ideologia hegemônica no jornal, atravessados pelo momento de tomada de consciência, em que esses signos se alteram. Essa alteração será interpretada à luz de Walter Benjamin e suas contribuições sobre como o presente se formar a partir de lampejos, e que através deles é possível formular noções específicas em cada momento. Nessa seção também será tratado como que essa mudança de fase possibilitou uma releitura dessa rede negra acerca dos demais negros da capital paulistana, inserindo no debate mais uma vez a teoria benjaminiana, a fim de assimilar como que esse processo alterou não somente as memórias do passado, mas também a percepção do presente e as projeções do futuro.

Por último, na quarta seção, *Um órgão de combate entre a militância e a literatura: um balanço dos anos finais d'O Clarim da Alvorada e o seu campo literário*, serão abordados os últimos anos de publicação do jornal, a fim de entender como ele finaliza sua trajetória após se estabelecer como um “órgão de combate”. e a partir disso, mapear sua atuação política em uma agenda que divide com outros grandes grupos do movimento negro do período, como a Frente Negra Brasileira.

Pretende-se nesse capítulo apresentar a parte literária do jornal, que mesmo que esta

²² FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.

tenha deixado de ser o foco na segunda fase, mantêm-se presente e relevante em toda a trajetória do período, e através dela é possível compreender mais da realidade da comunidade negra paulistana e suas percepções de raça, tempo e outros temas intrínsecos à experiência negra da época para além do seleto grupo que mais promovia articulações políticas e ideológicas dentro d'*O Clarim da Alvorada*.

É preciso ressaltar que a dissertação se encontra em um contexto de produção em que os debates sobre raça se mantêm efervescentes, e as ideias recentes que questionam a veracidade e a importância de se pensar o tempo histórico, bem como a memória acerca da racialidade e seus desdobramentos na atualidade continuam. Nesse sentido, a presente pesquisa se coloca como uma forma inata à academia de pensar e historicizar questões tão inerentes à experiência da população afro-brasileira, considerando ainda as práticas ofensivas e questionadoras que se colocam desde o momento em que o objeto de estudo deste trabalho se formulava até os dias atuais, evidenciando singelas transformações no que tange o tratamento e a relação entre negros e brancos. Tendo em mente, portanto, a crescente incandescência dos grupos conservadores, que a pesquisa é pensada como forma de voltar os olhos para a elucidação do tema na historiografia brasileira.

SEÇÃO 1: A GRANDE SÃO PAULO PARA OS NEGROS: UM DEBATE SOBRE O INÍCIO D'O CLARIM DA ALVORADA E TEORIAS RACIALIZANTES

Para a cidade, território marginal é território perigoso, porque é daí, desse espaço definido por quem lá mora como desorganizado, promíscuo e imoral, que pode nascer uma força disruptora sem limite. Assim se institui uma espécie de apartheid velado que, se, por um lado, confina a comunidade à posição estigmatizada de marginal, por outro, nem reconhece a existência de seu território, espaço-quilombo singular.¹

Raquel Rolnik.

A trajetória do que se entende como movimento negro político e articulado no Brasil se apresenta de distintas formas a depender de quem diz e sobre as especificidades da fala. Pode iniciar falando sobre mecanismos de fuga dos escravizados, revoltas escravistas, ou então pensar a partir de uma movimentação institucionalizada do século XX. Entretanto, qualquer caminho que queira seguir, é imprescindível desvencilhar-se das formas subjetivas que rodeiam a articulação da população afro-brasileira, a pensar sobre os sujeitos que fazem parte, suas relações internas entre si, bem como aquelas que exteriorizam seu grupo. Também há de se pensar sobre o tempo-espaço que esse agrupamento ocorre e se solidifica, como também qual matriz que a nutre e qual a enfraquece.

Nesse sentido, pretende-se investigar agora como foi a canalização das ideias que tornaram *O Clarim da Alvorada* um jornal político-literário influente no começo dos anos 20 da Paulicéia. Portanto, entender as ramificações e agrupamentos tanto espaciais quanto sociais que ocorreram em São Paulo desde o início do século XX, fazem parte de um cenário que distribui sentidos às experiências de diferentes sujeitos que coexistiam no mesmo tempo, ainda que suas destinações não parecessem contemporâneas entre si. Essa perspectiva de São Paulo é entendida quando apontamos um processo contínuo e veloz de industrialização e urbanização, que desenha e delimita os espaços a serem compartilhados sob moldes que incitam em uma *belle époque* paulistana.² De forma contrária, nas periferias da cidade, o processo que visava tornar a cidade o mais próximo de uma estética europeia não chegava, e com isso, gerando

¹ ROLNIK, Raquel. "Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro". In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 89.

² SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

espaços ocupados por indivíduos que eram preteridos dos centros urbanos, dentre eles, a população negra, que é a grande estrela do presente estudo.

Os meios que São Paulo se desenvolveu para além dos aspectos cosmopolitas também são de interesse, pois podemos compreender muito da formação de uma imprensa negra, e em especial *d'O Clarim da Alvorada*, através de quais ideologias circulavam na cidade, atingindo o imaginário popular e da comunidade dos “homens de cor”. Em determinadas instâncias, esses sujeitos se apropriavam dos discursos hegemônicos a fim de se integrar no seletivo grupo que representava a burguesia local. Com isso, tomavam para si, padrões de conduta e códigos morais que os distanciavam dos comportamentos adotados pela massa negra paulistana, que entendia e vivia São Paulo de uma forma distinta.

Entender os signos acerca das diferentes formas de ser negro n'*O Clarim da Alvorada*, implica em destacar alguns aspectos no que tange o cotidiano dos sujeitos que idealizaram, produziam e consumiam o jornal, sendo eles, paulistanos que incorporam ou combatem nas páginas do periódico dinâmicas de poder que experienciam na cidade e seus arredores. Dessa forma, apresentar as delimitações e variações no âmbito geográfico, como também as ideologias circulantes à época contribuem na análise do objeto de estudo, percebido através de artigos abertamente questionadores, bem como aqueles textos literários que se mostram em formas políticas na estética e no conteúdo. Também há o que se perceber das relações de diferença e proximidade entre esses negros e aqueles que partilham da mesma raça, mas não das mesmas experiências.

Com isso, no decorrer da seção, as ramificações no que tange um estudo sobre um jornal serão apresentadas, buscando compreender tanto o contexto cosmopolita e ideológico que propiciou o surgimento e as articulações da imprensa negra paulistana, primordialmente, *O Clarim da Alvorada*, e sua relação com os demais negros que as discussões do jornal não alcançam por barreiras linguísticas e essencialmente, sociais.

1.1 - A resplandecência de um fórum de ideias: o surgimento d'*O Clarim*

O primeiro número d'*O Clarim* foi lançado em 06 de janeiro de 1924, assinado por Jaime de Aguiar e José Correia Leite, deu início ao mais longo periódico negro da época, no qual, contou com publicações regulares que duraram oito anos, sinalizando o fim do jornal em 5 de maio de 1932, tendo uma edição única em 8 de setembro de 1940. *O Clarim*, publicava em sua primeira fase (1924-1927) textos majoritariamente literários, enquanto na sua segunda fase (1924-1932) liderada por Correia Leite, apresentava com mais frequência textos

argumentativos voltados para o campo da política e sociedade, traduzidos sob um teor combativo ao sistema hegemônico ao qual estavam inseridos. Segundo Teresa Malatian, *O Clarim* compõe um dos mais significativos jornais da imprensa especializada negra do início do século XX, no qual muito das reflexões da página do jornal colaboraram nas articulações que formariam um movimento negro paulista na época.³

Logo na primeira página, o texto de estreia intitulado “Apresentação”, sinaliza as intenções do jornal em estabelecer uma relação entre os fundadores e demais homens de cor da sua comunidade através de seus números:

Pois bem, assim sendo O CLARIM órgão que surge hoje, pobre, mas cheio de esperanças, apesar de ser redigido por rapazes inexperientes, mas de bons intentos, vem respeitosamente a presença dos bons amigos e leitores apelar pelo seu bom acolhimento que deseja merecer e aproveita o ensejo para fixar a sua publicação mensal.⁴

Assim, o jornal se coloca enquanto um instrumento de diálogo feito pela comunidade negra e voltado para ela, ressaltando a importância de manter uma aproximação entre o polo leitor e o polo editor.⁵

O Clarim surge da reaproximação entre os seus fundadores que eram amigos de infância, conforme é indicado na publicação das memórias de Correia Leite. Através de um tom nostálgico, é abordado o momento em que ambos compartilham a fundação do jornal, no qual a princípio Leite ficaria a par da parte técnica, considerando que até então ele ainda não detinha de tantos dispositivos linguísticos para estar ao lado de Aguiar no que tange a parte de escrita literária:

[...]

Um dia o Jayme deu a ideia de fundarmos um jornal. E disse:

- Eu não tenho confiança em ninguém. Ninguém é meu amigo íntimo como você. Eu me encarrego da parte literária e você faz a outra parte, de tipografia e essas coisas. Concordei, até com o nome que ele [Jayme de Aguiar] sugeriu: Clarim. Fui à tipografia para saber o preço de um milheiro. Foi a alegria quando saiu o primeiro número. Era pequenininho, sem conotação política ou qualquer ideia da comunidade negra. Era um jornal de notícias literárias, embora eu não fosse literato e mal tivesse acabado de ter as primeiras noções de gramática [...].⁶

Assim, o jornal conforme destaca Leite, *O Clarim* seria inicialmente um meio de

³ MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar. *Patrimônio e Memória*. Unesp, v. 14, n.1, p. 340-364, São Paulo, 2018.p. 350.

⁴ Apresentação. *O Clarim*. São Paulo, 04 jan. 1924, p. 01.

⁵ BARROS, José D’Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023. p.57,

⁶ CUTI; LEITE, José Correia ...*E disse o velho militante José Correia Leite*, 19ª ed. rev. – São Paulo. Noovha América, 2007, p. 29.

comunicação entre e para homens de cor que tivessem interesse na literatura.⁷ No seu primeiro número, o jornal contou com a publicação de nove textos, alterando-se entre distintos gêneros literários, como crônicas ou poemas. Na primeira página, foi publicado o poema “Coração”, de Cruz e Souza,⁸ e logo na sequência, um texto biográfico do autor, ressaltando seus feitos tanto no campo literário, quanto na vida pessoal. Em seguida, o próximo texto publicado em formato argumentativo, chamado “Imitemo-los” de Moyses Cintra (pseudônimo de Jayme de Aguiar), assume um caráter educativo, que discorre sobre a importância que o negro deve dar a fim de se colaborar em prol do progresso da nação.

Cabe destacar que a sequência dos textos logo na primeira e segunda página do jornal já são um indicativo direto sobre como o polo editor constitui sua ideologia, isso pois, “a posição física de uma determinada matéria jornalística, que nada tem de gratuito, já nos diz muito sobre a sua valorização e visibilidade”⁹ e sua simbologia no que se refere à forma como espera-se que a mensagem chegue no leitor. Desse modo, já é percebido a relação entre a literatura e o político presente ao longo dos oito anos do periódico.

Aguiar recorre à uma poesia de Cruz e Souza como forma de evocar a memória negra, assim como destacar posteriormente em seu artigo a necessidade de imitação no que tange a sua concepção de cidadão negro civilizado, que está alinhado aos valores da pátria, da moral nacional e que também cumpre com as expectativas do agir de um homem de cor. Nesse sentido, o uso da literatura aqui assume um caráter educativo, conforme assinala Domingues:

A segunda característica dizia respeito à valorização da educação, pois “dar luz e instrução é ter o gozo de brilhante epopeia”. Educação, aqui, tinha um duplo sentido: de formação escolar, tendo em vista o negro se qualificar para obter melhores colocações no mercado de trabalho; e formação cultural e moral, no sentido de ele se “civilizar” e adquirir “bons costumes” e “boas maneiras”, para conquistar respeitabilidade e aceitação por parte da sociedade.¹⁰

Abaixo, na Figura 1, que mostra a capa da primeira edição do jornal, que a diagramação indica que o jornal ainda não possuía tantos textos para serem publicados e por isso, há somente

⁷ Conforme dito anteriormente, a segunda fase da imprensa negra paulista, que compreende todas as publicações d’*O Clarim d’Alvorada*, é reconhecida pelo seu caráter reivindicatório e combativo no que tange as questões políticos, sociais e econômicas do negro. No caso do periódico em questão, o tom das afirmativas se evidencia em meados de 1927, passando por uma mudança editorial que deixa de privilegiar textos literários para publicar textos combativos e políticos. A compreensão da passagem de uma atuação para a outra, anunciada pelo próprio jornal é entendida na pesquisa de forma gradual, na qual, serve como base para a análise a ser apresentada no próximo capítulo, justificando, portanto, a ausência de comentários a fim sobre o tema no dado momento.

⁸ Cruz e Souza (1861-1898) foi um importante jornalista e escritor catarinense que ainda é reconhecido como um dos mais importantes sujeitos que incorporaram no simbolismo brasileiro.

⁹ BARROS, José D’Assunção. op. cit.: p.107.

¹⁰ DOMINGUES, Petrônio; REIS, Ruan Levy Andrade. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 32, p. 148–170, 2020. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i32p148-170. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/169992>. Acesso em: 12 out. 2024.

o artigo de apresentação e o soneto de Cruz e Souza. Podemos inflexionar ainda sobre a escolha de não deixar o poema e o artigo argumentativo “Imitemo-los” na mesma página. Considerando que o segundo busca através da memória de Cruz e Souza trazer a ideia de comportamento exemplar para os homens de cor. Logo, já desde o primeiro número, as escolhas de onde posicionar os textos já estão em voga, pois entende-se que a princípio *O Clarim*, pretende chamar atenção do seu possível polo leitor evocando a memória de um poeta ilustre da época, para que somente depois ele apresente uma reflexão crítica ao comportamento do negro que segundo o texto, estaria fugindo daquilo que traria a elevação da raça, bem como se distanciando da memória de Cruz e Souza.

Figura 1 - Primeira publicação do jornal *O Clarim*, em 6 de janeiro de 1924.



Fonte: *O Clarim*. São Paulo, 06 jan. 1924, p. 01.

Os nomes do jornal se alteraram no decorrer dos anos, conforme apresentado, em seu primeiro número era somente *O Clarim* e assim se manteve até a quarta publicação, em que

passou a ser *O Clarim da Alvorada*.¹¹ Em relação a sua diagramação e formato estético, o jornal em sua primeira edição foi publicado com duas colunas em cada uma das quatro páginas, já no resto do ano as quatro páginas foram preenchidas por três colunas.

A partir do número doze, do ano 1924, o jornal se manteve com quatro colunas e quatro páginas até 1929. Esse padrão só não era adotado em edições comemorativas ou especiais, como aquelas que faziam menção ao 13 de maio. Nesses casos, a edição poderia ter em média seis páginas ou mais, como é o caso da edição número 21 que por fazer alusão ao 13 de maio, contou com 12 páginas em seu número.

Já em 1929, *O Clarim da Alvorada* passou a contar com seis colunas por página, mantendo o modelo de quatro páginas por número, com salvas raras exceções em que poderiam ter seis páginas. Em uma nota publicada pelo jornal em agosto de 1929, Leite comunica aos seus leitores que a falta de espaço o impede de publicar todos os textos que recebe: “Em virtude da grande falta de espaço que estamos lutando, no presente número, deixamos de publicar vários trabalhos de colaboração que temos em mão e a nossa vida social desse mês”.¹²

Podemos sinalizar que essa mudança ocorre pois, neste momento o periódico encontrase em uma nova fase, no qual era de se esperar que houvessem maiores demandas para publicações textuais com cunho social e político. Sendo assim, com pouco recurso financeiro para aumentar definitivamente as páginas do jornal, a solução foi reduzir a fonte e ampliar as colunas, conforme mostra a Figura 2 abaixo.

¹¹ A mudança ocorreu, pois, segundo consta nas memórias publicadas por Leite, um sujeito contatou Jayme de Aguiar e José Correia Leite afirmando já ter um jornal com esse nome, e na situação afirmou que isso seria passível de mover uma ação, entretanto propôs uma parceria entre os três, que foi negada por Aguiar e Leite sob a justificativa de que o jornal do sujeito era de picaretagem, diferente da proposta do até então *O Clarim*, defendido como um jornal de negro. Cf.: CUTI; LEITE. op. cit., 2007, p. 41. Assim, a escolha de acrescentar o “Alvorada” pode sinalizar a intenção do corpo editorial em se anunciar como um alvorecer no horizonte para a sua comunidade, ou seja, de colocar desde o nome do jornal *O Clarim da Alvorada*, como um sinalizador das ideias pretendidas de se consolidar como um órgão guia para a população negra.

¹² “Nota da Redação”. *O Clarim d’ Alvorada*. São Paulo, 18 ago. 1929, p. 04.

Figura 2 - Diferença no padrão de diagramação do jornal O Clarim da Alvorada antes e depois de 1929.



Fonte: *O Clarim da Alvorada*. S. Paulo, 25 jan. 1925, p. 1; *O Clarim da Alvorada*. S. Paulo, 06 jan. 1929, p. 1.

Assim como ocorreram mudanças de fases e diagramações, o corpo editorial também mudou ao longo dos oito anos do jornal. Desde o primeiro número de 1924 até o número 36 de 1927 os únicos nomes que apareciam no cabeçalho do periódico eram Jim de Araguay (anagrama para Jayme de Aguiar) e Leite. Com a mudança de fase, já na primeira edição de 1928 aparece Jayme de Aguiar como redator principal; Leite como redator secretário; Luiz de Souza¹³ como gerente e João Santos Soter¹⁴ aparece como diretor. Somente no número 07 de agosto de 1929 que Leite aparece como redator principal e Jayme de Aguiar como fundador, marcando, portanto, a data em que Aguiar deixa o seu posto no corpo editorial do jornal, no qual, o mesmo anuncia sua saída na edição em questão.¹⁵

Essas mudanças no corpo editorial são traduzidas nas páginas d'*O Clarim* através dos

¹³ Luiz de Souza foi um dos negros militantes que atuaram na formação do Centro Cívico Palmares. Após o fim da organização, Souza junto com outros militantes seguia participando de reuniões com caráter comunista, diferenciando-se de alguns outros sujeitos que não se articularam a partir desse viés. CUTI; LEITE, José. op cit., p. 76.

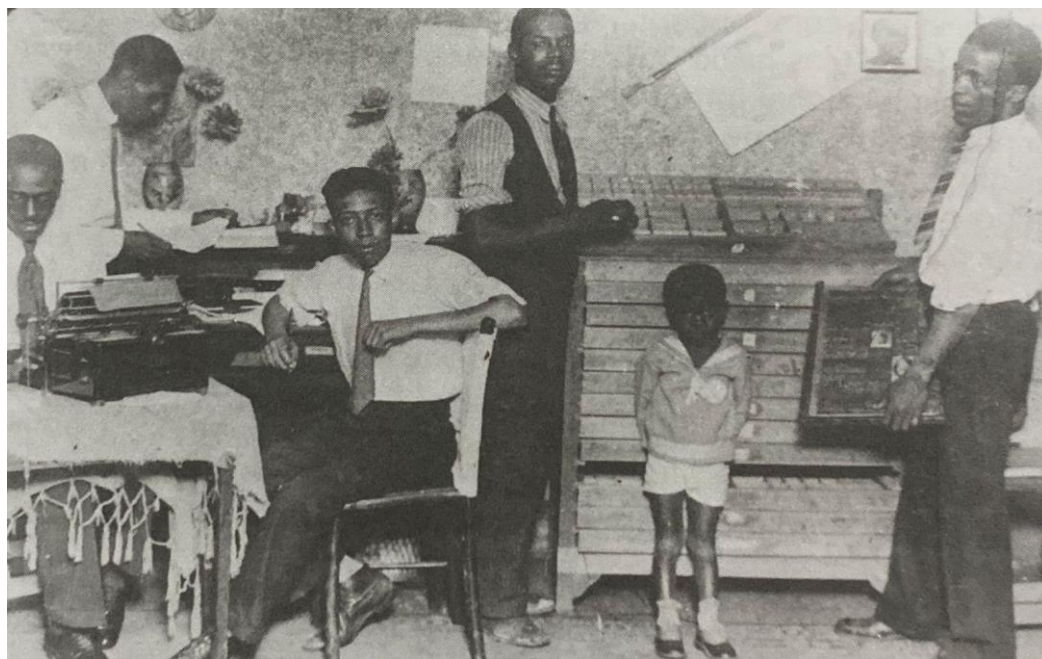
¹⁴ Não foi possível localizar dados biográficos de João de Souza Soter, porém dada a sua colocação no corpo editorial do jornal, é cabível de se pensar que seria um intelectual e/ou militante influente no que entendemos como elite negra paulistana, podendo ter participado das mesmas associações ou reuniões voltadas para discutir a realidade do negro

¹⁵ “Jayme de Aguiar”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 12 ago. 1928, p. 03.

textos publicados, que dialogam entre as páginas e edições, montando um espaço aberto de debate literário e político para a elite negra paulistana. Nesse sentido, é percebido através das adições de novos integrantes no polo editor a preocupação do jornal em se manter conectado com os mais distintos pensamentos e formas dissidentes de existir enquanto um indivíduo negro no Brasil e no mundo, considerando as influências internacionais, e com isso, favorecendo na compreensão das redes de sociabilidade no qual o periódico se apoia.

Outra mudança sinalizada nas páginas do jornal foi a transferência da sede d'*O Clarim da Alvorada*, que inicialmente era na Rua Ruy Barbosa, 105, no bairro do Bexiga, onde residia Jayme de Aguiar. Com a sua saída do corpo editorial, o endereço passou para a Rua Major Diogo, 131, também no bairro do Bexiga, neste momento, o endereço residencial de Leite, conforme a ilustração da Figura 3 sinaliza.¹⁶ Entre mudanças de endereço e outras pequenas alterações transcritas em editores e fases, *O Clarim da Alvorada* circulava com uma média de 1000 e 2000 exemplares em cada tiragem,¹⁷ um número considerável considerando o público-alvo do jornal, que se restringia a uma pequena parcela letrada da população negra.

Figura 3 - Pequena oficina do jornal *O Clarim da Alvorada* na década de 30, residência de José Correia Leite.



Na fotografia, da esquerda para a direita temos: Átila de Moraes, Manoel Antonio dos Santos, Luís Braga, Henrique Cunha, Raul (filho de Correia Leite), e Gentil Castro. Fonte: CUTI; LEITE. Op. cit., 2007, p. 98.

¹⁶ CARVALHO, Gilmar Luiz. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo. 2009. 210 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. p. 134.

¹⁷ *Ibidem*, p. 135.

Com edições mensais, *O Clarim da Alvorada* se propunha a manter uma regularidade em suas publicações, que por vezes era afetada em decorrência de problemas financeiros, e com isso, se ausentando em alguns meses durante seus oito anos. As dificuldades em relação à dinheiro eram presentes na maioria dos jornais da pequena imprensa da época, e com *O Clarim da Alvorada* não seria diferente.

Diferente de alguns jornais que conseguiam arrecadar uma boa verba com anúncios publicitários, *O Clarim da Alvorada* não tinha a mesma sorte ou alcance. Conforme constatado por Francisco, “com relação as propagandas, as edições até o ano de 1929 não tinham mais do que quatro anúncios, com exceção daquelas comemorativas que destinavam às vezes duas páginas à publicidade”,¹⁸ atestando que o caminho publicitário não era o suficiente para manter os gastos do jornal.

Quanto ao conteúdo das poucas propagandas encontradas no jornal podemos sinalizar alguns anúncios que aparecem com determinada frequência, como por exemplo, do dentista “Dr. N. Baptista Filho” e do advogado e posteriormente colaborador d’*O Clarim da Alvorada*, Theophilo B. Washington, cujo nome pode ser uma referência e/ou homenagem à Theophilo Dias de Castro, outro negro intelectual e militante que já havia publicado sobre Luiz Gama no jornal *O Progresso*, em 1899, salientando a rede negra que se formava desde o século XIX.

Um ponto em comum entre as mais diversas propagandas e anúncios encontrados é o fato de que os anunciantes comunalmente sinalizam serem homens ou mulheres de cor. Tendo em mente que tratamos aqui de um jornal da imprensa negra paulista, podemos entender que: indicar a raça como um meio de estabelecer um vínculo entre anunciantes e leitores, como uma forma de se colocar enquanto um grupo/unidade. Isso certamente interfere na escolha do polo leitor em recorrer em determinados serviços, de modo que optem em escolher aqueles com quem compartilham a mesma comunidade.¹⁹

A questão financeira se amplia quando formos pensar nos valores cobrados, no qual os números avulsos se mantiveram por \$200 réis durante os oito anos do jornal, bem como a assinatura mensal que era 1\$000. De forma contrária, em 1926, *O Clarim da Alvorada* começou a vender a assinatura anual, chegando em 5\$000 réis em 1929, já em 1930 alcançando o valor mais caro em toda a trajetória do periódico, com 12\$000, mas voltando a cobrar 6\$000,

¹⁸ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, p. 30.

¹⁹ SANTOS, Renan Rosa dos. *Ideias e Ações pela Integração Negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2021, 181 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2021. P; 83-84.

imagina-se que causado pela falta de pagamento dos assinantes. Conforme já foi sinalizado a falta de pagamento resultou em problemas financeiros agudos no jornal. Devido a isso, que por vezes o jornal era distribuído em centros ou clubes dançantes voltados para a população negra, conforme destaca Leite: “os jornais da época, os pequenos jornais, circulavam nesse tipo de concentração de rua, mas o forte de distribuição eram os bailes”.²⁰

Na segunda edição do jornal o texto assinado pelo corpo editorial intitulado “Agradecimentos” indica o papel de algumas dessas associações: “[...] às sociedades abaixo mencionadas os nossos agradecimentos: XV de Novembro, XIII de Maio, Paulistano, Primavera, Bandeirantes, Flor da Mocidade, União Brasil e Militar, Rio Branco e Princesa do Sul”,²¹ bem como outras que aparecem na seção “Vida Social”, em que eram publicados os avisos e anúncios de bailes, comemorações e demais notícias no que tange o cotidiano da elite negra paulistana.

Leite apresenta em seu livro de memórias essa parte do jornal como essencial, pois ela promove uma relação entre as publicações d’*O Clarim da Alvorada* e a comunidade que ele busca se inserir, e assim, criando uma relação entre os frequentadores desses espaços e o periódico, como uma forma de indicar que suas páginas contemplam os temas responsáveis por criar uma afinidade entre os polos leitor e editor.

À vista disso, compreendemos *O Clarim da Alvorada* enquanto um periódico que se dedicou a atender as demandas sociais da população negra à época. Ao adotar um posicionamento mais contundente e combativo, essencialmente após a sua mudança de fase, indica a preocupação em abordar o problema do negro, que deixa de ser lido predominantemente como responsabilidade do próprio, para também ser entendido enquanto um efeito dos anos da escravidão, bem como do tratamento que essa população recebeu nos anos que seguiram a abolição. É preciso destacar que mediante a um comportamento incisivo, *O Clarim da Alvorada* ainda bebia das ideologias dominantes, tendo em mente que o seu aparato teórico à época não era o suficiente para fazer com que houvesse uma ruptura completa.

1.2 - Teorias raciais no Brasil: imigrantismo, branqueamento e territórios negros

As articulações que determinam costumes, tradições, ações e as disputas de poder partem de um plano ideológico, no qual, é através das ideias que a materialidade das sociedades

²⁰ CUTI; LEITE, José. op. cit.: p. 45.

²¹ *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 03 fev. 1924, p. 01.

surgem. Sendo assim, para compreender São Paulo e o surgimento do jornal *O Clarim da Alvorada*, é preciso de antemão elucidar sobre quais ideologias circundavam o país e suas relações sociais. O Brasil desde antes do fim da escravidão e da Proclamação da República já recebia do meio internacional inúmeras ideias novas, que eram reinterpretadas e utilizadas para guiar o futuro da nação que se colocava naquele momento em mudanças incisivas e contundentes.²²

Essas ideias se formaram a princípio na Europa, a fim de servir como uma teoria que explicasse e também diagnosticasse as sociedades a nível mundial, mediante estudos centrados na raça, originando as teorias racialistas. Quanto à essas ideologias raciais, dentre as mais variadas, a que recebeu maior destaque foi a leitura feita pelo inglês Herbert Spencer (1820-1903) da teoria evolutiva de Charles Darwin de 1859, encontrada na sua obra “A origem das espécies”, em que Darwin explana que os seres vivos de cada espécie que sejam mais aptos sobrevivem, enquanto os menos aptos entram em extinção. O chamado darwinismo social de Spencer, se utiliza do conceito de evolução elaborado por Darwin na raça humana, em que afirma que determinadas raças humanas estariam mais aptas que outras, no que tange o “gênero humano”.

Essa leitura, portanto, compreendia negros, ameríndios e demais raças sob o viés da primitividade e atraso, no qual, seriam lidas como inferiores as outras, leia-se essencialmente brancos. Essa teoria foi amplamente divulgada no Brasil, essencialmente em instituições de formação do ensino superior de elite, tal como na Escola de Direito de Recife.²³

Cabe ressaltar previamente que o presente texto não se propõe a apresentar e interpretar a fundo as teorias racialistas produzidas desde a primeira metade do século XIX,²⁴ mas sim compreender a forma como ela foi reelaborada pela elite intelectual brasileira, de forma a pautar as teorias e interpretações próprias sobre o país e sua população. Por consequência, pretende-se entender como que esse material ideológico fundamenta a sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, sendo esta sociedade em que surge o objeto da pesquisa.

Com isso, ainda no século XIX, podemos destacar o papel dos Institutos Históricos e

²² SCHWARCZ, Lília Moritz. *Espetáculo das Raças: ciências, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

²³ A recepção das teorias científicas deterministas significava a entrada de um discurso secular e temporal que, no contexto brasileiro, transformava-se em um instrumento de combate a uma série de instituições assentadas. No caso da faculdade de Recife, a introdução simultânea dos modelos evolucionistas e social-darwinistas resultou em uma tentativa bastante imediata de adaptar o direito a essas teorias, aplicando-as à realidade nacional”. Ibidem, p. 197.

²⁴ Ibidem, p. 14.

Geográficos do Brasil – IHGB – cujos membros se debruçavam nos quesitos nacionais a fim de promover uma leitura sobre a história nacional, bem como tratar de pensar o futuro da nação. Mediante isso, que em 1844 o IHGB se propôs a premiar o projeto “*Como escrever a história do Brasil*”,²⁵ do naturalista alemão Karl Friedrich Philipp von Martius, estreando um dos textos com maior destaque do período sobre o tema.

No escrito em questão, Martius elabora um panorama sobre a formação do Brasil, atribuindo a miscigenação como o fator fundante da sociedade brasileira. Sendo um dos pioneiros em instrumentalizar a miscigenação brasileira, Martius evidencia que através da mescla entre as três raças (branca, indígena e negra), que o *modus operanti* do branco iria agir para alcançar a civilidade nacional, logo, apontando o branco português como norteador das raças, e com isso, transformando o Brasil em uma nação devidamente ocidental em rumo ao progresso.

Essa ideia foi divulgada nos espaços científicos e acadêmicos do Brasil, sendo passível de reinterpretações por parte dos intelectuais que se formavam nestas instituições, como é o caso de um dos mais célebres, Sílvio Romero. Evocamos a interpretação de Romero, pois além de que o trabalho intelectual dele ter sido uma das bases para as teorias racialistas brasileiras, o mesmo também aparece nas páginas d’*O Clarim*. Romero tenta por assim dizer, pensar o país e a sua formação, de forma a se atentar para dois nichos essenciais que compunham o pensamento científico da época: o progresso e a construção de uma nacionalidade, ambos seguindo moldes e preceitos de uma civilidade ocidental que hoje compreendemos que não comporta a realidade do Brasil.

De forma muita das vezes saudosista, as aparições à memória do intelectual são divulgadas nas páginas do jornal, ainda que sua obra seja um tanto quanto dúbia ao se referir aos negros e seu papel na sociedade brasileira. Em um dos artigos publicados por Lino Guedes na edição de 25 de abril de 1926, chamado “Moda Exótica”²⁶ há uma breve menção à Sílvio Romero, quando o articulista questiona sobre a ancestralidade perdida da comunidade negra, e em meio a isso retoma ao intelectual ao final do texto, em que busca alertar aos leitores sobre como agir mediante ao apagamento sociocultural que as heranças negras sofrem no país: “precisamos ter um ideal. Viver unicamente para ele, um povo sem ideal diz Sylvio Romero, é

²⁵ Cf. MARTIUS, Carlos Frederico Von. *Como se deve escrever a História do Brasil*. Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. N. 24, janeiro de 1845.

²⁶ O referido texto será abordado mais a fundo no próximo capítulo, em que o debate acerca o simbolismo quanto ao passado será tratado.

como um indivíduo sem ambição e sem estímulo – terreno árido e estéril, onde nada germina e frutifica.”²⁷

Nesse sentido, percebe-se o uso da figura de Romero como um reforço para o caráter educativo presente nas páginas do jornal, que se utiliza de diversas formas textuais para conscientizar e educar a sua comunidade. No caso apresentado, podemos destacar que a obra de Romero não foi amplamente utilizada, mas é abordado como Guedes entende sua atuação de intelectual negro, ao passo que o utiliza como recurso educativo, direcionando seu discurso para a necessidade do negro em se alinhar ao ideal de cidadania e progresso, da pátria e da raça, logo, sendo uma expressão da consciência prática, isso pois, é nela que está o que é vivido. Ou seja, ainda que sob uma ideologia de branqueamento no qual Romero bebe e divulga em seus trabalhos científicos, Guedes, utiliza disso para tratar da sua realidade, aquela em que percebe o apagamento da memória do negro, bem como clama por ideal em comum ao seu povo, e portanto, tornando-se um exemplo da alternativa ao que se tem de consciência fixa, ou em outras palavras:

A consciência prática é quase sempre diferente da consciência oficial, isso não é apenas uma questão de Liberdade relativa ou controle. A consciência prática é aquilo que está sendo realmente vivido, e não apenas aquilo que acreditamos estar sendo vivido. Não obstante, alternativa real às formas fixas recebidas e produzidas não é o silêncio: não há ausência, o inconsciente, que a cultura burguesa mitificou. É um tipo de sentimento e pensamento que é realmente social e material, mas em fases embrionárias, antes de se tornar uma troca plenamente articulada e definida. Suas relações com o que já está articulado e definido são, então, excepcionalmente complexas.²⁸

À vista disso, assim como Martius, Romero se usa da miscigenação para elucidar as questões que se propõe a debater em suas mais diversas obras, e com isso a interpreta como um fator determinante para o progresso brasileiro.²⁹ Segundo o autor, o Brasil se fez pelo caminho da miscigenação, formando assim, uma população mestiça em sua totalidade, e por consequência, Romero não poderia se valer desse fenômeno enquanto algo que propiciaria na degeneração da raça, conforme as primeiras teorias raciais formuladas apontavam.

Em seu trabalho mais lembrado, *História da literatura brasileira*, Romero usa como pano de fundo o tema literário para debater e apresentar sua perspectiva sobre a formação do país, em que o papel conciliador entre as teorias racistas e nacionalista mais se evidenciaria.³⁰ À vista disso que da mesma forma em que ele aceita a miscigenação como um aspecto singular e fundador do nacional, ele também acentua a superioridade do branco na hierarquia das raças,

²⁷ GUEDES, Lino. “Moda exótica”. O Clarim da Alvorada. São Paulo, 25 abr. 1926, p. 03.

²⁸ WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 133.

²⁹ SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. *Projeto História*, n.42, pp.163-183. Junho de 2011, p. 169.

³⁰ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1943.

assim como ocorreu em quase todo o pensamento ocidental da época. Logo, ainda que Romero tenha se apossado da premissa racista na conceituação de raça, ele se propunha a encontrar o povo brasileiro no meio disso, reinterpretando as teorias racialistas de modo a dar sentido na formação racial e populacional no Brasil.³¹

No cerne da teoria elaborada por Romero, a miscigenação assumia o caráter singular do Brasil, enquanto um fator determinante e fundamental para o progresso: seria pelo caminho da mestiçagem que a nação alcançaria o auge civilidade, pois ela seria capaz de diluir os elementos e a herança não-branca no Brasil. Para ele a miscigenação no Brasil seguiria pelo caminho contrário daquele elaborado por pensadores europeus, pois não levaria a degeneração, mas sim, seria a redenção e salvação da pátria, tendo em mente que era impossível negar o Brasil enquanto um país cujas raças mesclavam-se desde o século XV. Com isso, o intelectual pode articular artifícios do nacionalismo e das teorias racialistas, em que através do embranquecimento da população brasileira mediado pela miscigenação, que a sociedade brasileira alcançaria a civilidade ocidental. Conforme assinala Alberto Luiz Schneider:

Trata-se de uma habilidosa leitura matizada por um ideal nacionalista e ao mesmo tempo evolucionista, em que as tensões herdadas do passado deveriam ser sanadas para que no futuro negros, caboclos, sertanejos, mulatos, filhos de imigrantes e a própria elite tradicional pudessem se sentir pertencentes à mesma esfera histórica, à nação brasileira. Ao afirmar, no momento de otimismo, que “a forma branca prevalece e prevalecerá”, o autor parece querer incluir os vencidos na genealogia da nação, como partícipes da formação de um “tipo novo”, um brasileiro embranquecido, mas inexoravelmente mestiço: ‘Não deve aí haver vencidos e vencedores; o mestiço congaçou as raças e a vitória deve assim ser de todas as três’.³²

É seguindo essa lógica que chegamos ao ideário do branqueamento no Brasil. Em concordância que a miscigenação não seria a causa para a depravação brasileira, a ideia de tornar o país branco fundamentou o racismo científico à moda nacional. Percebe-se que os meios em que o ideário do branqueamento encontrou para diluir o negro da sociedade foi através da mestiçagem e da sua supressão no meio social, mediados pelo incentivo à imigração europeia, no qual, diligenciava-se dispersar a negritude do país.³³ Essa configuração promovida e defendida pela classe dominante pode ser entendida enquanto etnocídio, no qual através da difusão da mestiçagem tanto biológica quanto cultural se propunha em extinguir a identidade racial negra.

³¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Espetáculo das Raças*: op. cit., p. 201-202.

³² ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. apud SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvio Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. *Projeto História* n.42, pp. 163-183. Junho de 2011. Disponível em <https://cutt.ly/nx1sxL8>.

³³ HOFBAUER, Andréas. “O conceito de ‘raça’ e o ideário do ‘branqueamento’ no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro”. *Teoria e pesquisa*, São Carlos-SP: UFSCar, n. 42-43. 2003, p. 68.

Quando Leite expõe suas memórias, em dado momento é retratado essa ideologia de branqueamento em sua vida quando recorda o período anterior a fundação do jornal, ou seja, o momento em que se debruça nas questões referentes a intelectualidade negra brasileira da época. Leite diz:

O começo eu fui influenciado pelo fato de muita gente ter admiração pelo índio. Também entrei nessa de ser descendente de índio. Não conheço bem a minha origem, mas como um índio é uma das 3 raças da formação da nacionalidade brasileira, então eu fiquei nessa de dizer que a minha descendência era do índio. Eu queria fugir do mulatismo para entrar nessa linhagem do branco com o índio, tirando o africano do meio. Mas essa minha ideia passou logo. Foi na época que eu ainda não tinha entrado para o meio negro.³⁴

Aqui, Leite expõe seu entendimento sobre a construção de uma identidade racial anterior e posterior ao momento em que encontra debates acerca da racialidade. A ideia de “fugir do mulatismo para entrar nessa linhagem do branco com o índio, tirando o africano do meio” é uma tradução do pensamento hegemônico da branquitude dominante de excluir o negro da sociedade, atingindo para além de ideários de branqueamento no plano real, mas também no ideológico, em que a constatação de ser negro torna-se um empecilho ao se entender racialmente e enquanto brasileiro.

À vista disso que se entende a mestiçagem enquanto uma etapa do processo de branqueamento da população brasileira, em que “a miscigenação roubou o elemento negro de sua importância numérica, diluindo-o na população branca”.³⁵ A afirmação de Munanga é compreendida no processo em que o incentivo à imigração se tornava fundamental para as políticas nacionais, no qual, a preferência por mão-de-obra dos imigrantes desencadeava em uma segregação silenciosa da população negra de diversos espaços públicos e privados.

Com isso, se estipula os liminares da branquitude brasileira, que procurava na imigração a solução para seus problemas da raça, ou seja, dos negros e do considerável atraso que eles causavam e causariam para o país. O ideário do branqueamento atinge seu ápice através da eugenia, um conceito formulado primeiramente por Francis Galton (1822-1911), que defende a necessidade de controlar a reprodução das raças “inferiores”. Apoiado em uma distorção científica da análise genética desses povos, visava atingir o ponto alto da raça através do eugenismo, ou seja, da extinção daquilo que remetesse o atraso, logo a população não-branca.³⁶

³⁴ CUTI; LEITE, José. op cit.: p. 53.

³⁵ MUNANGA, Kabangele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 110.

³⁶ MACIEL, Maria Eunice. “A eugenia no Brasil”. *Anos 90*, n. 11, p. 121-143, 1999. DOI: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6545>.

O debate sobre branqueamento no Brasil se fundamenta ainda mais com as contribuições de João Baptista de Lacerda,³⁷ que se aprofunda ao discorrer sobre miscigenação e branqueamento populacional, no caso, alcançando a fundamentação da eugenia. Dessa forma, entre 26 e 29 de julho de 1911, Lacerda foi ao Congresso Internacional das Raças, em Londres, com apoio do Estado. Este evento contou com a reunião de mais de 50 países que se debruçaram para centralizar seus esforços nas possibilidades cabíveis para a relação entre brancos e não brancos ao redor do mundo.³⁸

No presente congresso, Lacerda ainda que não seja a melhor representação do debate mundial sobre miscigenação, apresenta uma perspectiva que considera “otimista” quanto ao futuro racial do país. Segundo o intelectual e médico, a mestiçagem seria fundamental para o branqueamento do Brasil, e como decorrência, o ansiado progresso.³⁹ Neste sentido, Lacerda sustenta sua teoria através de três pilares principais: as relações sexuais em si, no qual entende que entre relações inter-raciais, sempre ocorrerá a procura por um parceiro com tons de pele mais claro; a efervescência branca, resultado do crescente número de imigrantes brancos se instalando nas cidades brasileiras. O último pilar seria o abandono e segregação da população negra, que faria com que esse grupo se isolasse de forma crescente e contínua de modo que desapareceria. Lacerda se utiliza desses fatores para prosperar o fim da população mestiça/negra até o final do século XX.⁴⁰

Ao sintetizar os pilares que compreendiam o projeto de embranquecer o país, o Estado brasileiro poderia de forma indireta ou não interferir, de modo que ambos se correlacionam. A chegada de imigrantes, bem como a segregação da população negra atuam no cotidiano de forma conjunta, visto que as políticas e incentivos financeiros para a vinda de imigrantes somado com a preferência destes nos ofícios e o aburguesamento das cidades faziam com que a população negra fosse cada vez mais colocada às margens. Neste cenário a parcela negra acaba ocupando as periferias e se isolando dos centros.

³⁷ “Intelectual de renome nacional, Lacerda formara-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, era autor de pesquisas na área de fisiologia e microbiologia, tendo exercido atividades de relevo durante sua carreira. Foi ministro da Agricultura e, no Museu Nacional, chefe do Laboratório Experimental e subdiretor das sessões de zoologia, antropologia e paleontologia”. SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde*. Manginhos, RJ. v. 18, n. 1, jan-mar. 2011, p. 226.

³⁸ SPILLER, 1911, apud SANTOS, Ricardo Ventura; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012, p. 747; SCHWARCZ loc. cit.

³⁹ LACERDA, João Baptista de. Sur le métis au Brésil. In: *Premier Congrès Universel des Races*: 26-29 juillet 1911. Paris: Devouge. 1911 apud SCHWARCZ. “Previsões são sempre traiçoeiras” ... op cit. 230.

⁴⁰ SANTOS, Ricardo Ventura; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012, p. 754.

Todas essas transformações culminaram em mudanças concretas no cotidiano dos sujeitos que compunham a sociedade brasileira, que naquele momento buscavam-se definir em uma unidade nacional. Assim, a materialidade paulistana, e do Brasil como um todo passou por renovações urbanas e estéticas, em que se redefiniam os espaços a serem ocupados por distintos grupos nacionais, dentre eles os brancos nacionais, os imigrantes, e em especial para o presente trabalho, os negros.

Algumas regiões de São Paulo se estabeleceram predominantemente como espaços de sociabilidade e sobrevivência desse grupo, tais como Bexiga (atual Bela Vista), Barra Funda ou também Jabaquara e Penha. Esses espaços, podem ser compreendidos através do conceito de territórios negros, que já foram tema de pesquisa de áreas como Geografia e Antropologia. Será útil o significado do conceito para dar sentido a formação, manutenção e meios de sociabilidade existente entre aqueles indivíduos que ocupavam esses lugares.

Quanto ao bairro Bexiga,⁴¹ sendo o espaço onde a sede d'*O Clarim da Alvorada* se localizava, e com isso, merece destaque no devido texto, tendo em mente que apesar dos esforços em europeizar esse território através do embranquecimento e fixação de imigrantes nele, ainda é possível perceber traços de uma cultura e sociabilidade negra que manteve e criou o bairro como ele é até a atualidade. Localizado em uma área central de São Paulo, o bairro surgiu de um espaço que ainda no século XIX era utilizado para tortura de escravizados negros que resistiam ao sistema escravista através da fuga, e devido à isso que surgiu naquela região um quilombo as margens do rio Saracura, que também foi o nome do quilombo.⁴² Dessa forma, surgindo do Quilombo Saracura, o bairro Bexiga, foi um dos principais territórios negros, no qual as moradias e manifestações culturais que envolvem religião, dança e festas se solidificam na área urbana da cidade.⁴³

N'*O Clarim da Alvorada*, o Bexiga aparece majoritariamente em alguns anúncios publicitários, sinalizando o local para atendimento do serviço prestado a ser anunciado, entretanto, também é utilizado em um dos textos publicados na segunda edição do jornal

⁴¹ *O Clarim d' Alvorada* possuiu dois diferentes endereços em seus 12 anos de circulação. Tanto o primeiro (Rua Ruy Barbosa, 105) quanto o último (Rua Major Diogo, 131) ficavam no Bexiga.

⁴² A presença de um quilombo ali vem, provavelmente, ainda do século XVIII. Sobre a história do quilombo do Saracura Cf.: LIMA, Alessandro Luís Lopes de. "Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bixiga". *Argumentos*, vol. 17, n. 1, jan/jun. 2020, pp. 153-177; CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga, um bairro afro-italiano: comunicação, cultura e construção de identidade, étnica*. Dissertação de Mestrado em Comunicação pela ECA/USP. São Paulo, 2006.

⁴³ *Ibidem*, p. 78.

publicada em 03 de fevereiro de 1924, chamado “Telegrammi”,⁴⁴

Bixiga – Urgente. Nun é pur sere u bairro da ridaçó, qui nois vamus aparelare bene. Noutrus tempus u Bixiga era abitadu pur giente disordieros i outrus maus elemento, ogi as coisas mudaro, só si ve gentes chikis, i tuto trabalhadores, a di andare sempri mais na ponta.⁴⁵

O trecho discorre sobre o bairro Bexiga, ressaltando a sua passagem de um espaço ocupado desordeiros, mas posteriormente mudando, no qual, até destaca ao dizer que não escreve isso por ser o bairro da redação, mas que entendam bem, agora era um bairro de gente chique. Entende-se isso pois o Bexiga passou a modernizar-se e receber cada vez mais sujeitos tidos como ilustres da comunidade negra. É nesse ambiente que os bailes e reuniões da elite negra paulistana ocorriam tornando-se assim um espaço concreto que simbolize as redes de sociabilidade desse grupo, e por isso aparece sendo referenciado no jornal.

O texto segue falando de outros bairros, fazendo referências às simbologias de cada um, tratando do “Libertá” como um bairro de “bona gienti i u mais perto da città”, além de também dizer sobre o “Campos Eliço” como “u bairro chukis du grupu du argentino”. Nesse sentido, ele busca até que de uma forma caricata e cômica, tendo em mente que o próprio jornal se anunciava a partir da sua terceira edição enquanto um “órgão noticioso, literário e humorístico”, caracterizar os espaços ocupados pela elite negra paulistana, a fim de produzir material de reconhecimento de si e do outro em uma mesma identidade.

Além disso, o texto também faz parte do que entendemos no presente trabalho de uma forma do jornal apresentar a sua interpretação sobre a divisão de espaços com imigrantes, em especial, os italianos. Isso porque ele aparece por meio de uma coluna que surge logo no primeiro número e permanece de forma irregular essencialmente na primeira fase do periódico chamada *U Clarino*. Os textos publicados nessa coluna sem autoria assumida são escritos de forma a imitar a forma dos imigrantes italianos falam o português brasileiro, de modo a caçoar da pronúncia e do sotaque desses sujeitos.⁴⁶

A linha interpretativa dessa coluna segue conforme o analisado no trabalho de Santos, tendo em vista que trabalhos posteriores ao dele, era entendido que haviam de fato italianos publicando no jornal, em especial o texto assinado por “Juo P. Carreta”, que se diz um professor universitário que reivindica a cidadania brasileira ainda que não domine propriamente a língua

⁴⁴ Manteve-se a forma como o texto foi publicado no jornal, pois neste caso, a sua grafia não é distinta apenas por questões de mudanças na língua, mas sim porque é uma forma linguística usada pelo jornal para abordar a relação entre negros-italianos, a ser trabalhada com mais detalhes no texto em si.

⁴⁵ “Telegrammi”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 03 fev. 1924, p. 04.

⁴⁶ SANTOS, Renan Rosa. op cit.: 150.

oficial do país, logo, como uma sátira à forma como os negros brasileiros enxergavam a ocupação de imigrantes no seu ambiente. Renan dos Santos também pensa sobre a escolha do nome do próprio personagem, que soa como um trocadilho com a palavra picareta.⁴⁷ Dessa forma, a compreensão da relação entre negros e imigrantes através do território aparece a princípio como conflitante a partir dos usos do humor e do sarcasmo nos artigos citados.

À vista disso, os territórios podem ser conceituados enquanto um espaço social que se define e se limita pelas relações de poder estabelecidas em um plano maior, ou seja, são uma forma na qual as disputas entre grupos se manifestam no plano material.⁴⁸ Com isso, podemos de antemão sinalizar que nesse momento, o território atua como uma forma de se perceber como que uma cultura dominante atua sob a população negra à época, configurando sentidos a segregação desse grupo através do espaço urbano, sendo ele majoritariamente negro ou percebido através da divisão com imigrantes e/ou brancos pobres.

Ao versar mais especificamente sobre territórios negros, “estamos contando não apenas uma história de exclusão, mas também de construção de singularidade e elaboração de um repertório comum”.⁴⁹ Raquel Rolnik conceitua por assim dizer, o território como um campo em que se manifestam as disputas por poder, e trazendo o enfoque para território negros, nos propõe a refletir acerca das implicações raciais nesse embate, que trazem historicidade aos processos de segregação e solidariedade racial, como também no racismo contemporâneo à época.

Historicizar esses espaços é imprescindível para a pesquisa, porque através desse processo que será possível perceber como as dinâmicas urbanas possibilitaram o surgimento d’*O Clarim da Alvorada*, como também sinalizar quem são seus fundadores e compreender da onde eles partem. Dessa forma, o que entendemos por territórios negros, são o berço de formação do jornal em análise, não se fazem somente por escolhas ou ao acaso, eles se formam primordialmente através da resistência, pois segundo Leite, eles se constroem,

Como forma de defesa organizada numa situação de conflito, de tensão étnica e social e principalmente como suporte sob o qual se assentam atitudes coletivas de enfrentamento, a noção genérica de território negro não esclarece a complexidade das formas de apropriação do espaço por estes grupos.⁵⁰

Através do assinalado pela antropóloga, compreende-se que a organização produzida

⁴⁷ SANTOS, Renan Rosa. op cit.: 151.

⁴⁸ SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES; Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 77-116.

⁴⁹ ROLNIK, Raquel. op. cit., p. 76.

⁵⁰ LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: Invisibilidade histórica e segregação. In: In: LEITE, I. B. (org.). *Negros no sul do Brasil — invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina/SC: Letras contemporâneas, 1991.

por homens e mulheres negras ao se constituírem em um espaço coletivo ocorre como uma resposta ao sistema dominante em que se inserem, enquanto um meio de se estruturarem como um coletivo. Devemos destacar por ora que nem toda articulação ocorre de maneira consciente e tampouco com caráter combativo, pois muitas das vezes ela pode se formar na qualidade de um mecanismo inconsciente, que busca solidariedade através das mesmas experiências/pertenças.

Nesse sentido que retornamos ao trabalho de Rolnik, que examina a historicidade dos citados territórios negros apontados anteriormente, no qual, ela mapeia e constrói uma narrativa descritiva sobre a formação desses espaços e suas especificidades. Com isso, a autora atribui sentidos ao que estamos tratando como resistência no presente texto, enquanto um artifício de solidariedade mútua entre a população negra.

Percebe-se essa noção, quando no texto “Duas Primaveras” publicado em maio de 1924, Maria de Lourdes, uma articulista recorrente nas páginas d’*O Clarim* discorre sobre amizade, desencontros, saudade e sentimento de pertencimento,

Luisinha não te recordas daquela senhora que passa todas as manhãs com uma criançinha morena, de olhos pretos muito engraçadinha?

Não querida Sisi.

Ainda ontem, quando nós estávamos à janela ela me cumprimentou!

Ah sim, agora me lembro Sisi. Pois vem Luisinha, fomos durante muitos anos amigas, íamos a escola, brincamos muito, depois passado alguns anos, separamo-nos, motivo de sua mudança para outro bairro. Soube mais tarde, pela minha professora que se casara com um ótimo rapaz. Com quem Sisi !.. Com o Tobias, aquele moreninho, que tanto falaras...

[...]

As duas entreolharam-se.

Oh quantas saudades, Sisi! ... não te recordas Luisinha de quando éramos crianças e nestas horas íamos alegres com nossos ramalhetes de rosas lindas, entoar [sic] a nossa Mãe Santíssima?

E de suas faces caíram lágrimas de saudades!⁵¹

No trecho, o eu lírico através da passagem da senhora, conversa com sua colega sobre suas memórias de infância que foram interrompidas após sua colega mudar de bairro e com isso afastar as duas, fazendo com que só se saiba da outra através de conversas com terceiros, como saber com quem se casou, como está a vida e filhos, remontando ao sentimento de nostalgia e do desconhecido, por não serem mais próximas. Isso é um indicativo, por meio do conto, de como a sociabilidade assegurada por um território (negro) é fundamental para a formação do indivíduo. Pois o sentimento de saudade remonta a uma ideia de pertencimento não somente ao bairro, mas as relações estabelecidas nesse ambiente e o seu papel na formação de ideias, pois ao longo do texto, o eu lírico evidencia como almeja uma vida tal qual aquela que teve

⁵¹ GLÓRIA, Maria da. “Duas primaveras”. *O Clarim*. São Paulo, 13 mai. 1924, p. 03.

conhecimento de sua amiga.

Além da relação de amizade e pertencimento, também podemos destacar como o texto assinado por uma mulher é uma clara representação das ideias religiosos hegemônicos na mentalidade desse grupo. A percepção de um casamento, distante das vulgaridades mundanas e também o exercício de uma boa maternidade são descritos no texto e também pautam o sentimento de nostalgia/anseio pelo desconhecido descrito no final, que acompanha a precaução das duas amigas, que refletem se um dia terão a possibilidade de viver tal qual as histórias que sabem da colega de Luisinha. Dessa forma, sendo um fator determinante na construção de uma ideologia presente no mundo das mulheres negras, que no final das contas se distancia da realidade, considerando que a vida concreta dessas mulheres era fortemente atrelada ao papel de chefe da casa, impossibilitando que o ideal cristão branco de família se concretizasse.⁵²

Seguindo o tema de noção de pertencimento através do território negro temos a crônica “Orgulho”, assinada por Leite três edições anteriores, onde a amizade também se torna o tema central. No texto, Leite fala sobre um grande amigo que se formou em tempos laboriosos, mas que quando o outro consegue uma ascensão, não se vê mais como camarada, até que tempos depois “te vejo passar reto e humilde como nos outros tempos”. Finaliza o texto dizendo “foram-se as ilusões, mas uma amizade sincera nunca se acaba e é procurada e encontra-se nos momentos de amarguras de nossa vida”.⁵³

Aqui mais uma vez o valor da amizade é retomado através do prisma das redes de sociabilidade estabelecida pelos sujeitos da história. O eu lírico percebe a mudança de comportamento do amigo ao ter noção que o mesmo estava em um emprego que possibilitou uma ascensão social pautada na relação estabelecida entre patrão-funcionário (imagina-se aqui que possa ser a figura do patrão possa ser de uma pessoa branca, considerando as relações de apadrinhamento). Essa situação resulta na mudança de atitude e por consequência, fazendo com a dinâmica entre os sujeitos se altere também a depender do espaço – material e social – em que cada um está colocado, ou seja, ao dividirem a infância e o mesmo território negro se percebem como iguais e ao passo que quando um muda de espaço, muda também de comportamento, retornando quando deixa de pertencer ao lugar que propiciou sua ascensão.

Seguindo com o tema de territórios segundo Rolnik, a autora destaca a resistência dos territórios negros desde as senzalas, ao traçar um panorama que compreende o final do século

⁵² ARAUJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 22–36, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/234>. Acesso em: 13 nov. 2024.

⁵³ LEITE, José Correia. “Orgulho. *O Clarim*. São Paulo. 03 fev. 1924, p. 01.

XIX no Rio de Janeiro e em São Paulo, no qual entende as senzalas pelo prisma da comunidade estabelecidas pelos escravizados. Espaços fora das senzalas também são destacados, chamando a atenção para as experiências dos chamados escravos de ganho ou de aluguel, no qual são apresentados os mercados e propriamente as ruas.⁵⁴ Esses espaços, tidos como territórios negros pela dinâmica que esses sujeitos estabeleciam, muitas das vezes relacionam-se com a busca pela liberdade, que é atravessada pelos vínculos que estabeleciam com brancos e outros negros com quem dividiam esse ambiente urbano mediado pelo comércio e outras atividades econômicas e sociais.

Com isso, as formas como os sujeitos se relacionam com o ambiente a sua volta nos permite assimilar suas relações sociais, e assim, nos anos em que se seguem a abolição, percebemos mudanças consideráveis no cotidiano desses libertos negros. A realidade desses indivíduos mesclava-se com um quadro de transformações vindas da república, no qual se desenhavam a identidade nacional, as cidades e os modos de lidar com o expressivo número de homens e mulheres de cor livres pelo país.

De imediato, os debates sobre indenização aos senhores de escravos pairavam os espaços públicos e privados, focalizando no futuro daqueles que aqui consideramos enquanto classe dominante, e assim, já indicando como que a nova república lidaria com a população negra. À vista disso que a população negra da época se percebe de mãos atadas quando pensamos em formas de integração à sociedade e a nova brasilidade. No caso específico de São Paulo, eles são excluídos da zona urbana, e assim, o processo de modernização das cidades proveniente da passagem de um regime imperial escravista para um republicano e livre implica diretamente na segregação de homens e mulheres negros, conforme acentua Rolnik,

Essa reestruturação vinha adaptar a cidade senhorial-escravista aos padrões da cidade capitalista, onde terra é mercadoria e o poder é medido por acumulação de riqueza. A face urbana desse processo é uma espécie de projeto de “limpeza” da cidade, baseado na construção de um modelo urbanístico e de sua imposição através da intervenção de um poder municipal recém-criado. Um dos principais alvos de intervenção foram, nas duas cidades, justamente os territórios negros.⁵⁵

De forma contrária, a comunidade negra era retirada desses espaços que simbolizam a resistência dessa população durante o período escravista, por representarem uma importunação aos olhos da elite paulistana. Todos os comportamentos e fatos que são apresentados para justificar essa exclusão urbana dos negros, são intrinsecamente relacionadas a racialidade, seja ela percebida através da herança da cultura africana ou então somente pela coletividade de

⁵⁴ ROLNIK, Raquel. op. cit.: p. 77.

⁵⁵ Ibidem, p. 79-80.

homens e mulheres de cor. O registro dessa insatisfação por parte da branquitude se apresenta no texto publicado no jornal *O Correio Paulistano*, na edição de 9 de outubro de 1907, no qual, ilustra a visão que elite paulistana dispunha da área que originou o bairro Bexiga:

A saracura

É um pedaço da África. As relíquias da pobre raça, impelida pela civilização cosmopolita que invadiu a cidade, ao depois de 88, foi dar ali naquela fuma. [...] Cabras soltas na estrada, pretinhos semi-nus fazendo gaiolas, chibarro de longa barba ao pé dos velhos de carapinha embranquecida e lábio grosso de que pende o cachimbo, dão àquele recanto uns ares do Congo.

[..]

As casas são pequenas; as portas baixas. Há pinturas esfumaçadas pelas paredes esburacadas. A mobília, caixas velhas e toros de pau, sobre ser pobre, é sórdida.

E ali vão morrendo aos poucos, - sacrificados pela própria liberdade que não souberam gozar, recozidos pelo álcool e estertorando nas angústias do brightismo que os dizima, eliminados pela elaboração da nova raça paulistana

- os que vieram nos navios negreiros, que plantaram o café, que cevaram esse solo de suor e lágrimas, acumulados ali, como a rebotalho da cidade, no fundo lobrego de um vale.⁵⁶

Assim, a elite negra se vale da existência dessa população afro-brasileira, considerando sua ancestralidade, costumes e tradições, bem como tratando essencialmente da materialidade de existência desses sujeitos no pós-abolição, para justificar a realocação da população negra em São Paulo.

Essa conjuntura é abordada por Leite quando no artigo publicado em dezembro de 1924 ele rememora a vila de São Paulo, descrevendo suas ruas que mesmo não sendo retílineas eram limpas e cheias de progresso. Recorda e descreve a Paulicéia como cheia de antigas belezas que foram substituídas pelas modificações atuais à época, que “despidas da simplicidade, ornamentadas e sintetizadas pelo modernismo, transformou-se tudo para melhor cooperar ao lado da estética.”⁵⁷

No texto em questão, Leite faz várias outras menções as transformações que acompanhou na cidade com seus olhos e percepções. Discorre sobre mudanças concretas na cidade, em suas ruas, avenidas, construções e arquitetura, demonstrando assim, como a população negra também traduziu essa movimentação sob o prisma da modernização da capital paulista, sendo, portanto, para Leite, um indicativo do progresso da nação. Ao longo do texto, Leite denuncia que a população negra não acompanha tal avanço e por isso não está contemplada nesse processo modernizador, e assim, as razões estruturais ao qual a parcela negra da cidade foi colocada as margens, que são entendidas através da ideologia dominante

⁵⁶ *O Correio Paulistano*. São Paulo, 9 de outubro de 1907, p. 04.

⁵⁷ LEITE, José Correia de. “A mocidade Paulistana” *O Clarim da Alvorada*. São Paulo. 07 dez. 1924. p. 01.

sustentada pelo racismo, não são apreendidas pelo articulista.

Entretanto, Leite denuncia no texto a desunião da comunidade em que está inserido, aponta a urgência de fazer os patrícios de cor em labutar em prol do ideal da raça, distanciando-se assim, da raiz do problema. Nesse sentido, a modernização da cidade corre em sentido contrário ao avanço da raça idealizado por Leite. Além disso, no mesmo texto, o articulista rememora o passado, como forma de utilizar a memória dos feitos pelos antepassados e relacioná-la com o avanço da capital paulistana, bem como usar disso enquanto um artifício para realocar o debate para a formação de uma associação para os homens de cor, um tema recorrente no jornal e que faz parte da realidade da elite negra paulista através dos seus clubes e demais formas de sociabilidade.

Ainda há o que se dizer quando Carlos José Ferreira dos Santos, em *Nem tudo era italiano: São Paulo e a pobreza (1890-1915)*, apresenta um panorama de como o processo de aburguesamento e modernização pautou o momento da *belle époque* paulistana, ele caracteriza as atividades realizadas pela população negra, passando pelas atividades econômicas até as de solidariedade e festas desse grupo, a fim de elucidar as dinâmicas que envolvem os espaços ocupados por estes e as relações de poder neles existentes.

Por este rumo, o autor evoca o Largo do Rosário (localizado no atual bairro Penha da França) como um dos espaços ocupados pelos desafortunados, onde havia uma igreja voltada para a comunidade negra: Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Nesse local entendido como Triângulo Histórico,⁵⁸ ficava a sede da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, que assim como as demais construções utilizadas pela comunidade foram desapropriadas e demolidas para dar espaço a lugares que representassem uma notoriedade branca à cidade.⁵⁹

Santos ao referir sobre a área explicitada, destaca também o ofício dos sujeitos que ali habitavam antes da desapropriação pela classe dominante. No texto em questão, o autor salienta que eram uma grande maioria de ambulantes, que se aglomeravam para as atividades econômicas e já utilizavam o mesmo espaço para manifestar suas religiosidades e festividades. Como assinala Rolnik, a ocupação das ruas, e em especial do Largo do Rosário, permite apreender que este território se demonstrava até então como um espaço de sobrevivência e sociabilidade negra, no qual as manifestações culturais se apresentavam através da

⁵⁸ O triângulo histórico compreende em seus vértices três igrejas históricas de São Paulo, a do Mosteiro de São Bento, do Largo São Francisco e do Convento do Carmo”. TOLEDO, B. L. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1983 apud LIMA, Alessandro Luís Lopes de. *Uma arqueologia dos territórios negros: contas e miçangas no triângulo histórico de São Paulo (sécs.. XIX-XX)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE/USP. São Paulo, SP, 2019, p. 21 [nota de rodapé].

⁵⁹ Segundo Rolnik, esse espaço foi utilizado para a construção da Praça Antônio Prado.

religiosidade, dos encontros e das demais atividades produzidas e consumidas por esse grupo.

Santos completa o pensamento ao acentuar de onde partiria o incômodo da classe dominante com o uso daquele espaço pela população negra, assinalando que “decerto essas expressões de origem afro e indígena, assim como aquelas atividades não deveriam ser bem-vistas pelos grupos da população vinculada aos escalões mais altos da sociedade paulistana, ainda mais em se tratando de área tão central”.⁶⁰ Essa percepção nos abre os olhos para o cerne da questão: o problema em negros e negras ocuparem esses espaços era propriamente sua negritude e as expressões raciais desta população, portanto, a raça.

Ainda com projetos constantes de exclusão da população negra desses espaços centrais, temos dados que demonstram uma resistência dessa população em sair desses recintos. Um dos fatores que contribui para isso, foge daquilo que era esperado pelo senso comum, é o fato de que grande parte desses territórios negros eram divididos com imigrantes pobres,⁶¹ que coabitavam junto com diversas famílias negras as mesmas moradias coletivas, e com isso formavam uma massa de moradores no setor central.⁶²

A chegada desses imigrantes ocorria de diversas formas, com isso cabe destacar o impacto das políticas de incentivo a imigração, tendo em mente que após a chegada desses grupos internacionais, as dinâmicas da capital paulista se alteraram para receber esses sujeitos, transformando a realidade dos territórios que eram a priori ocupados majoritariamente por negros emancipados após o fim da escravidão.

Nesse sentido, as políticas de incentivo à imigração que já existiam desde a segunda metade do século XIX, se solidificaram com a fundação da Sociedade Internacional de Imigração, em 1866 no Rio de Janeiro, sob organização de Tavares Bastos, um político alagoano. Essa sociedade se articulava em prol da boa recepção dos imigrantes e também da divulgação de discursos que incentivassem a ampla imigração europeia como forma de substituir a mão-de-obra escravizada.⁶³

Outro grupo que simboliza o debate acerca da imigração no país é a Sociedade Central

⁶⁰ SANTOS, José Carlos Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a Pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume, 2017. p. 123.

⁶¹ FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. *Representações sociais e práticas políticas do Movimento Negro paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga Santos (1928-1937)*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2005. p. 54.

⁶² ROLNIK, op. cit., p. 80.

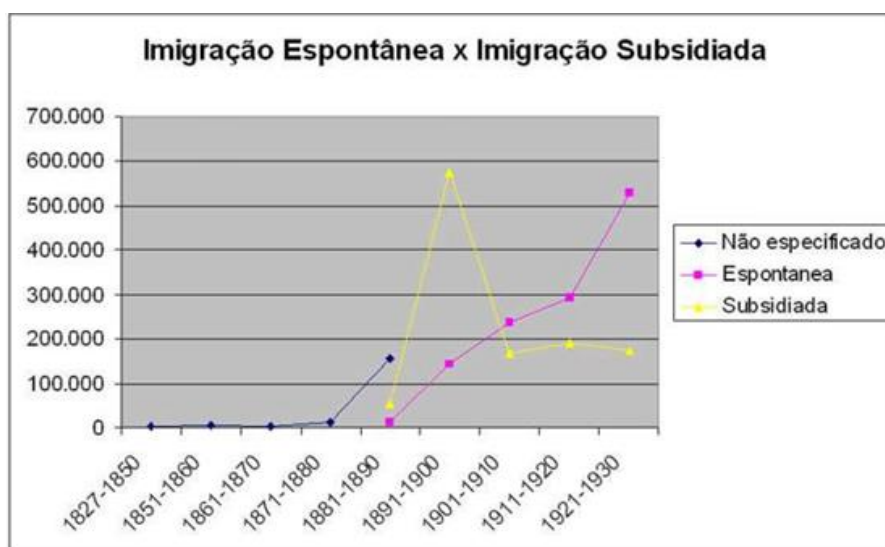
⁶³ GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Tavares Bastos (1835-1875) e a Sociedade Internacional de Imigração: um espaço a favor da modernidade. artigo apresentado no *XII Encontro Regional de História “Usos do Passado”*, organizado pela Associação Nacional de História do Rio de Janeiro, 2006, 11, pp. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferences/Alexandre%20Carlos%20Gugliotta.pdf>

de Imigração, fundada em 1883, também no Rio de Janeiro. A SCI atuava primordialmente através da propaganda em seu folhetim, *A Imigração*, no qual, buscava chamar a atenção dos nacionais para o leque de vantagens em incorporar os imigrantes à sociedade enquanto integrantes plenos, assim como também se propunha a dialogar com os próprios imigrantes, a fim de divulgar o Brasil como um lugar de inúmeras possibilidades vantajosas para eles.⁶⁴ Assim, percebe-se que em ambos há a preocupação de estabelecer um diálogo tanto com os nacionais quanto com os estrangeiros, a fim de alcançar ideais de progresso pautados em resoluções europeias de desenvolvimento.

Reitero que citar a Sociedade Internacional de Imigração e a Sociedade Central de Imigração não foi para examiná-las a finco, pois não é o objetivo do presente texto, mas sim como forma de sinalizar que os debates acerca do imigrantismo já rondavam a país antes que as teorias racialistas se firmassem. Essas discussões se intensificaram conforme a urgência de pensar a hierarquia racial e progresso no pós-abolição e Proclamação da República

O incentivo estatal para o processo de imigração europeia se solidifica ao final do século XIX e na primeira metade do século XX, alcançando até as políticas Vargasistas no Estado Novo. Quanto ao período que compreende a pesquisa, cabe ressaltar o efeito demográfico no Brasil após a vinda massiva de imigrantes subsidiados em um período que compreender 1881 até meados de 1910, no qual a Tabela 1 abaixo ajuda a mensurar tamanho impacto:

Tabela 1 - Imigração Espontânea X Imigração Subsidiada



Fonte: BASSANEZI, Maria; SCOTT, Ana; BACELLAR, Carlos; TRUZZI, Oswaldo. Atlas da Imigração Internacional em São Paulo 1850-1950. São Paulo: Editora Unesp,

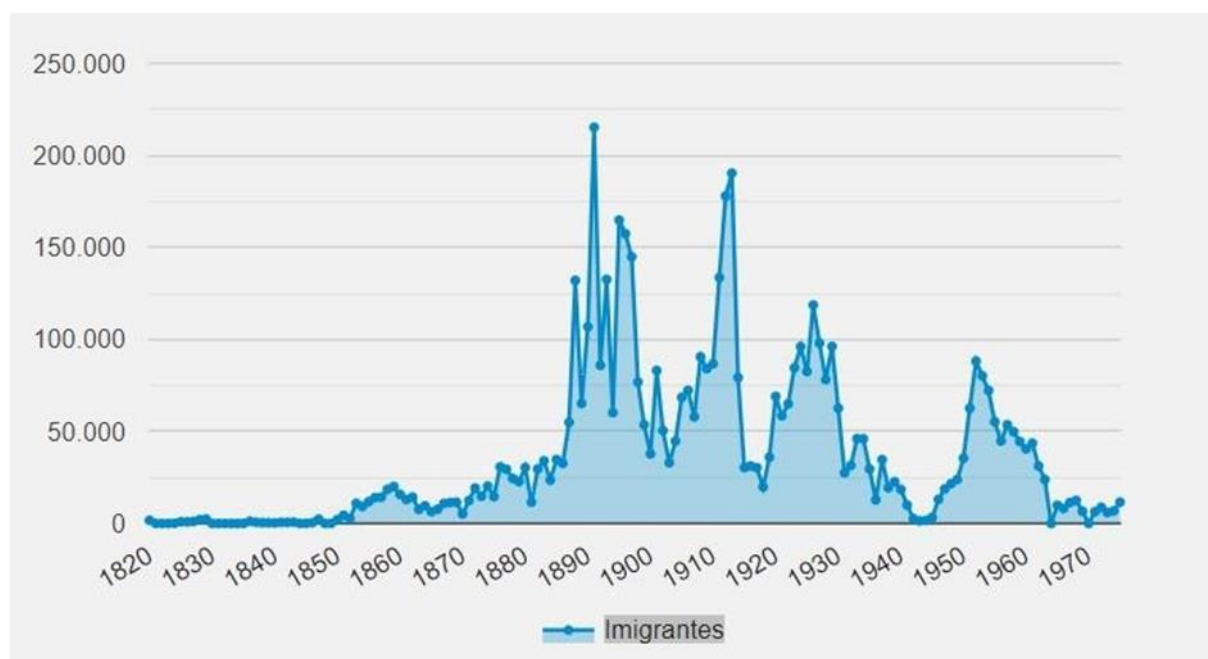
⁶⁴ Cf.: CARREGA, Arthur Daltin. *Imigrantes para a pequena propriedade: o boletim e as ideias da Sociedade Central de Imigração (1883-1891)*. Assis, 2017, 240 p. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis. 2017.

2008, p. 22.

O impacto que as teorias racialistas tiveram no plano financeiro do país, em que o subsídio para a imigração ultrapassa a imigração espontânea, anuncia, portanto, um forte apelo estatal para a vinda de estrangeiros no período que sucede a pós-abolição. A afirmativa permite que haja uma concordância com os planos imigrantistas elaborados desde o século XIX de substituir a mão-de-obra nacional e negra por uma mão-de-obra internacional e branca. Cabe destacar que muito desse incentivo era financiado por famílias abastadas do setor agrário cafeeiro, que se propunha em trazer esses imigrantes tanto para o trabalho rural, mas também para o setor urbano, com fins de modernizar e embranquecer as cidades que se europeizavam nesse momento.⁶⁵

A Tabela 2 a seguir nos instrui a perceber os nuances imigratórios compreendendo o início do século XIX até o final do século XX, de forma a elucidar a crescente vinda de imigrantes no período em que a redefinição do nacional através de teorias racialistas se caracterizava enquanto ideologia dominante da elite:

Tabela 2 - Imigração total no Brasil



Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de povoamento. P.225.

Os dados indicam que os anos com maior vinda de imigrantes são 1891, 1913 1912 e

⁶⁵ SANTOS, Renan Rosa. op cit.: 44.

1895, com números absolutos de imigrantes de 215.239, 190.343, 177.881 e 164.831, respectivamente. Coincidentemente são os anos que compreendem a atuação de algumas entidades relevantes que colaboraram na vinda e fixação desses imigrantes no Brasil, como por exemplo a SCI já citada, bem como a Sociedade Promotora de Imigração, fundada em 1886, em São Paulo. Também podemos ressaltar que desde 1884 os custos de viagem e auxílio as famílias de imigrantes passaram a ser integralmente do Estado, reforçando mais uma vez a sua atuação direta no processo imigratório que visava embranquecer o Brasil.⁶⁶ Já os anos referentes propriamente ao século XX podem ser compreendidos pelo subsídio das famílias cafeeiras, principalmente em São Paulo, que com suporte da SPI, empregou em torno de 266.732 imigrantes no setor rural paulista.⁶⁷

A vinda de imigrantes, portanto, foi massiva e até constante durante um período, muito assegurada em uma ideologia que pretendia modernizar e embranquecer o país. Todavia, apenas a vinda desses grupos não seria o suficiente, e por consequência, a predileção desse grupo em vez dos nacionais negros se torna outra etapa fundamental do ideário do branqueamento, visto que o aumento da população branca somado com a segregação silenciosa da população negra propiciaria no clareamento do Brasil, logo, no progresso. Na Tabela 3 a seguir podemos observar a distribuição empregatícia entre setores da economia paulistana em 1920:

Tabela 3 - Distribuição percentual de brasileiros e imigrantes na força de trabalho da cidade de São Paulo, em 1920, separado por áreas selecionadas da economia

	Brasileiros	Imigrantes	N
Total da população economicamente ativa	50,4	49,6	240.045
Indústria	48,9	51,1	100.375
Comércio	37,5	62,5	30.580
Serviço doméstico	63,1	36,9	15.467
Transporte	41,1	58,9	13.912
Forças armadas, polícia e bombeiros	90,7	9,3	5.783

Fonte: ANDREWS, George Reid. Negros e Brancos em São Paulo. Tradução de Magda Lopes. São Paulo.

⁶⁶ JACINO, Ramatis. *O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-Abolição – 1912/1920*. São Paulo. 2012. 204 p. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 2012, p. 65.

⁶⁷ Esse dado foi obtido através da pesquisa de Ivison Poletto dos Santos. CF: SANTOS, Ivison Poletto dos. *A Sociedade Promotora de Imigração: formação e influência, 1886-1895. Histórica*. São Paulo, [Online], v. 1, p. 25, 2007.

Edusc, 1998, p. 112 *et al* Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920 (Rio de Janeiro, 1927), 4, pp. 170-173.

Na tabela acima percebemos que as funções com predominância nacional se restringem aos trabalhos domésticos, muito deles exercidos pela população negra, e de forma majoritária de mulheres negras, que se ocupavam nos trabalhos de limpeza e cuidado da casa para famílias brancas. Por outro lado, temos os ofícios voltados para a segurança do Estado, que nesse caso não conta com imigrantes devido ao fato de ainda não serem incorporados a ideia de nação. Portanto cargos que tivessem carga pública não incorporavam ainda esse grupo, bem como não comportava negros, de forma a mais uma vez assegurar o estado de abandono dessa população, e por isso, sendo majoritariamente ocupado por nacionais brancos.

À respeito dos demais setores, percebe-se uma preterição do trabalho de imigrantes, que se faz desde o final do século XX, segundo dados trazidos por Carlos J. Ferreira Santos, em que 20,46% da distribuição de trabalhadores nacionais nos setores de transporte; artísticos; comerciais e manufatureiros se opõem aos 79,54% dos trabalhadores estrangeiros nos mesmos setores no ano de 1893 em São Paulo.⁶⁸

Observa-se que, desde o final do século XIX até meados de 1920 não houve mudanças concretas no que tange a realidade entre trabalhadores nacionais e imigrantes, de forma que a preferência pelo segundo grupo possibilitou a ascensão econômica e social de muitas famílias imigrantes, e por consequência, delimitou ainda mais a segregação racial no país. Nota-se, portanto, que a dicotomia entre nacionais/estrangeiros e brancos/negros, fez com que as políticas de branqueamento seguissem firmemente no país, e essencialmente em São Paulo, de forma que propiciou em movimentos migratórios internos do país da própria população negra. Também se verifica que fomentou a insatisfação daqueles pequenos grupos de negros letrados, que somados com os demais indivíduos negros da sua comunidade se propuseram a resistir ao branqueamento e a segregação de formas distintas.

Desta forma, conforme assinala Hofbauer, “é possível mostrar que não existe um ‘etos brasileiro’ descolado das ‘relações raciais’ como também é possível mostrar que ‘raças’ e/ou ‘cores’ não têm uma existência própria, não têm um significado que independa do ‘mundo dos valores’ e dos ‘ideais culturais’”.⁶⁹ Ou seja, ainda que houvessem esforços para negar o espaço do negro em uma sociedade que busca embranquecer-se, não há como desvencilhar as relações raciais brasileiras que não se restringem as tonalidades da pele, mas sim atuam continuamente no plano cultural e social.

⁶⁸ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. op. cit., p. 48.

⁶⁹ HOFBAUER, Andréas. op. cit., p. 65.

Podemos considerar que mesmo com ações que buscassem segregar negros do centro da cidade, ocorriam dinâmicas relacionadas ao mundo do trabalho. O maior sinalizador disto é que a proximidade desses sujeitos colaborava na contratação de funções específicas, principalmente aquelas relacionadas ao trabalho doméstico, exercido predominantemente por mulheres negras, que conforme já foi apontado em estudos anteriores, foram as responsáveis pelo sustento da família negra.⁷⁰ Assim, a segregação de homens e mulheres de cor das áreas centrais para a periferia da cidade, se apresenta aos nossos olhos de forma gradativa, conforme apresentarei nas tabelas na sequência:

Tabela 4 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1916 e 1920 segundo a cor e nacionalidade

Bairro do paciente	Brasileira (Negros)	Italiana (Branços)	Portuguesa (Branços)	Espanhola (Branços)	Demais nacionalidades (Branços)	Total
Bela Vista	40	55	27	6	9	137
Liberdade	35	25	18	4	3	85
Sé	26	33	18	4	37	118
Consolação	25	32	18	5	13	93
Bom Retiro	20	65	29	7	5	126
Brás	17	75	81	23	3	199
Santa Cecília	17	15	19	2	6	59
Mooca	15	79	50	34	16	194
Não Consta	14	13	2	2	14	45
Não encontrado	12	9	6	3	2	32
Santana	11	8	12	1	2	34
Belém	9	13	23	9	1	55
Pari	8	13	23	2	5	51
Cambuci	8	17	2	4	2	33
Luz	6	7	11	0	0	24
Santa Efigênia	5	26	11	3	11	56
Barra Funda	5	9	13	1	1	29
Não Tem	4	4	1	2	2	13
Penha	4	1	2	2	3	12
Perdizes	4	6	2	0	2	14
Jardim Paulista	4	3	1	0	2	10
Pinheiros	3	5	1	1	1	11
Vila Mariana	2	14	2	2	6	26
Lapa	2	5	1	0	1	9
Tatuapé	2	1	6	0	3	12
Campos Elísios	2	2	1	0	0	5
Bairros com menor incidência demográfica	51	62	39	12	26	190
Total	351	597	419	129	176	1.672

Fonte: ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição* (1887-1930). Guarulhos, 2018, 307 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018, p. 147. *Et al* APESP. Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo. Assistência Policial. Registro de ocorrências da Assistência Policial, 1911-1930.

⁷⁰ “Traziam comida a noite para casa, conseguiam roupa para a família e, mediante apadrinhamento dos patrões, logravam algum tipo de serviço para os cônjuges ou amásios”. DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada: negro, racismo, branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Senac, 2004, p. 213.

Já na Tabela 4 é possível constatar o numeroso contingente da população negra em bairros já citados anteriormente, como Bexiga, Liberdade, que compõe o Sul da Sé paulistana, assim como alguns bairros que são tidos precisamente como centrais, tais como Luz, Consolação e Campos Elísios. Esse segundo grupo é demasiadamente marcado pelas grandes construções arquitetônicas que fazem referência à população branca elitizada à época que aqui tratamos. Logo, retomo a ideia de que a predominância negra nesse espaço é uma forma de compreender dinâmicas de trabalho, no qual a proximidade com a parcela branca da cidade aumentava as possibilidades de conseguir uma ocupação no setor doméstico.

Também podemos destacar que ocupar esses espaços centrais, pode ser explicada como uma fase privilegiada para algumas famílias negras, ao passo que a possibilidade de juntar dinheiro com a divisão das despesas de casa com outros moradores de casa/quarto, bem como a proximidade com algumas famílias mais abastadas ou a conquista de cargos públicos, poderia contribuir em uma significativa mudança econômica e social para essa população negra.⁷¹ Assim, nos anos em que se seguem, que comportam a trajetória d'*O Clarim da Alvorada*, temos nas Tabelas 5 e 6:

⁷¹ ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. Guarulhos, 2018, 307 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018, pp. 147-148.

Tabela 5 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1921 e 1925 segundo a cor e nacionalidade

Bairro do paciente	Brasileira (Negros)	Italiana (Branco)	Portuguesa (Branco)	Espanhola (Branco)	Demais nacionalidades (Branco)	Total
Bela Vista	47	52	28	5	3	135
Bom Retiro	40	38	20	2	12	112
Liberdade	36	29	17	2	5	89
Santa Cecília	33	18	10	4	5	70
Consolação	29	20	16	3	9	77
Sé	23	11	16	3	16	69
Mooca	21	69	42	56	15	203
Brás	17	70	54	35	9	185
Santana	15	9	15	3	3	45
Ignorado	15	16	19	11	16	77
Santa Efigênia	13	17	5	0	8	43
Penha	11	3	8	7	1	30
Luz	9	3	2	0	2	16
Belém	9	9	22	5	4	49
Vila Cerqueira Cesar	7	2	1	2	0	12
Ipiranga	7	6	2	4	1	20
Pinheiros	7	2	8	2	0	19
Perdizes	6	2	5	0	3	16
Barra Funda	6	4	10	0	2	22
Pari	6	9	16	7	1	39
Cambuci	6	12	2	7	1	28
Tatuapé	5	7	8	1	1	22
Vila Mariana	5	9	7	2	1	24
Bairros com menor incidência demográfica	46	45	52	11	18	172
Total	419	462	385	172	136	1.574

Fonte: ROCHA, op. cit., p. 149 *et al* APESP. Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo. Assistência Policial. Registro de ocorrências da Assistência Policial, 1911-193

Tabela 6 - Distribuição por bairros da população da cidade de São Paulo entre 1926 e 1930 segundo a cor e nacionalidade

Bairro do paciente	Brasileira (Negros)	Italiana (Branços)	Portuguesa (Branços)	Espanhola (Branços)	Demais nacionalidades (Branços)	Total
Bela Vista	37	45	10	1	9	102
Bom Retiro	35	21	7	2	23	88
Liberdade	33	17	13	1	3	67
Santa Cecília	30	8	11	0	4	53
Consolação	20	10	9	2	11	52
Ignorado	20	14	7	1	26	68
Brás	17	31	34	15	8	105
Mooca	17	40	21	39	33	150
Pinheiros	17	4	6	0	3	30
Sé	17	10	7	2	17	53
Tatuapé	14	9	9	4	1	37
Belém	12	11	14	1	7	45
Santa Efigênia	10	5	10	2	8	35
Santana	9	9	9	1	2	30
Barra Funda	7	4	6	1	1	19
Cambuci	7	13	5	1	4	30
Lapa	6	2	2	1	5	16
Penha	6	1	8	3	0	18
Perdizes	6	3	8	0	3	20
Vila Mariana	5	7	2	0	6	20
Campos Elísios	4	0	0	0	1	5
Bairros com menor incidência demográfica	51	37	54	23	37	202
Total	380	301	252	100	212	1.245

Fonte: ROCHA, op. cit., p. 150 *et al* APESP. Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo. Assistência Policial. Registro de ocorrências da Assistência Policial, 1911-1930.

Os números apresentados nos denunciam que os bairros centrais são os únicos que não apresentam crescimento da população negra, ainda que não seja uma queda substancial indica sutis mudanças nos territórios negros. Por outro lado, podemos perceber a ocorrência significativa de imigrantes nos bairros industriais, como Mooca e o Brás,⁷² que se sobrepõe à população negra nacional. Isso pode ser explicado pela preferência na contratação de imigrantes brancos para o operariado.

É imprescindível esclarecer que a inclinação para a contratação de imigrantes nas indústrias não é uma afirmativa que aponte para a exclusão da população negra desse tipo de trabalho, visto que conforme as tabelas demonstram, houve um aumento significativo de negros nos bairros industriais, como a Mooca, ou seja, mesmo que houvesse uma preferência, ela não foi o suficiente para impossibilitar a fixação de famílias negras nesses bairros ocasionada pela demanda crescente de mão-de-obra operária.

⁷² Ibidem.

A relação entre espaços de moradia e sociabilidade com trabalho mostra-se, portanto, determinante para compreender os territórios negros. Assim, a vinculação entre as linhas ferroviárias e a população negra também merece destaque. Desde a construção da linha ferroviária sorocabana ainda no século XIX, que bairros como Barra Funda se solidificam, mesclando trabalhadores nacionais negros (podendo ser libertos ou não) e imigrantes brancos.

Rolnik atribui essa relação entre estrada de ferro e moradia negra no Barra Funda “em função da existência de um armazém da Estrada de Ferro – o Paulo Chaves – fonte de trabalho ocasional dos *capoeiras* ou *valentões*, que alternavam o serviço na Estrada de Ferro com o carregamento de café no Porto de Santos, quando não havia trabalho na capital”.⁷³ À vista disso, que Barra Funda foi tido como um dos primeiros territórios negros de São Paulo, ainda que tenha com o passar dos anos tenha embranquecido, devida a imigração, não podemos deixar de evidenciar a relação entre o ofício estabelecido pela população negra e a construção, bem como a manutenção das ferrovias paulistas.

Dessa forma, a relação entre trabalho-moradia-lazer é o que determina e constrói os territórios negros, logo, atuando enquanto uma forma de elaborar e manter as identidades negras da época a qual tratamos. Bairros como Barra Funda e Bexiga se solidificam enquanto espaços onde a negritude se articula enquanto coletivo, podendo se alternar entre aqueles que compunham a elite negra paulistana que se apresentam através dos cargos públicos exercidos no centro, ou a grande parcela negra que se alterava entre trabalhos domésticos, industriais e de comércio na rua, assim, a relação entre esses grupos negros se fazia através da sociabilidade existente nos territórios negros:

Portanto, compreendemos territórios negros como aqueles que são definidos a partir de relações de poder focadas na perspectiva racial, onde a identidade negra se faz presente, seja pela autodeclaração daqueles que se apropriam daquele espaço, mesmo que não de forma absoluta, seja pela presença de marcadores, como os apresentados aqui. Os territórios negros diferenciam-se não apenas pela simples presença de pessoas negras, mas pelos processos de identificação territorial pela qual essas pessoas se apreendem destes espaços, caracterizando-se pela resistência à colonialidade.⁷⁴

⁷³ ROLNIK, op. cit., p. 80.

⁷⁴ NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. A construção conceitual e espacial dos territórios negros no Brasil. *Revista de Geografia*, V. 35, Nº 1 (especial), 204- 218. p. 212.

SEÇÃO 2 – A IMPRENSA NEGRA PAULISTA: DINÂMICAS DO SURGIMENTO E A ARTICULAÇÃO POLÍTICA DA PRIMERA FASE DO JORNAL

Aos palmares

*Das solidões das selvas africanas,
os legendários homens medievais
que nos legaram forças soberanas
a conquistar: as glórias atuais*

*Assombradores das raças humanas,
pelos seus feitos foram imortais:
- andaram sempre nas garras tiranas,
do cativeiro que não volta mais!...*

*Hoje, cantamos, nessa nossa lira
toda a grandeza dos antepassados
que a humanidade toda se admira*

*Ao reviver nas páginas da história
encontraremos os feitos conquistados
que o grande povo só colheu vitória!¹*

A forma como a capital paulistana se organizou propiciou no fortalecimento da chamada pequena imprensa, que já se articulava desde o período em que a escravidão era vigente no país, porém ganha maior força durante a Primeira República. Imigrantes e operários que divulgavam ideias marxistas e outros grupos sociais utilizam dos jornais como um canal de comunicação crucial para a divulgação e contato com a sua comunidade, e o mesmo não seria diferente com a população negra, em especial, paulista. As questões inerentes a vida desses sujeitos estampam capas de jornais muitas das vezes produzidos no fundo de uma garagem e com o objetivo de conectar e compartilhar das mesmas experiências, a fim de materializar o contato existente em outros territórios e situações.

Dessa forma, compreender a consolidação da imprensa negra paulista torna-se imprescindível para elucidar o papel que *O Clarim da Alvorada* desempenhou enquanto um órgão voltado para atender as demandas da comunidade negra que o cerca, isso pois “é indispensável situar a análise de qualquer texto jornalístico na própria história da imprensa para identificar o nível de complexidade de sua produção e densidade efetiva de sua polifonia”.²

¹ LEITE, José Correia. “Aos palmares”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo. 13 mai. 1926, p. 04.

² BARROS, José D’Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 57.

Através dos miúdos em que a imprensa negra se define, *O Clarim da Alvorada* inicia sua jornada, que olhando no tempo-de-agora, não imaginaria que seria ele o jornal mais longo do seu período e responsável por suscitar tantos debates acerca de raça, e assim, compreender os primeiros anos de circulação permite inteirar-se acerca das suas ideias exórdias, ou seja, debruçar-se especificamente nos anos da anunciada primeira fase do jornal, torna possível a compreensão de que forma todas as influências – hegemônicas ou não – chegam até ele, e quais os caminhos tomados a partir delas foi traçado pelo corpo editorial do periódico, entendendo que as suas escolhas textuais apontam para um caminho traçado desde o seu primeiro número, em que a responsabilidade de se tornar um órgão para homens negros seja efetivo.

Portanto, busco nessa seção para além de historicizar a imprensa negra paulista, voltar os olhos para as publicações da primeira fase d'*O Clarim da Alvorada*, a fim de compreender os signos do passado escravista e prospecções no que tange o tempo presente nas publicações do jornal, e assim, apreender quais os caminhos ideológicos que guiaram o editorial em busca da consolidação de um órgão de combate contra hegemônico.

2.1 - Ação militante, literária e social: a imprensa negra paulista e sua conceitualização

A realidade ideologia que permeava o país e os distintos territórios negros paulistanos são temas que circundam os objetivos do presente texto, e explaná-los permite avançar na pesquisa, versando acerca da imprensa negra paulista. Esta imprensa é tida enquanto um dos fenômenos mais singulares da imprensa especializada, considerando sua formação e articulação política no referenciado contexto em que surgiu. A imprensa negra paulista surge de um seleto grupo de negros letrados de São Paulo, que assim como sucedia com a cidade, esses indivíduos passavam por um processo de transformação inclinado às ideias de modernidade e progressismo.

Dessa forma, situados em meio a crescentes transformações nos espaços públicos e de sociabilidade envolvendo os territórios negros, que surge a imprensa negra paulista. O seu aparecimento relaciona-se intrinsecamente ao contexto apresentado anteriormente, tendo em mente que mediante a constantes mudanças no cotidiano dos negros paulistanos que urge a necessidade de expressar-se. Levando em conta que os temas da população negra não eram uma preocupação da grande imprensa, ainda mais que ela atuava de forma contrária, ou seja, como meio catalisador das ideologias dominantes que ansiavam o branqueamento e o abandono social dos negros das cidades. De forma parecida, foi nesse período que grupos de imigrantes também

começaram a se articular através da imprensa,³ como por exemplo o *AL Maranarat* e o *Fanfulla*, de origem sírio-libanesa e italiana, respectivamente.

A relações interpessoais que engrenaram o início da imprensa negra, se fez primordialmente no começo através de laços de acolhimento e solidariedade entre a população negra. Buscava-se nas páginas dos jornais uma maneira de se expressar e de se fazer compreendido entre os seus iguais, de forma a se fazer ouvido, e, conseqüentemente, ter seus discursos lançados ao maior número possível. Dentre os diversos conteúdos publicados nessa pequena imprensa, podemos exceler aqueles relacionados aos acontecimentos do cotidiano dessa população, conforme assinala Bastide:

Outro caráter comum a toda a imprensa afro- -americana é a importância dada à vida social, às festas, aos bailes, às recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes. Sem dúvida, esse não é um dos característicos próprios da raça negra; basta ler os pequenos jornais dos brancos do interior para se perceber que é também um dos característicos do que se poderia chamar de imprensa “provincial”.⁴

As referências à vida social desses homens negros ocorrem, pois, a imprensa negra nasce dos grupos e associações para homens e mulheres de cor, no qual bailes dançantes, reuniões e demais tipos de socialização ocorriam como forma de entretenimento e lazer dessa comunidade negra letrada, revelando para além dos anúncios de casamento, festas, batizados, um pouco do cotidiano e das manifestações culturais do grupo.

Dessa forma, os clubes recreativos desempenham um papel primordial nos primeiros anos dessa imprensa, ao passo que a rotina que os inclui direcionou boa parte das publicações que por esse viés tinham caráter educativo social. Assim, era sinalizado no jornal os comportamentos a serem repreendidos nos bailes dançantes, como o abuso de bebidas alcoólicas, vestimentas inapropriadas e demais ações ou condutas que ferissem o ideal de bons costumes da época.⁵

A necessidade de tratar do comportamento e hábitos da população negra, parte de um carência em reforçar os limites do fazer parte da elite negra paulistana. Com isso, é preciso discorrer acerca dos sujeitos que circulam os clubes recreativos e que produzem bem como consomem a imprensa especializada abordada no presente texto. Versar sobre a elite negra paulista é abordar os laços de sociabilidade entre um seletivo grupo de indivíduos que se

³ Cf.: SOUZA, Marcelo Cintra (org.). *A imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Memorial do imigrante; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

⁴ BASTIDE, Roger. “A imprensa negra no estado de São Paulo”. In: *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, pp. 129-156, 1973, p. 130.

⁵ FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. p. 20.

aproximam através dos costumes e de um ideal em comum que os distingue da realidade compartilhada entre a massa populacional brasileira não-branca.

Ressalto que a ideia por trás de “elite negra” não parte do plano financeiro, pois grande parte dos negros que compunham esse grupo não atingiriam uma ascensão econômico exorbitante, mas sim que puderam desfrutar e acesar determinados espaços sociais que não estavam amplamente abertos para o restante da população negra do Brasil. Isso ocorre quando percebemos que esses homens e mulheres de cor continuam morando nos mesmos bairros, conforme já descrito, entretanto, com acessos à escolas e empregos distintos, tais como pequenos cargos públicos ou em setores de comércio e serviços, com isso não permitindo nenhum tipo de acúmulo de capital passível para ser comparado com a elite branca.⁶

Nas páginas d’*O Clarim da Alvorada*, o termo elite negra não aparece em nenhum momento, ainda que os redatores se percebam de forma distinta dos outros negros, ao passo que entre si, se autointitulam como homens e mulheres de cor. A outra parcela negra da cidade é apresentada por eles como os “outros negros”. Domingues apresenta esse panorama através do viés do homem negro moderno, no qual situado em uma cidade que se moderniza, ele busca através dos caminhos que lhe são possíveis, se aproximar do ideário branco e se distanciar das raízes afro-brasileiras. Esse elo entre negros e a ancestralidade africana nesse momento é mantido e assegurado pela outra parcela negra de São Paulo:

Entre os setores existiam diferenças no padrão e expectativa de vida, no comportamento, na mentalidade e na maneira de vestir (...). No entanto, o principal eixo divisor dessas duas camadas era dado pelos níveis de assimilação ao mundo branco. Para os negros da elite, o modelo branco de educação, etiqueta, cultura, protesto e organização seriam incorporados, total ou parcialmente, pelos seus membros. Já os negros da plebe, negavam radicalmente os valores do mundo branco, assumindo um estilo de vida alternativo, expressado pela resistência cultural (samba, capoeira, “macumba” e malandragem) e preservação, em certa medida, da visão de mundo ancestral.⁷

A ideia de Domingues é apropriada no presente texto até certa medida, visto que é preciso ponderar que a negação dos valores brancos por parte do que ele chama de plebe negra não ocorre de forma consciente. Entende-se isso quando é pontuado que esses sujeitos se percebem as margens da modernização paulistana, de forma contrária daqueles outros negros que através de acessos obtidos através dos empregos e/ou relações mantidas com famílias

⁶ TIEDE, Livia Maria. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Campinas, 2005, 186 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2005, p. 27.

⁷ DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negros, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930)*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) FFLCH, 2000., p. 164.

brancas, como é o caso de Jayme de Aguiar, conseguem se conectar com um mundo intelectual através de redes negras traduzidas pelos grêmios e associações.

Dessa forma, espaços citados como de sociabilidade negra desses sujeitos, serviam como uma forma de reforçar e delimitar quem faz parte dessa classe média negra, incluindo a imprensa especializada, sendo ela um dos caminhos mais significativos desse meio, responsável por ligar negros com a mesma ideologia e determinar seus padrões de comportamento, no qual visões do passado e futuro eram compartilhadas a fim de reforçar esse espaço favorecido ocupado pelos homens de cor.

Segundo Ana Flávia M. Pinto, o primeiro jornal da imprensa negra foi *A Pátria*, publicado pela primeira vez em 1889, no qual a autora entende enquanto imprensa negra toda a produção jornalística negra desde o século XIX,⁸ e nesse caminho, poderíamos considerar tantos outros jornais como imprensa negra, como por exemplo *O Progresso*, de 1899 ou *O Baluarte*, de 1903. Entretanto, no presente trabalho consideramos de fato imprensa negra paulista como aquela que se fundamentava em ser um veículo de comunicação entre e para a população negra, conforme é sinalizado por Roger Bastide, Miriam Nicolau Ferreira e outros pesquisadores que se debruçam sob o mesmo objeto de estudo. Seguindo por esse caminho que chegamos em 17 de outubro de 1915, com a publicação de *O Menelick*, que contempla em suas edições uma sequência de aspectos e características já enumerados capazes de classificá-lo como o primeiro jornal imprensa negra paulista, conforme abordagem aqui adotada.

O Menelick, fundado pelo poeta negro Deocleciano Nascimento,⁹ surgiu logo no seu primeiro número enquanto um “Órgão mensal, noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor”, no qual em seu título já sinalizava sua ligação com reivindicações à memória e a ancestralidade. O nome Menelick é uma referência ao rei da Etiópia, Menelick II, morto em 1913, interpretado como grande símbolo da raça preta pela sua representação enquanto rei do primeiro país a se tornar independente da África, além de também ser uma alusão ao tratamento dos italianos em relação aos homens negros, apelidados também de menelick.¹⁰ Ainda que tenha apenas duas publicações, o que faz *O Menelick* ser considerado o precursor da imprensa negra

⁸ PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

⁹ “Deocleciano foi redator do *Auriverde*, redator e diretor de *A Voz da Raça* (foi de sua responsabilidade a redação do primeiro número, em 18 de março de 1933), e colaborador de outros jornais, entre eles *Elite*, *O Clarim d’Alvorada* e *Kosmos*.” CARVALHO, Gilmar Luiz. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo. 2009. 210 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009, p. 77.

¹⁰ FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915/1963). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.5, n. 10, março/agosto, p. 197-207, 1985. p. 200.

paulista é o contexto em que se insere, considerando tanto o plano nacional, como também o internacional, como assinala Bastide:

Sente-se que a guerra, divulgando as ideias de liberdade e igualdade, apresentando-se como o grande combate da democracia, despertou nas massas trabalhadoras de cor aspirações por melhor sorte. Ao mesmo tempo temos aí indícios dos primeiros efeitos da política de educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver o ensino gratuito primário.¹¹

Acerca do fim prematuro d'*O Manelick*, devemos sinalizar que mesmo com os avanços tecnológicos para a impressão de jornais, esse processo ainda não era o suficiente para garantir a durabilidade dessa imprensa, na qual, um dos fatores principais para o fim de vários jornais restringia-se as privações financeiras. Ainda que em alguns momentos da história da imprensa negra possibilitasse anúncios de trabalhadores negros, como cabeleireiras, advogados ou contadores, não era o suficiente para garantir a continuidade das suas publicações.

O não pagamento dos assinantes também sinalizam momentos de fragilidade financeira,¹² o que podemos entender que mesmo letrados, muitos desses sujeitos que compunham a elite negra letrada paulista ainda não podiam garantir uma autonomia de seus gastos e lucros. Devida essas circunstâncias que muitos exemplares eram distribuídos de forma gratuita nos clubes e centros recreativos, bem como nas associações para a população negra.¹³

Apresentado o jornal que iniciou o que compreendemos como imprensa negra paulista, Ferrara procurou estabelecer uma periodização dos jornais em fases, separadas entre os anos de 1915 a 1923; 1924 a 1937 e 1945 a 1963.¹⁴ Essa divisão, proposta por Ferrara, apresenta a primeira fase através da centralidade em segmentos no que cerne a vida social da população negra, sendo fortemente associada aos grêmios e clubes recreativos. Já a segunda fase detém um caráter combativo e político de forma incisiva, possuindo características que se voltam para ações de conscientização e reivindicação. Por último, a terceira fase da imprensa negra se forma durante o processo de redemocratização, em que o caráter combativo e reivindicatório por parte dos periódicos se mantêm, somado a temáticas específicas da temporalidade que o contempla.

A primeira fase é composta por jornais que advinham de clubes ou associações recreativas, e daí a característica essencial de ser um meio de comunicação quanto à vida social dessa parcela da comunidade negra, no qual ocorre uma constante de publicações que tratem de

¹¹ BASTIDE, Roger. op cit.: p. 131.

¹² O próprio *O Clarim d'Alvorada* sinaliza essa questão em suas publicações, como ocorre na edição de 17 abril de 1927 (pág. 04), em que a seguinte mensagem aparece no jornal, escrita em caixa alta: "Aviso: Pedimos aos assinantes do 'Clarim' por obséquio mandarem pagar suas assinaturas do corrente ano, para evitar a interrupção da remessa do jornal. [...]".

¹³ FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. op. cit.: p. 52.

¹⁴ FERRARA, Miriam Nicolau. op. cit.: p. 200-205.

reuniões, sinalizando batizados, óbitos, casamentos e outras ocasiões do cotidiano. Alguns exemplos de jornais que compõem essa fase são: *A Liberdade* (1919); *O Bandeirante* (1918) fundado pelo *Grêmio bandeirantes*; *Kosmos* (1912) que circulava primordialmente entre o *Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos*; *Elite* (1923) que foi idealizado pelo *Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade*.¹⁵ Já *O Alfinete* (1918), como sugere o nome, era responsável pelas publicações que se lançavam a alfinetar sujeitos, grupos ou situações ocorrentes no ciclo social dessa comunidade negra, devido à isso, que uma das formas de se referir a primeira fase da imprensa negra paulista é como “mexericos”.

Cabe ressaltar que ainda que esses jornais não se colocassem ativamente enquanto órgãos combativos, eles não se isentavam por completo de demandas sociais acerca da realidade do negro da época, conforme destaca Francisco:

Seria, contudo, incorreto afirmar que esses jornalistas de “periódicos mexericos” não tivessem preocupação em publicar informações de natureza política ou social que interessavam os negros paulistanos. Já é possível encontrar nesses jornais o tipo de abordagem que seria comum na imprensa negra paulista em meados da década de 1920. Na edição de agosto de 1918, *O Bandeirante* publicou uma nota de repúdio ao modo como o *Diário Popular* havia retratado a eleição de um deputado negro pelo Estado de Sergipe. O jornalista desta folha havia se indignado com o fato de os sergipanos terem elegido um homem negro, o que expressava, para ele, a falta de capacidade do eleitorado brasileiro. *O Bandeirante* tratou de defender não somente o deputado, mas todos os negros de destaque na sociedade brasileira. Ou seja, todos aqueles que seguiam os valores da “elite negra paulistana” e as classes dominantes.¹⁶

Francisco evidencia que mesmo os indivíduos por trás dos primeiros jornais da imprensa negra se debruçassem primordialmente em temas corriqueiros e do cotidiano, eles não se isentavam das inquietações e demandas raciais ao seu redor. Esse posicionamento ocorre porque esses indivíduos, tais como Joaquim Cambará (militar e responsável por *O Bandeirante*), Augusto Eusébio de Oliveira (exercia atividades de advocacia e procuradoria, além de ser o fundador e redator principal de *O Alfinete*) ou Gastão Rodrigues da Silva (presidente do Club Smart e fiscal municipal, bem como diretor do periódico *A Liberdade*), se colocam como membros da célebre elite negra paulistana, que define e norteia padrões de comportamento e moral dos negros que alcançam algum tipo de prestígio ou ascensão social, logo, estruturando um estilo de vida.

Dessa forma, considerando tamanha influência desse grupo, é impossível se desvencilhar das demandas sociais, pois ainda que sejam homens negros bem quistos da sociedade paulistana, ainda eram homens negros, e por isso não havia espaço capaz de

¹⁵ DOMINGUES, Petrónio. op. cit. p. 328.

¹⁶ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. op. cit.: p. 27.

desassociar por completo suas condutas do estigma da raça, ainda que ela apareça de formas subjetivas ou discretas.

Já a segunda fase da imprensa negra paulista, que está inserida em um contexto global e nacional distinto, devido ao fim da Primeira Guerra Mundial e à renovação e modernização urbana e industrial das cidades, propiciou em uma imprensa “combativa”. Desferindo publicações em suas páginas que reivindicavam e questionam a situação do negro naquela sociedade que buscava se europeizar e embranquecer,¹⁷ a segunda fase da imprensa negra é a que comporta a fonte do presente estudo. O primeiro porta-vozes dessa fase jornalística é *O Getulino* (1923-1926) fundado pelos jornalistas Gervásio de Moraes e Lino Guedes, em Campinas. O subtítulo d’*O Getulino*, “*Órgão para a defesa dos homens pretos*” já denuncia seu caráter combativo, em que se coloca de forma incisiva em prol das demandas da população negra.

Nesse momento, a realidade na imprensa começa a ser mais evidente, pois a intenção dos jornais voltada para a concretude das vivências da população negra, seja através das notícias, artigos de reflexão político/ideológico ou através da literatura que aborda temas como família, convivência, amor e outros temas. Ou seja, a forma como o texto é publicado busca ir além de relatar sobre ocorrências dos bailes, mas também de promover a reflexão por intermédio de formas textuais variáveis. Dessa forma, como assinala Barros,

A intenção de agir sobre a sociedade através de seus discursos sobre a realidade, e desinformações que selecionam ou mesmo fabricam, é muito característica dos jornais – ou da multiplicidade de autores, profissionais, editores e sujeitos sociais neles envolvidos.

É exatamente porque os jornais são instrumentos e Campos de lutas, ocultando interesses políticos e sociais que podem ser desvelados através da análise do seu discurso, que eles se tornam particularmente interessantes para os historiadores que pretendem abordar Los como objetos de estudo, ou como Fontes históricas para o estudo de temáticas diversas. Sem que seja preciso dar como exemplo o caso mais óbvio e gritante das manipulações e distorções, não há nada de neutro na mais simples escolha encaminhada pelo jornal acerca do que informar, de quando informar, de como informar.¹⁸

Um rápido balanço nas produções acadêmicas sobre o jornal aponta três argumentos que buscam explicar o periódico e sua relevância. A primeira destaca como que *O Getulino* se articulava através de uma reelaboração da ideologia dominante acerca de raça, miscigenação e branqueamento, na qual coloca-se como um veículo de informação a fim de dinamizar a ideia de

¹⁷ CARVALHO, Gilmar Luiz. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo. 2009. 210 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. p. 102-105.

¹⁸ BARROS, José D’Assunção. op. cit.: p.45.

o negro ideal.¹⁹ Ou seja, nas suas publicações evoca uma identidade negra que não se equipara as noções racistas da época, mas sim, apresenta e divulga um tipo-ideal de negro, que não simboliza o atraso, mas sim o progresso.

Por outro lado, há de se colocar a constatação de José Roberto Gonçalves, que discorre sobre *O Getulino* enquanto um jornal cujos posicionamentos não aparecerem enquanto unidade. Logo, em suas publicações encontra-se um leque diverso de ideias e sentidos sobre a situação do negro.²⁰ De forma, a criar consonância entre os estudos, Francisco destaca a importância d'*O Getulino* em formar uma rede de acolhimento, solidariedade (e luta) entre diversos municípios do interior paulista, criando, através disso, possibilidades para a formação de um movimento social negro.²¹

Sobre *O Getulino*, temos um texto assinado por Gervásio de Moreas, um importante sujeito do meio negro intelectual do período que frequentemente contribuiu com artigos n'*O Clarim*, e que, na edição 50 do jornal publicada em 1924, discorre sobre a união dos negros, acentuando o caráter político da segunda fase da imprensa negra paulista:

Pois bem, de Campinas, partiu o primeiro toque de reunir para se implantar uma nova forma de governo e libertar o braço escravo.
Surjam também dessas plagas de úteis iniciativas, os preâmbulos para a união da raça ontem excluída do convívio social.

É só assim, quando cantarmos mais essa vitória [a união dos negros] contradiremos, a um escritor gaulês, cujo nome não atinamos de pronto, que teve a ingenuidade de exclamar: - “porque supor uma unidade quando não existe na raça humana”.²²

No trecho, Moraes exprime o que viria a ser a segunda fase da imprensa paulista, ao falar sobre a união da raça bem como questionar as imposições ideológicas e hegemônicas. Nesse sentido, as reflexões que posteriormente tornariam um norte para o movimento negro político e articulado, têm como berço artigos publicados em diversos veículos produzidos e consumidos pela elite negra paulistana, que buscam compreender sua ancestralidade e como conectá-la ao ideal nacional e de negritude amplamente debatido nos anos em que os jornais categorizados como pertencentes da segunda fase da imprensa negra paulista circularam.

Ademais, outros jornais também circularam em São Paulo durante a fase combativa da

¹⁹ MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras. A militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino* (Campinas, 1923-1926). Dissertação (Mestrado em História) – IFCH/UNICAMP. Campinas: SP.

²⁰ SANTOS, Renan Rosa. op. cit p. 77 et al GONÇALVES, José Roberto. *O Getulino. Um jornal de carapinha – jornal editado por jovens negros em Campinas (1925-1925)*. São Paulo. 2012. 247 p. Tese (Doutorado em História) – PUC/SP, 2012, p. 37.

²¹ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. op. cit.: p. 24.

²² MORAES, Gervásio de. “Antes assim” *O Getulino*. Campinas. 12 ago. 1923. p. 01.

imprensa negra, tais como *Elite* (1923-1924) do *Grêmio Dramático, Recreativo e Literário Elite da Liberdade*; *Auriverde* (1927-1928); *O Patrocínio* (1928-?), *O Progresso* (1928-1932), *Tribuna Negra* (1935), *O Estímulo* (1935), dentre outros.²³ Todos esses periódicos aturam através de publicações que buscavam compreender a situação da comunidade negra, bem como diagnosticar o “problema do negro”, no qual, usos do passado e prospeções do futuro se faziam presentes. Nesse período também foi fundado o jornal *A Voz da Raça* (1933-1937), sendo um dos mais emblemáticos do período por sua congruência com a Frente Negra Brasileira, a associação negra com maior alcance da primeira metade do século XX no país.

A FNB se fundamentou através de uma gama diversa de serviços e ações voltadas à população negra, incluindo desde atendimentos dentários, auxílio jurídico e atividades educativas. Concomitantemente, se manifestou por intermédio de múltiplas frentes de atuação, passando por instrução, imprensa, assistência e outros meios de se integrar de forma plena no cotidiano e na ideologia dos homens e mulheres de cor. Em sua formação inicial, a FNB contava com nomes de alguns sujeitos renomados para a elite negra paulistana, como os irmãos Isaltino B. dos Santos e Arlindo Veiga dos Santos e também figuras da imprensa negra como Deocleciano Nascimento, José Correia Leite e Jayme de Aguiar.²⁴

Na terceira fase, temos a publicização dos periódicos *Alvorada* (1945), *Senzala* (revista-1946), *União* (1948), *Redenção* (1950), *Correio d’ Ébano* (1963), dentre outros.²⁵ Nesse momento, o jornal *Alvorada* era um dos mais significativos por ser o porta-voz oficial da Associação dos Negros Brasileiros, fundado por José Correia Leite, Fernando Góes²⁶ e Raul J.

²³ FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. *Representações sociais e práticas políticas do Movimento Negro paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga Santos (1928-1937)*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2005, p. 68.

²⁴ Como não é pretensão do presente trabalho discorrer sobre o jornal *A Voz da Raça*, tampouco sobre a magnitude que cerca o tema da Frente Negra Brasileira, é recomendada uma leitura complementar sobre ambas, caso seja de interesse ao leitor. Cf.: OLIVEIRA, Andre Cortes. *Quem é a “gente negra nacional”? Frente Negra Brasileira e A Voz da Raça (1933-1937)*. 2006. 139 f. Dissertação (mestrado em história) – Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas. 2006; OLIVEIRA, Laiana Lannes. *A Frente Negra Brasileira: política e questão racial nos anos 1930*. 2002. 112 f. Dissertação (Mestrado em História Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2002.; CRUZ, André Pompolini da. *As manipulações da memória e da raça no periódico “A Voz da Raça”*. 2022. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2022.

²⁵ FERRARA. Miriam Nicolau. op. cit.: 203-204.

²⁶ Fernando Góes foi um poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Bahia. Conhecido no meio negro intelectual, Góes teve um importante papel na construção e conceituação do negro brasileiro, sendo uma das figuras negras mais reconhecidos nacionalmente. Além disso, Góes participava e estava nos mesmos clubes e associações que Jayme de Aguiar e José Correia Leite ocupava, sendo muito recordado no livro de memórias de Correia Leite.

Amaral,²⁷ visava após redemocratização elucidar as demandas da população negra. Assim, marcada por se propor a reestabelecer e reorganizar o movimento negro que foi abruptamente paralisado após 1934, os jornais dessa fase se debruçavam sobre demandas muito específicas de um contexto nacional que se ordenava novamente. Em 1963 as publicações dos jornais ainda vigentes novamente são paralisadas devido e efervescência do golpe militar e retornam somente em meados de 1970, entretanto não mais sob o nome de imprensa negra paulista, visto que já nesse momento as reivindicações se debruçam para além da questão do negro, mas especialmente para o retorno da democracia.²⁸

2.2 - A construção de uma identidade própria: a base ideológica sobre o passado e a raça na primeira fase do jornal

Situado em um contexto em que se redefiniam conceitos e noções no âmbito político e social, o jornal *O Clarim da Alvorada* esboçou sentidos para a memória da escravidão e ao conceito de raça. Publicações que abordam a racialidade debatem o cotidiano, os costumes, os direitos e os deveres da população negra com recorrência. Muitas dessas menções à raça se debruçam em reflexões sobre o passado e o papel do negro na sociedade da época, o que, algumas vezes, se volta para a população afro-brasileira como um todo, ainda que o alcance do jornal se limitasse aos negros letrados e intelectuais de São Paulo.

Dessa forma, era estabelecido um paradoxo entre os textos do jornal que apontavam os caminhos que os negros deveriam seguir e a realidade da massiva parcela iletrada negra na cidade que não compartilhava dos mesmos acessos, e assim, não participava do projeto integracionista do jornal em idealizar uma identidade negra.

Dito isso trataremos inicialmente da primeira fase que vai desde a primeira publicação d'*O Clarim* em 1924 até o final de 1927, pois percebe-se que já nesse período seja possível perceber alguns sinais da ruptura que foi anunciada pelo jornal em 5 de fevereiro de 1928, no qual a contagem de edições publicadas até então é zerada.

É preciso destacar que a separação por fases no presente trabalho é seguida conforme o próprio jornal anuncia, e pretende-se aqui compreendê-la a fim de dar sentido as razões que

²⁷ Raul Joviano Amaral foi junto com os irmãos Isaltino B. dos Santos e Arlindo Veiga dos Santos, fundador da Frente Negra Brasileira e diretor do jornal *A Voz da Raça*, principal porta-voz da FNB. Amaral fez parte da elite intelectual negra paulistana através do seu trabalho como advogado, jornalista e historiador, no qual junto com demais sujeitos que compunham aquela sociedade, projetavam ideias de futuro através de textos impressos, associações e também ações comunitárias entre e para outros homens de cor. Além disso, Raul Amaral também tem ligação com a fundação de instituições negras tais como Associação dos Negros Brasileiros, em 1943 e Associação Cultural do Negro, em 1954.

²⁸ *Ibidem*, p. 204-205.

levaram o editorial a tal ruptura de fases, e não somente tratar a mudança como algo neutro de intencionalidade. Assim, ao longo da pesquisa, através propriamente do estudo da fonte bem como da bibliografia que compartilha do mesmo objeto de estudo, entendemos que a escolha de iniciar uma nova fase é uma maneira simbólica do jornal de se anunciar de outro modo, a fim de conceber o intuito de ser um órgão de luta por e para os homens de cor. Ou seja, o jornal buscou através desse momento não ser mais divulgado somente como literário, humorístico e noticioso, mas também através de um cunho político.

Ressalto de antemão que essa percepção não anula os feitos no que tange a posição ideológica d'O *Clarim da Alvorada* na primeira fase, tampouco coloca a literatura como apolítica, mas sim, através dos moldes e possibilidades a frente do editorial do jornal naquele período, é perceptível a urgência dele em se posicionar em outra esfera, com o propósito de colocar-se à frente de uma nova corrente de intelectuais negros, ao passo que nesse momento as articulações de movimentos como a FNB se iniciava, logo, priorizando ações e debates de cunho militante.²⁹

Ainda entende-se também que a parte literária não desaparece, o que indica que: mesmo querendo ser divulgado como um órgão combativo, ele não permite que um dos braços fortes do jornal desvaneça. Além de que também entende-se que os contos, crônicas e demais produções literárias, fomentam a discussão sobre cotidiano e outros temas que estão intrinsecamente ligados à luta ideológica e agenda política desses homens de cor que em muitos dos casos eram também ilustres escritores da época.

O corpo editorial d'O *Clarim da Alvorada* nos seus primeiros anos de circulação evoca o conceito de raça para compreender o presente, tratando do cotidiano e oferecendo diagnósticos ao papel social do negro à época. Ele se utiliza do passado para fundamentar suas menções acerca da raça, no qual, é apresentada através de uma dicotomia entre os pensamentos dos fundadores do periódico. À vista disso, que se torna necessário explanar acerca dos mecanismos que envolvem os usos de pseudônimos no jornal, considerando que alguns deles são responsáveis por protagonizar textos que elucidam sobre memória, comportamento e raça.

Para tal, utilizaremos de outros trabalhos que compartilham da mesma fonte e/ou objeto de estudo, que já realizaram uma categorização e descrição dos pseudônimos presentes n'O *Clarim da Alvorada* assim como trabalhos que abordem a utilização de pseudônimos como

²⁹ SILVA, José Carlos Gomes da. *Os suburbanos e a outra face da cidade – Negros em São Paulo 1900-1930. Cotidiano, Lazer e Cidadania*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – IFCH/UNICAMP. Campinas, SP, 1990, p. 114.

artifício literário. Assim, há em especial o caso de Jayme de Aguiar, no qual acredita-se que tenha assumido seis pseudônimos,³⁰ sendo eles: Moysés Cintra, Praxedes, Ana Maria, Jim do Vale e propriamente Jim de Araguay, um anagrama do próprio nome, que era quem assinava como editor do jornal nos seus primeiros anos de publicização. José Correia Leite por sua vez, assinava seus textos a maior parte das vezes somente como Leite ou Tuca.

Entre 1924 e 1926 Jayme de Aguiar deixava ao cargo do seu pseudônimo Moysés Cintra as publicações em que debatia raça, comportamento, memória da escravidão e outros aspectos sociais relacionados à negritude,³¹ deixando para si os textos ficcionais que não tratavam desses temas de forma direta, como por exemplo poesias ou crônicas. A princípio já pode-se perceber que o editor e fundador do jornal buscava inicialmente afastar-se pessoalmente do âmbito político presente no jornal ao não assumir sua identidade, ainda mais pelo caráter conservador dos seus posicionamentos. Assim, incorpora em si uma percepção da realidade próxima aquela divulgada pela cultura dominante e eficaz,³² em que a culpabilização pela realidade econômica e social do negro recai em si mesmo e na forma como este conduz seu comportamento através da imoralidade e vícios.

Com isso, a máxima de publicações de Moysés Cintra, que são recorrentes nos dois primeiros anos do jornal, é em sua maioria oferecendo diagnósticos e ruminando meios possíveis de transformar o tempo presente para os negros, e de certa forma, divulgando um ideário pensado pela elite intelectual branca da época, ainda que com ressalvas pontuais, conforme podemos perceber nesse texto publicado por ele em 2 de março de 1924 intitulado “Um dever”:

Hoje, infelizmente, ainda se veem passar, pelos arredores, mesmo no coração da cidade, muitos patrícios que são escravos, não daqueles senhorios carrascos, mas dos vícios que os tornam incapazes para tudo: principalmente ao trabalho, que é a base essencial da nossa vida material [...] roubam-nos o caráter, a moral, o respeito as leis e a sociedade, tornando-os inúteis à pátria.³³

O texto nos permite interpretá-lo sob o viés escrito por Frantz Fanon em *Pele negra*,

³⁰ FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. op. cit.: p. 69-70.

³¹ Neste trabalho entendemos o conceito de negritude pelo olhar de Munanga (2019, p. 19), ou seja, “se refere à história em comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar ocidental ‘branco’ reuniu sob o nome de negros”. Cf.: MUNANGA, K. *Negritude, usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 4. ed., 2019.

³² “[...] em qualquer sociedade e em qualquer período específico há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz [...] De qualquer forma, o que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos”. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 53.

³³ CINTRA, Moysés [Jayme de Aguiar]. “Um dever”. O Clarim. São Paulo, 02 mar. 1924, p. 02.

máscaras brancas, que busca compreender padrões de comportamento da psique do negro. Fanon disserta que o negro colonizado por vezes assume para si uma ideologia da classe dominante, isso porque ocorre o que denomina de “desvio existencial”,³⁴ no qual, ocorre um reforço ideológico constante que situa a negritude e sua existência através de um viés pensado pela branquitude. Ou seja, todo o estímulo positivo é voltado ao outro que não seja da mesma raça e a interpretação racista e degradação de tudo aquilo que vem do negro, causam um falso juízo sobre o que é o negro e sua identidade ou em outros casos desencadeia na raiva de si mesmo e dos seus.

Percebe-se essa dinâmica quando se aponta que ainda em liberdade, os negros continuam vivendo como escravos, porém não mais dos brancos, mas sim de si mesmos, e com isso ausentam-se as razões pelas quais os negros contemporâneos a si (sobre)vivem desse modo, que é resultado direto da não integração do negro na sociedade pós-escravista, visto que nesse momento, São Paulo passava por uma contínua modernização da cidade e dos costumes, na qual, a presença do negro era percebida pelo viés da vadiagem, da marginalização, e consequentemente, pela exclusão.³⁵

Essa realidade, portanto, era interpretada por Moysés Cintra como responsabilidade dos negros com quem compartilhava o mesmo território, sendo estes sujeitos e os seus vícios que não permitiam a prosperidade no lar, na educação e nas famílias, chegando a afirmar ainda como se isso fosse algo que lhes tornassem inúteis à pátria. Moysés Cintra finaliza seu texto chamando a atenção para a necessidade de zelar pela raça e pelo passado que cobra, bem como adverte da urgência que há aos negros de se equiparem as outras raças, que segundo ele, já alcançaram o seu progresso e respeito no país.³⁶

Portanto, entende-se a racialidade através desse texto, pelo prisma elaborado pela classe dominante, no qual, ela estabelece uma interpretação sobre quem são os negros e como estes deveriam se comportar e agir. Tudo o que fugisse da norma ideológica estabelecida, recairia na exclusão social e na formulação de estigmas racistas que justificassem essa segregação, que neste caso, se sustenta nos vícios denunciados por Moysés Cintra.

É através do exposto que retornamos ao debate sobre pseudônimo, pois é possível

³⁴ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008, p. 30

³⁵ “Sem ser propriamente hostil ao negro, a cidade de São Paulo quebrou rapidamente a sua ligação com o passado rural. Não foi, apenas, a cultura popular que entrou em crise. Algo mais complexo sucedeu: entre o fim do século XIX e o começo do século XX, a cidade cresceu demais para orgulhar-se dos ‘antigos costumes’, mas ainda era demasiado provinciana para romper com eles de modo substancial e segundo um ‘estilo urbano de vida’.” FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Editora Ática, 1978. P. 68.

³⁶ CINTRA, Moysés [Jayme de Aguiar]. “Um dever”. *O Clarim*. São Paulo, 02 mar. 1924, p. 03.

conceder sentidos que, até o momento, são de caráter conservador e que favorecem as ideologias dominantes. Com isso, ponderar sobre as subjetividades que envolvem o uso de pseudônimo no texto pode auxiliar em uma compreensão mais aprofundada sobre o contexto que envolvia as escolhas e pensamentos do autor. Assim, cabe destacar de antemão, que um pseudônimo é possuído de uma biografia própria, ainda que esta não seja encontrada em registros impressos. Cada pseudônimo não se reduz a ser somente uma assinatura diferente, mas carrega em si seu modo de escrita, seus anseios, suas verdades e noções, além de que pode ser usado como mecanismo de defesa e/ou ataque, a depender do contexto em que se insere.³⁷ Assim, ao tratar especificamente de Moysés Cintra, pseudônimo de Jayme de Aguiar podemos neste momento apontar algumas hipóteses sobre sua criação e seus usos, no qual, entendemos que no momento presente da pesquisa, há a inviabilidade de averiguar essas hipóteses, deixando aberta a possibilidades e novas respostas.

Sabe-se, portanto, que Jayme de Aguiar advém de uma família que fora apadrinhada pelos Paula Souza, considerados uma família branca abastada e com considerável renome em São Paulo, e devido à isso, possibilitando que Aguiar tivesse acessos que eram negados a maioria da população negra da época, como por exemplo uma formação escolar formal, na qual havia estudado no qualificado colégio Coração de Jesus.³⁸ Posteriormente, cursou contabilidade e ocupou um cargo no funcionalismo público.³⁹

O fato de ocupar um cargo público fazia de Aguiar um dos homens negros ilustres e mais respeitados da capital paulista, no qual, é possível vislumbrar grande responsabilidade em atender as expectativas esperadas, tanto por parte da parcela branca com que cresceu, como da população negra que se inspira no seu modo de vida. Essas expectativas são entendidas através dos ideários que se tinham na época sobre comportamento, vestimentas, falas e costumes que deveriam compor as ações e pensamentos desse seleto grupo de negros que se integravam ao setor público,⁴⁰ no qual, esperava-se que estes indivíduos não se assimilassem com a maioria da população negra, logo, que assimilassem a cultura dominante em seu cotidiano.

Entretanto, é de conhecimento que: outras publicações o uso do pseudônimo Moyses Cintra por Jayme de Aguiar não era desconhecido pela comunidade negra ao qual se insere. Portanto, sabendo que entre os seus era sabido acerca da autoria dos textos, podemos inflexionar

³⁷ BARROS, Diana; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, s.d.

³⁸ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. op. cit.: p. 28.

³⁹ FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. op. cit.: p. 15 [nota de rodapé]

⁴⁰ ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998, pp. 200-201.

acerca da escolha de usar um pseudônimo ao invés da sua assinatura. É possível supor que tratar de temas que abordem a materialidade do negro poderiam não ser bem recebidos, ainda que eles ecoassem uma ideologia dominante, como é o caso dos textos assinados por Moysés Cintra.

Dessa forma, Jayme de Aguiar se utiliza de um pseudônimo para tornar público aos seus leitores e comunidade ao qual se insere a sua interpretação sobre o passado escravista, a realidade do negro, e como ele entende as dinâmicas e o cotidiano desse grupo, mas talvez não não tivesse a intenção que seus pensamentos voltados para o campo social chegassem em outros espaços, como o ambiente de trabalho, no qual, considerando que as publicações pudessem chegar até eles, e tendo em mente que esse espaço é um território majoritariamente branco, as inflexões de Jayme Aguiar poderiam ser interpretadas não como uma reprodução de uma ideologia dominante, mas sim através de uma perspectiva racista, que questiona as reflexões de um homem negro sob o prisma de uma agitação social. Ou seja, o seu renome e cargo público poderiam ser lidos por ele pelo prisma de que esses âmbitos sociais que não podem correr riscos, ainda mais que no fim, se tratando de um homem negro, e por isso, se abstém de publicar seus pensamentos sobre a sociedade no contexto à sua época com a sua assinatura.

Outro momento em que o pseudônimo Moyses Cintra é utilizado, não parte de um texto de Jayme de Aguiar, mas sim em um soneto assinado por Quartim Filho, chamado “14 de Outubro” publicado para parabenizar o aniversário de Aguiar. O que mostra que ainda com essas questões que envolvem os motivos para a criação de um pseudônimo, não é como se fosse um segredo a identidade de Aguiar em seus textos que fogem do ficcional. Sendo assim, seguimos no caminho de que a criação de Moysés Cintra não visava ser algo oculto da comunidade negra a qual Aguiar estava inserido, mas pode também ter sido uma forma de não limitar-se sob uma única persona, se tratando da sua comunidade negra. Ou seja, Aguiar entendia que aqueles com quem compartilha os mesmos espaços saberiam das suas opiniões e interpretações acerca da situação do homem de cor, mas a escolha de publicar isso sob a assinatura de um pseudônimo colabora em não ser definido somente sob esse viés, abrindo espaço para que seu trabalho no campo literário receba o mesmo tanto ou até mais destaque em determinadas circunstâncias.

Voltando agora para o soneto, que também merece atenção, publicado na edição de outubro, Quartim Filho buscou homenagear a trajetória e ancestralidade de Jayme de Aguiar, bem como oferece um horizonte de expectativa ao final do soneto,

Faz anos hoje o “seu” Moyses, o preto
Quem é mascote de arquivo e do padrinho
Meus parabéns lhe dou nesse soneto
Muito sincero, embora em desalinho.

Acredita na figa e no amuleto;
Cultiva o espiritualismo com carinho;
De sangue azul é descendente é neto
Dos príncipes do Congo e do Conguinho!

E eu lhe desejo... Aliás, é bem sedição
Dar parabéns a quem já vive bem...
Mercê do Demo e graças ao Feitiço!

Todavia, aqui vai meu voto franco:
Que viva o dobro de Matusalém
Até ficar completamente... branco!⁴¹

O soneto traz referências religiosas que fogem do molde cristão-católico, o qual tem forte predominância em todo o jornal, ao abordar a espiritualidade afro-brasileira dizendo que seu Moysés “acredita na figa e no amuleto” além de que “cultiva o espiritualismo com carinho”. Na mesma estrofe, diz sobre o sangue azul, que até os dias atuais é uma interpretação de ancestralidade real, mas diferente do imaginário que traz à tona imagens de uma família real europeia, aqui Quartim Filho evoca a ancestralidade africana ao versar sobre o Congo⁴² e o Conguinho, como forma de reafirmar o título que oferece a Aguiar logo na primeira estrofe, enquanto o preto, um homem de arquivo e do padrinho, ou seja, aquele que cuida do saber de seu povo através da raça e de sua hereditariedade.

A terceira estrofe também causa boas reflexões, pois aborda mais uma vez a fé. A fim de desejar boas felicitações ao aniversariante, que já vive bem, é dito que isso ocorre pois está “a mercê do Demo e graças ao Feitiço”. De primeira mão pode-se entender o uso de Demo como algo voltado à um racismo religioso, entretanto é plausível entendê-la sob outra lente. Sabe-se que nas religiões de matriz africana como candomblé e umbanda os orixás seriam seres de luz que vem à Terra através de ritos específicos de culto, dentre eles, um dos mais conhecidos, Exú, que comumente é lido através da ótica cristã como um demônio ou alguma entidade que assemelhe isso.⁴³ Nesse sentido, pode-se entender que o uso de “Demo” no soneto, que já havia feito menções respeitadas à fé de Jayme de Aguiar, não iria agora ceder para uma visão estereotipada e racista, considerando ainda que o soneto parte de um homem negro que, embora possa não ser frequente, conhece os ritos. Assim, acredita-se que a escolha de usar “Demo” tenha sido um recurso estético ou até mesmo provocativo.

⁴¹ FILHO, Quartim. “14 de outubro”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 12 out. 1924, p. 1.

⁴² Considerando que a República do Congo só foi institucionalizada em 1958, entende-se aqui que o poeta faz referência aos reinos daquela região, em especial, o Reino do Congo, como forma de rememorar uma ancestralidade negra e africana.

⁴³ GOLDMAN, Márcio. O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 269-288, 2012.

Já a última estrofe oferece um bom panorama sobre a percepção de racialidade do autor, mas também de um imaginário social da época. Quartim Filho ao desejar muitos anos de vida ao seu amigo, deseja que ele viva o dobro de Matusalém, que segundo a tradição judaico-cristã viveu por 969 anos. Sendo assim, considerando o marco temporal referido pelo autor, ele deseja a Jayme de Aguiar quase que dois séculos de vida⁴⁴ e que ao final desse tempo ele se torne totalmente branco. Levando em consideração as teorias racialistas do período, que através de processos de eugenia, datavam o que o Brasil se tornaria branco no tempo que Quartim Filho faz desejar as suas felicitações, ou seja, ele entende que o se tornar branco como algo tão bom ao ponto de desejar que seu colega viva o suficiente para viver isso.

Essa colocação torna possível compreender que mesmo em meio a um movimento negro que se torna cada vez mais consciente da situação do negro e das razões pelas quais ocorre a sua marginalização, ainda recai na reprodução de uma ideologia dominante. Isso não significa que os homens de cor que protagonizam e assinam os textos d'*O Clarim da Alvorada* aceitam como verdade dada, tirando deles o poder de escolha, porém, oferece um olhar para a forma como uma ideologia contra-hegemônica se forma. Ao passo que sob uma perspectiva histórica de estudo, compreende-se que o agir dos indivíduos não se dá através de uma linha contínua e plena, pois recebe influências diversas e plurais, produzindo, portanto, formas ideológicas subalternas que se alimentam até mesmo daquelas que sejam dominantes durante o processo de politização.⁴⁵

Há ainda um outro momento em que Aguiar utiliza da assinatura de Moysés Cintra para se expressar no campo das ideologias e reflexões políticas, temos o artigo publicado em 1925, que o intelectual retoma o tema da escravidão, evocando agora também grandes nomes do movimento abolicionista, a fim de trazer a reflexão sobre a memória desses sujeitos, além de rememorar o dia 28 de setembro que comemora o dia que a Lei do Ventre Livre foi sancionada e somente em 1968, cerca de 30 anos depois do fim do jornal foi promulgada a lei em comemoração à Mãe Preta, sendo este um dos movimentos mais articulados da comunidade negra paulistana.

Retornando ao texto, Moysés Cintra, assinala em seu artigo,

Assim correram os anos; era uma ilegalidade contra outra ilegalidade patente, porque razão aqueles pobres infelizes deveriam tanto labutar sem receber em paga uma recompensa? Em 1871, um raio de luz brilhante caiu nas profundezas inqualificáveis onde as trevas imperavam; esse balsamo suavizou mais as chagas vivas daqueles

⁴⁴ TAVARES, Francilene De Souza. *Imprensa negra e ensino de História: o debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República*. Guarulhos, 2021, 289 p. Dissertação (Mestrado) - ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo. Universidade Federal de São Paulo, 2021.

⁴⁵ WILLIAMS, Raymond. op. cit., p. 58.

pobres mártires.

Foi Rio Branco o palio protetor, então ministro, que deferiu um golpe quase mortal a nefasta instituição. Surge a lei declarando livres os filhos do ventre escravo.

Começou a guerra contra a maldita escravidão; em todos os recantos do Brasil surgiram homens, verdadeiros patriotas: João Cordeiro, José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Joaquim Nabuco, Serra e Ferreira de Araujo e outros mais no centro; José Bonifácio. José Antonio Bento. Os ex-escravos Luz Clama e Luiz Garcia e outros mais que labutaram com verdadeiro amor e carinho pela causa justa.

Portanto o dia 28 de Setembro é para todos os brasileiros o grande dia em que se firmou a formação da verdadeira família brasileira aqueles que tanto fizeram com suas lágrimas e sangue para engrandecer a nossa família e tornar-se digna ante todas as nações do universo.

Apesar dos pesares, hoje emancipados vivemos: porém, necessário é pensarmos também no dia de amanhã, rendermos graças ao Criador, aos emancipadores, abolicionistas. Lembrar devemos desses paladinos fervorosos a quem devemos uma gratidão eterna e a redenção da nossa raça, que jamais se extinguirá do coração dos nossos irmãos, e filhos de amanhã: é a inolvidável gratidão que lhes devemos !.⁴⁶

Nesse texto, Jayme de Aguiar busca nas memórias do movimento abolicionista chamar a atenção para a necessidade do labor em prol da racialidade. Ele destaca como a Lei do Ventre Livre foi “um golpe quase mortal à instituição” entendida aqui para a toda a população escravista que representa a ideologia dominante. Aqui é evidenciado como que a liberdade daqueles nascidos de mulheres escravizadas era um insulto à branquitude, e, assim sendo, coloca-se frente a frente com a hegemonia burguesa, desafiando o papel do homem branco e seu poder sobre aqueles indivíduos.⁴⁷

Rever esse artigo para a pesquisa e entendê-lo como parte do todo que representa *O Clarim da Alvorada* é perceber como o discurso dos agentes que tornaram o jornal real não se limitam em um único discurso. Isso porque, percebe-se em diversos outros momentos, principalmente na primeira fase, a ausência da culpabilização da branquitude pela marginalização e subalternização do negro no pós-abolição. No entanto, conforme o assinalado, esse pensamento não se sustenta somente na denúncia do próprio negro, mas, conforme no artigo de Aguiar, aparece de maneira discreta como a branquitude traduzida aqui sob o termo de “instituição”, é, de fato, aquela que se articula através de medidas e reações contrárias à emancipação da população negra.

Além disso, o uso da memória mais uma vez assume caráter educativo, em que o trabalho de rememoração dos abolicionistas serve como um lembrete aos seus contemporâneos da necessidade de continuar no árduo trabalho de engrandecer a família e labutar na redenção da raça. Ou seja, dedicar-se à construção que Jayme de Aguiar tinha do seu ideal de raça, tendo em mente integração no plano nacional e a elevação da negritude como um todo.

⁴⁶ CINTRA, Moysés [Jayme de Aguiar]. “Salve! 28 de setembro”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 27 set. 1925, p. 01.

⁴⁷ WILLIAMS, Raymond. op. cit.

Seguindo na reflexão sobre raça e memória, temos também o texto publicado na edição de número 20, do dia 25 de Abril de 1926, assinado por Leite (José Correia Leite), chamado “Porque queremos a confederação”, em que diz:

Esses grandes vultos da nossa história, jamais sonharam que seus irmãos de raça, viessem mais tarde viver no atraso sem par em que se encontram. A luta moderna, é muito oposta das que tiveram os abolicionistas, porque, trata-se somente do preto contra o preto: da inteligência contra a ignorância.

Portanto, a luta moderna é muito diferente. O preto precisa instruir-se para marchar ao lado de todas as disciplinas, que o progresso nos apresenta. No Brasil não existe o preconceito de cor como dizem vários patricios, cremos que a nação não tem culpa dos brasileiros pretos não serem esforçados.

[...]

Não conhecemos pretos verdadeiramente milionários, mas sabemos que existe nesta capital um bom número de pretos, mais ou menos ... Esses naturalmente têm toda a razão de se não misturar, pois, certos há que se prestam somente para nos envergonhar, tudo isto é razoável; mas o que se não pode ocultar é a negação dos nossos feitos ante a evolução do país, apresentando qualquer causa que sirva para o engrandecimento da nossa raça.⁴⁸

No trecho acima, Leite relaciona passado e presente pela raça, através de movimentos de culpabilização, assim como de exaltação da população negra no país. Todo esse movimento estrutura-se na dicotomia entre trabalho e vadiagem,⁴⁹ no qual o primeiro é visto como um sinalizador do progresso que já foi alcançado por outras raças, enquanto a vadiagem é associada à ignorância ou ao “não esforço”. Bastide aborda esse assunto ao evocar a ideia de “puritanismo negro”,⁵⁰ que por definição seria o aglomerado conjunto de valores, costumes e práticas que constituem a ética e a moral do trabalho para a população negra letrada, partindo essencialmente da realidade paulistana. Ocorre, então, uma hipervalorização da educação formal em detrimento da negação dos costumes e crenças tidas como primitivas dos negros. Com isso, Leite justifica em seu texto o afastamento dos intelectuais negros do restante da população afrodescendente, visto que o primeiro grupo representaria o progresso, enquanto o segundo grupo diz respeito ao atraso e à vergonha da raça.

Esse caminho interpretativo também possibilita o entendimento de quando Leite afirma não haver preconceito de cor no país, pois através do “puritanismo negro”, os valores éticos e

⁴⁸ LEITE, [José Correia Leite]. “Porque queremos a confederação”. *O Clarim d’Alvorada*. São Paulo, 25 abr. 1926, p. 02.

⁴⁹ No momento em que situamos o estudo, a vadiagem era considerada crime previsto pelo Código Penal de 1890, cujo caráter legislativo é interpretado pelo viés racista da época, que se fundamentava da lei para inibir e marginalizar costumes e práticas da população negra, bem como reforçar a moral do trabalho, no qual o desemprego e seus desdobramentos (pessoas em situação de rua, alcoolismo e outros vícios decorrentes da falta de emprego por esses negros desafortunados), também é considerado vadiagem. Cf.: ROCHE, Fábio Dantas. *Vem de longe para trabalhar: trabalho, classe e raça na cidade grande*. In: *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. 2018. 288f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, pp 205-254.

⁵⁰ BASTIDE, Roger. op. cit.

morais culpabilizam a própria comunidade negra por sua situação, relegando essa responsabilidade do Estado. Isso se deve ao fato de que a moral do trabalho opera enquanto uma expansão da ideologia dominante no cotidiano e no pensamento dos poucos negros letrados de São Paulo.

Vale ressaltar que o puritanismo racial se fundamenta também na relação entre passado/presente, muito bem exemplificado no texto de Leite. A forma como ele exalta a ação dos abolicionistas e do trabalho dos negros como produtores da nação, através da dívida que os homens e mulheres de cor têm com esses sujeitos históricos, permite-nos traduzir esse pensamento dito por Bastide, que reitera que a moralidade se faz de fora para dentro.⁵¹ Logo, o texto de Leite situa-se em um contexto nacional que busca compreender a história e seu povo em uma identidade nacional sólida. Portanto, quando Leite apresenta a importância dos abolicionistas e do trabalho dos negros para a pátria, ele está, nas entrelinhas, se utilizando da moral do trabalho, que foca na instrução e nega a vadiagem do passado e do presente, para incorporar o negro à ideia do brasileiro nacional.

Neste sentido, ocorre o que podemos compreender como o aburguesamento triunfante sob o orgulho racial,⁵² no qual a memória escravista só é evocada para justificar a moral atual e condenar as práticas e costumes originários da população negra.

Ainda há o que se dizer acerca da disputa entre os significados de raça e da memória escravista, estrelada no presente estudo pelos textos de Moysés Cintra (Jayme de Aguiar) como também de Leite, os quais, embora inseridos em um ideário difundido pela cultura dominante e eficaz, se apresentam através de alguns aspectos que merecem destaque. Para elucidar o problema colocado, trago trechos de dois textos publicados na edição de número 4, de 6 de Abril de 1924:

Nos tempos que já se foram, esta época era a mais dolorosa para os nossos antepassados, enfim para o negro escravo.
Seus senhores, os obrigavam descrever ao ministro sem escrúpulos as suas misérias, os seus segredos.
E depois? Depois vos bem o sabeis.
Era nessa época que se davam os piores açoites nas fazendas e neles morriam muitos pobres infelizes.
Hoje, graças a Deus, está tudo mudado. [...]
De aos vossos filhos a educação do amor de Deus e do amor da nossa raça. A primeira para implantarmos na mocidade de hoje, tão luxuriosa e sem moral aos princípios básicos do além: a segunda à educação do amor aos nossos irmãos de raça, a fim de seguirmos o caminho retilíneo do progresso.
É triste, mas é necessário que se diga, não o conhecemos!

⁵¹ Ibidem, p. 151.

⁵² Ibidem, p. 153.

As outras raças caminham para o progresso, numa avançada triunfal. Nos homens de cor, estamos marcando vagaroso passos. Por quê?
Por nossa própria vontade...
Não me quero referir aos nossos pobres avós, não: refiro-me a nossa juventude de hoje: que será da nossa raça amanhã se não labutarmos?⁵³

O trecho acima foi assinado por Moysés Cintra (Jayme de Aguiar) e chama-se *Ideal dos ideais*. De forma a ampliar a análise, trarei o texto *Valor da Raça*, de Leite (José Correia Leite), publicado no mesmo número e página:

Se analisarmos o valor dos nossos antepassados, veremos, através da história a sublime coragem de uma raça que, embora escravizada, não se deixou dominar na luta, em conquista de seus direitos. Resignados passavam por todos a série de amarguras, esperando sempre sucumbir sob o ferro do feitor austero.
Quantas gotas de lágrimas, custou a liberdade aqueles pobres mártires, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem da nossa pátria.
O bom nome da nossa classe, depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor da nossa raça.
Devemos trabalhar muito, numa concórdia infindável, para que possamos ver o fruto de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra.
Para isso seria preciso uma convocação geral dos homens pretos, e tratar da fundação de uma caixa beneficente, eleger a diretoria, enviar manifestos a todos os estados do Brasil, e, enfim, fundar a sociedade “Confederação dos homens pretos” segundo as ideias de vários patrícios.⁵⁴

Apresentados os trechos que nos interessam para a análise, podemos destacar, de antemão, as similaridades entre eles, as quais reafirmam o que já foi exposto no presente estudo. A predominância da ideologia difundida pela cultura dominante que se apresenta pela moral e ética do “puritanismo negro”, é exemplificada pela urgência, em ambos os textos, de se voltar para a educação formal e aos costumes dominantes como sinônimo de progresso, além do julgamento aos costumes que advêm das práticas ancestrais da população afro-brasileira.

Destacamos também a forma como a nova geração é culpabilizada por esse movimento apontado por ambos os textos como estagnação da raça, denunciando que, no meio negro, o embate geracional também fomenta a divisão social entre o “nós” e “eles”,⁵⁵ o que, por consequência, promove um entendimento da raça através de elementos idealizados e dos concretos que os diferem de outros grupos, sendo eles outras raças, ou até mesmo entre o mesmo grupo. É devido a isso que é reforçada a urgência em se voltar para a educação e o amor à raça pelos jovens.

Para correlacionar os textos pelo tema da memória, precisamos reforçar o lugar de onde os autores partem, sendo eles homens negros letrados que habitam a cidade que mais cresce no

⁵³ AGUIAR, Moysés, [Jayme de Aguiar]. “Ideal dos ideais”. *O Clarim*. São Paulo, 06 abr. 1924, p. 01.

⁵⁴ LEITE, [José Correia Leite]. “Valor da Raça”. *O Clarim*. São Paulo, 06 abr. 1924, p. 01.

⁵⁵ HOGGER, Richard. Nós e Eles. In.: *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora*. Lisboa, Editora Presença, 1973, pp. 87-122.

começo do século XX no país. Essa conjuntura faz com que esses indivíduos formulem uma ideia do passado escravista a partir da dinâmica entre o emocional e o racional, considerando que estamos falando de sujeitos que tem ligação direta com familiares que foram escravizados, devido os poucos anos que se passaram desde a abolição até a publicação dos textos. Neste sentido, podemos entender que a identidade no presente desses negros que vivem a sua diáspora, se baseia precisamente nas memórias que compartilham da escravidão.⁵⁶ Ou seja, o impacto da escravidão na vida desses sujeitos é o que movimenta as suas questões sociais, no qual, a luta pela memória do sistema escravista brasileiro se faça pelos caminhos de compreender o presente.

Essas considerações se fazem evidentes quando vemos o constante uso do passado para dar sentido às demandas atuais de Jayme de Aguiar e de José Correia Leite. Cabe ressaltar que a interpretação do passado por estes sujeitos, nesse momento, se constrói com base no pensamento dominante, ainda que com ressalvas, visto que há uma afirmação de que a abolição tenha de fato existido e que a situação do negro naquele momento se faça unicamente por si mesmo, ignorando os impactos da imigração, da exclusão à cidadania aos iletrados e da segregação dos espaços públicos e de trabalho na realidade da população afro-brasileira. Também é relevante destacar que Leite e Cintra (Jayme de Aguiar) evocam o passado como um meio de se integrar na identidade nacional, ao abordarem a forma como os negros escravizados contribuíram para a formação da nação que eles compartilham com as demais raças.

Maria Angelica Zubaran trata disso quando afirma que “o tom moralizador condena a conduta dos negros que ‘cultivavam as diversões’ e atribui os ‘males morais’ e a falta de liberdade que atingia a comunidade negra à própria comunidade negra que, no seu entendimento, não se dedicava suficientemente ao trabalho e à instrução”.⁵⁷ Dessa forma, retornamos ao “puritanismo negro”, que centraliza as ideologias desses homens negros, fazendo com que as memórias da escravidão sejam utilizadas para alertar a nova geração sobre a moral, de forma a salientar das malezas vividas pela população negra e os caminhos possíveis pela sua superação, percebidos através do aburguesamento e branqueamento de suas práticas e costumes. Assim, tratam-se de questões como educação, alfabetização, vestimentas, linguajar e outros enfoques culturais e sociais. Para isso, os intelectuais da época destacam em seus textos o

⁵⁶ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Cândido Mendes, 2001.

⁵⁷ ZUBARAN, Maria Angelica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. Anos 90, [S. l.], v. 15, n. 27, p. 161–187, 2008. DOI: 10.22456/1983-201X.6743. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6743>. Acesso em: 07 nov. 2023, p. 180.

sofrimento dos escravizados, tratando-os como sujeitos a serem honrados no presente, e dessa forma, utilizam-se da escravidão para reproduzir os segmentos ideológicos latentes da cultura dominante por meio do pensamento dos intelectuais negros da época.

Portanto, entendemos que *O Clarim da Alvorada* na sua primeira fase, mantinha-se refém da cultura dominante, no qual os pensamentos da elite são apresentados nos textos publicados pelos fundadores do jornal diluídos em reflexões que buscam integrar o negro na identidade nacional e alertar seus leitores da moral que deveriam seguir, não se atentando que as críticas que faziam nas suas publicações não chegavam àqueles que direcionavam suas críticas devido ao impasse linguístico, ou seja, ao falarem dos desempregados, dos alcoólatras, dos vadios, se referiam à maioria negra iletrada de São Paulo que não compartilhava dos mesmos clubes, dos mesmos grupos, e da mesma cidadania, causada obviamente pela não alfabetização.

Com isso, entendemos que as noções de raça e memória do passado escravista naquele contexto se criam através de influências da branquitude, nas quais reformulam-se a fim de atender as demandas desses homens negros, que sentem a urgência em progredir enquanto raça em conjunto com a nação, e assim, evocam símbolos no passado e no presente para que seja possível se articular com demais sujeitos nas prospecções que tenham do futuro. À vista disso, a raça é concedida pelo viés progressista, que bebe da fonte das ideologias racialistas,⁵⁸ mas que são reformuladas para dar sentido ao ideal do progresso, bem como se usam do passado para justificar os diagnósticos e caminhos que traçam em busca da elevação racial negra.

No capítulo que segue, analisaremos o processo transitório entre a primeira e a segunda fase do jornal. A fim de compreender como o processo de tornar-se um “órgão de combate” se sucedeu, compreendendo que nesse momento as questões envoltas da raça ganham destaque, e temas como integração social e outros que focam na experiência do negro tornam-se o foco do periódico. Entende-se, nesse momento, a importância de ressaltar a rede negra de sociabilidade e militância da época, bem como organizações sociais e a forma como esse processo transitório desencadeou em uma mudança de perspectiva da raça, e de noções de passado e futuro. Além disso, será abordado também como que essa mudança de fase amadureceu o jornal e suas ideias de movimento negro, destacando reflexões sobre as distinções entre o nós e eles.

⁵⁸ As teorias racialistas nesse contexto referem-se a tese do branqueamento difundida pela intelectualidade branca no Brasil, responsável pela ideia que através da miscigenação os negros sumiram, e com isso incentivam a imigração europeia. Cabe ressaltar que essas teorias foram reinterpretadas por esses sujeitos, que percebem o progresso e desenvolvimento da nação através do reconhecimento da importância dos negros.

SEÇÃO 3: O LIMIAR NAS PÁGINAS D'O CLARIM DA ALVORADA: UMA ANÁLISE SOBRE INFLUÊNCIAS NA TRANSIÇÃO DE FASES

Assim sendo, coroados de êxitos serão os nossos intentos, os nosso futuros homens, um dia hão de se recordar de que para todos os feitos de frandeza da sua mocidade foi necessário o sacrifício, o trabalho incançavel, para os assentamentos sólidos que se basearam com a concordia, união e fraternidade, dos seus descendentes, então as nossas glórias se multiplicarão, e, se ainda existirmos, talvez esquecidos, alquebrados pelos anos, contemplaremos satisfeitos, esse grande espetáculo, no palco da vida, onde então seremos espectadores do futuro da grande raça que será composta por homens sensatos, instruidos e de uma educação elevada.¹

Jayme de Aguiar.

As tensões que circulavam nas publicações d'O *Clarim da Alvorada* se mostram constantes em seus números, nos quais, a gradual transição de um órgão que se colocava a priori como um divulgador de literatura e espaço para compartilhar a vida social da população negra, para um órgão combativo, é no mínimo interessante de observar e analisar criticamente. Claro que é de suma importância ressaltar que ao zerar seus números em 05 de fevereiro de 1928 e inaugurar a segunda fase do jornal, *O Clarim da Alvorada* evidencia que tal mudança ocorre a fim de centralizar os debates referente às vicissitudes vivenciadas pela comunidade negra, à qual se reconhece como pertencente. Nesse sentido, historicizar esse processo é lê-lo a contrapelo, a fim de elucidar esse movimento.

O caminho por mim percorrido lança-me as seguintes inquietações: como o processo transitório apareceu nas páginas do jornal? Quais as influências nacionais e internacionais que fundamentaram esse momento? Como que temas que abarcam raça, racismo e identidade foram colocados no curso dessa transfiguração n'O *Clarim da Alvorada*? Como que o tempo histórico pode ser interpretado mediante tais mudanças? Busco responder essas questões através da análise das publicações do jornal que antecederam e sucedem a mudança de fase anunciada em 05 de fevereiro de 1928 como passível de estudo sobre uma transição gradual, tendo em vista que já em 1926 houvesse sinais de um posicionamento mais combativo, conforme aponta Thales Francisco, é necessário perceber que ainda não era algo muito definido, levando em

¹ AGUIAR, Jayme de. "Salve 6 janeiro 929!..". *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 24 jan. 1926, p. 01.

consideração que a articulação combativa, manifestada principalmente por Correia Leite e outros intelectuais próximos, aparece desde o primeiro número do jornal.²

Nesse sentido, quando na última publicação de 1927, datada em 15 de outubro, *O Clarim da Alvorada* conta somente com Jim de Araguay (Jayme de Aguiar) e José Correia Leite como responsáveis pelo jornal, assumindo o cargo de diretores, diferente da publicação que inaugura a nova fase, em que Aguiar é sinalizado como redator principal, Correia Leite como redator secretário, além de que nomes como Luiz de Souza e João Santos Soter também aparecem, como gerente e diretor, respectivamente. Essa mudança editorial é interessante de ser pensada, tendo em vista que a movimentação da comunidade negra mostra-se cada vez mais articulada no cenário nacional, conforme o surgimento do Centro Cívico Palmares em meados de 1926 exemplifica.

À vista disso, no transcorrer do capítulo serão apresentados sujeitos e entidades que atuaram de maneira direta ou indireta em meados da década de 1920, momento crucial para a maturação das ideológicas combativas e militantes desse ciclo de homens letrados paulistanos. Também será analisada, sob uma perspectiva benjaminiana, como que a transição de fases mudou sentidos de memória e passado, tendo em mente as redefinições que ocorreram através das redes de sociabilidade e de aprimoramento teórico.

3.1 - O círculo negro paulistano e a formação de uma rede de combate

A movimentação dos intelectuais-militantes na cena paulistana, portanto, é traduzida na segunda fase do jornal, em que nota-se a importância dada à democratização daquele espaço, apresentado como um precursor de novas ideias em prol do “problema do negro”. Falando ainda sobre mudanças no plano editorial e estético entre as fases, é cabível destacar a mudança da chamada do periódico. Em 1927 *O Clarim da Alvorada* ainda se apresenta como um “órgão literário, noticioso e humorístico”, já em fevereiro de 1928 é anunciado com um órgão “pelo interesse dos homens pretos, noticioso, literário e de combate”. Essa chamada se altera outras vezes ao longo dos anos, mas se mantém nas publicações subsequentes com um teor combativo, reiterando logo de cara ao leitor qual o posicionamento que o periódico coloca em voga. Destaco, nesse momento, que a escolha de mudar essa chamada é mais um dos indícios que a proposta de Correia Leite em ocupar-se em um projeto que vá além do literário ganha força e

² FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. p. 60.

um espaço possível mediante as circunstâncias apresentadas.

O texto que notifica a mudança de fase é estampado na primeira página, intitulado “Vida nova!...” onde reforça o papel d’*O Clarim da Alvorada* como um porta-voz do povo negro, colocando-se à disposição para dar foco nas questões cotidianos dessa comunidade, com fins de promover educação e um suporte aos obstáculos dessa chamada vida nova. Já na segunda página, um texto assinado por Leite, “Verdadeiras verdades”, situa o leitor sobre os emblemas que circulam o funcionamento do jornal, e o anuncia como um espaço que se propõe a apresentar e resolver a questão da raça, fazendo até mesmo referências ao Centro Cívico dos Palmares. Mas principalmente, utiliza desse espaço para rebater as colocações de Vicente Ferreira³ publicadas no São Paulo Jornal, no qual, ataca a comunidade negra paulistana pelo descaso que fazem ao CCP. Sobre a situação, Leite descreve em seu livro de memórias:

Por uns dias não se teve mais notícia do Vicente Ferreira, até que um jornal, chamado São Paulo Jornal, trouxe um artigo violento do Vicente Ferreira contra os negros de São Paulo. Ele estava indignado com a falta de interesse dos negros em apoiar o Centro Cívico Palmares. O artigo vinha dizendo que os negros de São Paulo estavam morrendo tuberculosos nos porões da cidade, estavam pisoteando o túmulo de seus avós e mais uma porção de coisas. Isso foi mais ou menos em 1926. Todo mundo ficou alarmado com a publicação, mas ninguém teve iniciativa de nada. Eu, como sou muito atrevido, resolvi responder. E respondi n’*O Clarim d’Alvorada*, que foi procuradíssimo. Aquele número esgotou, por causa da resposta. O Vicente Ferreira voltou com um artigo intitulado “*O Clarim da Morte*”. Ele “escreveu” de novo no São Paulo Jornal. O diretor era amigo dele. Então aí ficou pior o negócio. Eu tive que fazer uma nota e pedir para o diretor do jornal para responder lá mesmo.

[...]

Mas passado uns dias, o presidente do Centro Cívico Palmares – era um negro inglês chamado Mister Gids – soube daquela nossa briga e nos convidou para tomar um chá na casa dele [...] Mas, felizmente, o Vicente Ferreira concordou com a minha exposição do porquê eu tinha respondido pra ele do porquê não estávamos apoiando o Centro Cívico Palmares como ele queria. O Palmares ainda não estava numa direção certa. Esse Mister Gids era presidente, mas todo mundo sabia que interesse dele era político.⁴

Assim, mesmo que o início da relação entre Leite, e, por consequência com o meio de negro d’*O Clarim da Alvorada* com Vicente Ferreira tenha sido negativo, estabeleceu-se uma relação amigável e de grandes interações e colaborações. Dessa forma, constata-se que as relações pessoais entre os sujeitos que faziam parte desse núcleo negro paulistano tiveram

³ Vicente Ferreira foi um intelectual-militante carioca de grande influência na comunidade negra paulistana. Articulava-se com diversas lideranças da cidade e mostrava-se a frente em distintos momentos, como discursos e associações. Foi descrito por Leite como um “negro intransigente e amargo, um místico, um gênio, um homem que não tinha cultura acadêmica, mas não ficava devendo nada para ninguém” Cf.: CUTI; LEITE. op. cit., 2007, p. 63. Leite presta homenagem à Vicente Ferreira, que segundo o intelectual, morreu no anonimato entre o meio negro e o meio branco ao qual fazia parte, mesmo após tantos feitos significativos em sua vida.

⁴ CUTI; LEITE, José ...*E disse o velho militante José Correia Leite*. 19ª ed. rev. – São Paulo. Nova América, 2007 p. 62-63.

grande influência nas tomadas de decisões do editorial do jornal, ao passo que as relações estabelecidas puderam sociabilizar e democratizar diversas vozes desse grupo, que foram impressas nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*.

Os colaboradores frequentes dão o tom das mudanças prescritas na nova fase, publicando textos cuja questão da raça torna-se mais cada vez mais centralizada, ainda que sob diferentes nuances e interpretações. Na edição especial de 27 de maio de 1927 que comemora o 13 de maio, *O Clarim da Alvorada* conta com 18 páginas, alternando entre anúncios, poesias e textos argumentativos, chamando a atenção para o grande esforço para a publicação desse número. Com grandes nomes do ciclo negro paulistano, como Gervásio Moraes e Deocleciano Nascimento, a edição mescla entre a literatura e a militância refletir sobre a simbologia do 13 de maio, seus desdobramentos e também reflete sobre como repensar a liberdade do negro nos tempos ao qual se insere.

No texto “Ao deslizar da pena” assinado por José A. Oliveira, há pontos de inflexão entre a liberdade adquirida em 1888 e o comportamento do negro atual:

A dinâmica social do universo, essa poderosa alavanca de todos os tempos, demonstra axiomáticamente a Nulidade de um povo, de uma raça, em cuja organização o seu movimento não se faça sentir.

Para se evidenciar essa incontestável afirmativa, aí temos a nossa raça, essa raça primordial na formação da Nacionalidade brasileira, que, não sentindo os influxos benéficos do grande agente do progresso, dia a dia se definha nos terrenos sáfáros da insociabilidade moral e intelectual

Se num rápido relance, alongar nossas vistas sobre as diferentes raças que cooperaram para o engrandecimento da gleba do Brasil, facilmente topografamos a raça preta. Ela permanece na última escala ou, melhor dizendo, na penúltima porque naquela ainda, se destacam os aborígenes, não por falta de sociabilidade, mas de instrução⁵

O texto nos oferece noções de raça e de comportamento, que conforme análise de Renan dos Santos, é um reflexo do posicionamento conservador na mentalidade dos negros da época.⁶ Destaca-se na análise, bem como na própria fonte, que, embora houvesse um pano de fundo nos hegemônico na conceituação racial n'*O Clarim da Alvorada*, o texto de José A. Oliveira causa desconforto em demais colaboradores do jornal. Na edição seguinte Gervásio de Moraes responde “Permita-me dizer toda franqueza, que esta Nulidade não se prende a Raça Negra, e isso porque ela tem tomado parte em todos os prélios sociais em que o Brasil se colocou como competidor”.⁷

⁵ OLIVEIRA, José A. “Ao deslizar da pena”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1927, p. 09.

⁶ SANTOS, Renan Rosa. SANTOS, Renan Rosa dos. *Ideias e Ações pela Integração Negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2021, 181 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2021. p. 148.

⁷ MORAES, Gervásio. “Carta aberta ao Snr. José A. Oliveira”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 18 jun. 1927,

Conforme assinala Thales em seu trabalho, *O Clarim da Alvorada* é como um fórum para esses articulistas,⁸ um espaço sinalizado por Leite como um porta-voz da comunidade para tratar da questão da raça, seja ela qual for, e com isso, possibilitando esses embates entre seus colaboradores logo, o jornal coloca-se como defensor dos debates ideológicos, no qual, seus colaboradores entre páginas e publicações são colocados a parte de um debate, a fim de rearticular suas concepções acerca da raça.

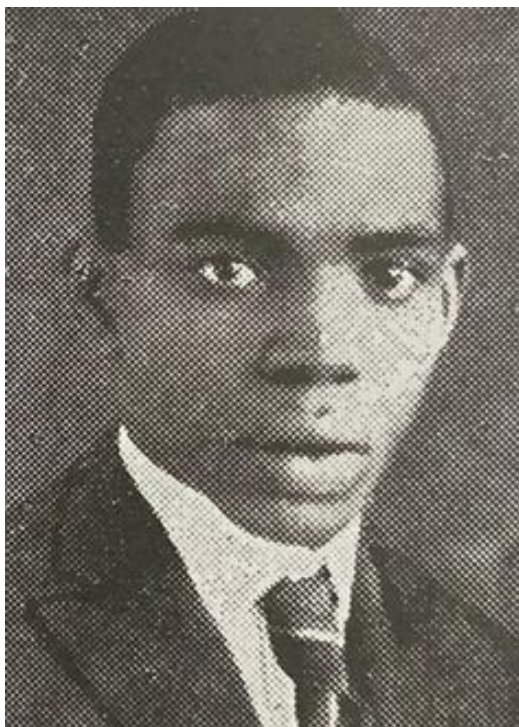
O caso específico entre os dois artigos publicados em 1927 por José A. Oliveira e Gervásio de Moraes, é um dos exemplos em que as reflexões de raça, tão bem enunciadas por Leite no primeiro número de 1928, ocupam cada vez mais destaque nas publicações do periódico, mesmo antes da mudança de fase. Percebe-se nessa funcionalidade de *O Clarim da Alvorada* em se tornar um porta-voz da comunidade negra letrada como um mecanismo de aliar-se as mais distintas referências ideológicas desses sujeitos, suscitando, portanto, um ambiente propício a debates sobre noções raciais e reflexões históricas sobre o passado, o presente e o futuro dos negros, mas também da nação.

Nesse mesmo caminho temos a influência de Lino Guedes (Figura 4), intelectual-militante e também redator do jornal *O Getulino* e *O Progresso*, cujo caráter combativo se destaca desde seus trabalhos na imprensa, bem como na literatura e suas articulações em grupos e associações políticas.

p. 02

⁸ FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. op. cit.: p. 66.

Figura 4 - Fotografia de Lino Guedes (s/d)



Fonte: CUTI; LEITE. op. cit., 2007, p. 86.

A troca de artigos entre os idealizadores d'*O Clarim da Alvorada* e d'*O Getulino* eram variadas,⁹ ao passo que Lino Guedes torna-se um colaborador recorrente nas páginas do jornal que serve de análise na presente pesquisa. Dessa forma, Guedes, torna-se aos poucos um dos membros mais relevantes para a construção de uma rede de sociabilidade e de intelectualidade nos bailes e coletividades negras paulistanas, bem como nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*. Em seu texto “Moda Exótica”, publicado em abril de 1926, Guedes reflexe sobre negritude e temporalidade histórica, apresentando uma ponderação pautada nas suas percepções sobre raça:

Como quer que seja - escreve João Ribeiro uma das grandes falhas no estudo do homem brasileiro, sob seus aspectos antropológicos e étnicos, está no desdém pelo negro.

Foram, todavia, inúmeros os negros desde o início da colonização do Brasil, migrações forçadas pelo tráfico da escravidão.

Desfeia essa mácula, cumpria estudá-la objetivamente sem o rancor nem a misericórdia do escravagismo ou do abolicionismo.

⁹ A primeira referência ao Getulino, por exemplo se deu na edição de maio de 1924 em dois momentos. O primeiro retrata uma resposta à um artigo publicado n'*O Getulino*, onde o autor (Ejedas) coloca o problema da raça na conta da classe, sinalizando que as questões que o negro vivencia não são reflexos do racismo, mas sim da sua situação econômica, insinuando inclusive que o negro que enriquece se esquece de ser negro. Já a segunda menção é em agradecimento pelo acolhimento ao artigo publicado por Jayme de Aguiar. Dessa forma, constata-se que a relação entre leitores e colaboradores de ambos os jornais se mostra prospera e funcional desde os primeiros números d'*O Clarim*

Fomos, no entanto, de uma mudez inqualificável a respeito da raça que fertilizou as terras, criou as primeiras culturas, com o suor e o sangue de milhões de homens. Que sabemos dos negros? Quase nada! Nada. Absolutamente nada. Quem nos responderá com precisão, qual a tribo de origem dos diversos pretos que se encontram no Brasil? O número dos seus primeiros escravos? Para que província foram? Que adiantam essas minudencias da vida de humanos, se estamos inteirados da quarta geração de um cavalo de corrida, dos nomes e das raças que descendem o nosso cãozinho chinês!...¹⁰

Nesse trecho, Guedes exterioriza suas percepções sobre como se deu o pós-abolição no Brasil. Indo contra a forte maré dos intelectuais negros, até mesmo dos articulistas d'*O Clarim da Alvorada* que por vezes posicionavam-se de forma alinhada ao pensamento hegemônico da branquitude. Seguindo por este caminho, a hegemonia é dada na materialidade, enquanto uma forma de traduzir na sociedade um senso comum sobre as subjetividades do negro, e por consequência, imputá-lo pela sua realidade marginalizada e segregada, utilizando de justificativas o vício, e demais comportamentos/pensamentos da elite dominante, como a ética do trabalho burguês, logo, sendo vívida e não apenas um plano ideológico. Muito desse pensamento conservador foi explicado em diversos trabalhos anteriores, porém é imprescindível destacar que Guedes nega o puritanismo negro ao desviar da norma culpabilizadora, instaurando uma linha de pensamento nas páginas n'*O Clarim da Alvorada*, logo, uma nova forma de ler o seu tempo.

Ao indagar “o que sabemos dos negros?”, Guedes questiona toda a historicidade do seu povo, fazendo com que o núcleo negro que consome o jornal repense sua história e ancestralidade, colocando a relação entre passado/presente como o centro da sua ruminação. Esse artifício no artigo é uma forma de trazer para a população negra consciência de si, e esse movimento pode ser traduzido pela conceituação de “estrutura de sentimentos”.

Segundo Raymond Williams que ponderou sobre o conceito, a estrutura de sentimentos é uma provocação à hegemonia, é uma forma de iniciar uma agitação política que leva a uma consciência histórica pelo coletivo, ela é sentida artisticamente e emocionalmente, e é possível perceber esse apelo no texto de Guedes. Quando ele lança ao público o que se sabe dos negros, de onde vieram, qual a sua história, ele questiona a si mesmo, se inquieta pelas dúvidas que o acompanham por não sentir-se pertencente a um passado compartilhado entre os seus.

Dessa forma, a estrutura de sentimentos é uma desconfiança percebida pelos olhos de quem titubeia das verdades que são lançadas em seu cotidiano,¹¹ logo, perceber que há uma

¹⁰ GUEDES, Lino. “Moda exótica”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 25 abr. 1926, p. 03.

¹¹ FILMER, P.; OLIVI, L. C. R. A estrutura do sentimento e das formas socioculturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1944>. Acesso em: 22 abr. 2024.

negligência no que tange o passado do negro e destacar sua importância para a nação, é nada mais do que discordar das justificativas pautadas em discursos de vícios e vagabundagem dos negros.

No mesmo texto, Guedes segue dizendo:

Ora o passado... que passou passou. Cuidemos do Presente. Vamos dar satisfação a moda. Arranjar um negro. Bem retinto. Vesti-lo de Grom ou Hindu. Cores bem gritantes. Ensinar-lhe gestos, salamaleques, alguns passos de dança oriental, para as recepções. Uma casaca pesada de botões dourados. Um smoking com contrastes na gola. Esses trajes para os dias comuns. Bonito! Quantos não se prestarão a esses caprichos da moda! Esses são homens sem ideal. Perderam a noção do *eu*. Para eles tanto se lhe dá que a água de um rio, corra para cima ou para baixo. Precisamos ter um ideal. Viver unicamente para ele. Um povo sem ideal, diz Silvio Romero Filho, é como um indivíduo sem ambição e sem estímulo - terreno árido e estéril, onde nada germina e frutifica. O ideal é o credor dos grandes homens porque é o impulsionar dos grandes feitos.¹²

Nesse trecho Guedes utiliza da ironia sobre a moda para apresentar um movimento de manada que percebe na comunidade negra. Ele denuncia que esses sujeitos são levados por ideias que o tiram do seu ideal, distanciando-os das reais demandas de ser negro e aproximando de uma alienação. Relacionando com o trecho acima, podemos deduzir que um dos ideais que Guedes assume ser relevante é a urgência de voltar-se para a questão da raça, mas não sob moldes dados pela elite dominante.

Ele evoca a imagem de Sílvia Romero para legitimar seu posicionamento, artifício literário muito percebido n' *O Clarim da Alvorada*. Mesmo que de forma controversa na historiografia atual, as contribuições teóricas de Sílvia Romero eram até então incorporadas e reelaboradas tanto no plano hegemônico quanto no combativo, fazendo-as ter sentido para defender um processo de branqueamento, bem como para utilizar desse mesmo discurso para justificar a integração do negro no plano nacional.¹³ Os usos da teoria direta de Sílvia Romero são proeminentes no período de transição de fases, entretanto, os desdobramentos teóricos que do pensamento de Romero são perceptíveis em todo o jornal, mesmo quando o editorial se propõe a assumir um caráter reivindicativo em suas publicações. Ou seja, há em toda a trajetória do periódico uma incorporação de uma teoria darwinista social, que se faz em prol da inclusão do negro na identidade nacional.

Lino Guedes coloca-se na linha de frente em defesa de um retorno a uma ideia de negritude idealizada nessas circunstâncias. Um processo um tanto quanto sinuoso, no qual

¹² GUEDES, Lino. "Moda exótica". *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 25 abr. 1926, p. 03.

¹³ SANTOS, Renan Rosa. op. cit p. 146.

busca-se de fato um ideal e uma conceituação de *ser negro*. Ele se empenha em recuperar um passado em comum entre os seus, bem como deseja incluir-se em um plano de futuro nacionalista que o negro seja assimilado. Essa interpretação entra em concordância com outros articulistas do jornal, que fazem um esforço intelectual de rememorar seu passado através das demandas do presente, e com isso fundamentar suas projeções futuras.

Conforme sinalizado anteriormente, *O Clarim da Alvorada* tinha como característica marcante ser um fórum de ideias acerca da questão racial, interpretadas e apresentadas das mais distintas formas por seus articulistas, que conforme é esperado, formam uma rede de intelectualidade plural, assimilando, assim, o passado/presente/futuro através de motivações específicas. Essa diversidade teórica que é um dos impulsionadores para a transição de fase, e seguindo no tema de rememoração no tempo presente focado num ideal futuro, temos o artigo de Arlindo Veiga dos Santos (Figura 5), outro grande nome que conforme sabemos da sua importância na história nacional através da FNB, também apresentou nas páginas d'*O Clarim*, suas prospecções teóricas.

Figura 5 - Fotografia de Arlindo Veiga dos Santos, 1926.



Fonte: CUTI; LEITE. op. cit., 2007, p. 75.

Sendo assim, o trecho a seguir publicado na edição de janeiro de 1926, enunciado como “A ação dos negros brasileiros”, Santos apresenta sua insatisfação com a importação de ideologias raciais no Brasil, e apresenta sua linha de pensamento sobre quem é o negro brasileiro, e por consequência, faz um exercício de pensar a raça, a nação e de forma indireta o tempo histórico:

Seja-nos, portanto, permitido, nesta hora em que se esboça clara e fulgidamente o bravo surgir da Gente de Cor do Brasil, a qual busca tomar posição «definida no terreno das competições nacionais e principalmente «antinacionais», seja-nos permitido falar aos Negros sonhadores a palavra dos oráculos do mundo. Sobremaneira interessa a todas as nações livres – senão de fato ao menos de direito, conhecer a origem de todo poder terreno como terreno, porquanto, hoje mais do que nunca, hoje que se pregam verbos refalsados de liberdade e de justiça como vozes retumbantes, o direito, liberdade, a justiça, têm sido conspurcados desplantosamente, tanto pelos Estados contra os seus povos, como pelos Estados fortes contra os Estados fracos.

E o que mais espanta é que há profissionais da defesa dessas conspurcações, quando, - neste século - de liberdades, a terra devera toda erguer-se no unísono de um só clamor.

[...]

Pertencemos nós, filhos das duas Raças de Cor que figuram no Brasil (o Negro e o Índio), à atual coletividade brasileira ‘livre’. No passado, influenciámos os negócios nacionais, além do mais e antes de tudo pela força trabalhadora e guerreira.

[...]

Trabalhem por chamar à consciência da flama às vezes latente todos os componentes da Gente de Cor do Brasil, porque, sem embargo do que possam rosnar os pedantes das suspeitas ciências antropológicas e etnológicas que levam certos <sábios> as conclusões estúpidas contra a identidade nacional brasileira, - os princípios nossos e que hão de salvar o Brasil desse caos que os <sábios> estabeleceram, com suas teorias macaqueadoras e de contrabando.¹⁴

No trecho acima, Santos consegue relacionar o abuso de poder estatal com denúncias de importação de teorias racistas e defesa da sua tese racial, a fim de conscientizar os leitores do jornal acerca da racialidade em relação ao plano nacional. Ele utiliza nesse artigo meios para justificar sua tese, como por exemplo quando afirma que “o que mais espanta é que há profissionais da defesa dessas conspurcações, quando, - neste século - de liberdades, a terra devera toda erguer-se no unísono de um só clamor”,¹⁵ mostrando-se desalinhado aos demais negros intelectuais que colocam-se à favor das ignomínias presentes em relações desiguais de poder, recaindo nas denúncias sobre teorias estrangeiras que ganham força e são utilizadas para justificar o preconceito racial no país e interferir nas ações dos negros que buscam ser assimilados à brasilidade que está em formação nesse momento.

O articulista alinha seu pensamento a um ultranacionalismo, percebido até mesmo na

¹⁴ SANTOS, Arlindo Veiga dos. “A ação dos Negros brasileiros”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 15 jan. 1927, p. 05

¹⁵ Ibidem.

sua percepção de raça, quando coloca que os negros do seu tempo como “filhos das duas Raças de Cor que figuram no Brasil (o Negro e o Índio)”.¹⁶ Essa percepção da realidade racial e nacional de Arlindo dos Santos foi muito mais trabalhada durante os anos de funcionamento da Frente Negra Brasileira, em que o intelectual-militante utilizou do espaço que contava com sua liderança de modo centralizado, fato que inclusive causou desavenças entre Arlindo Veiga dos Santos com a rede de colaboradores envolta d’*O Clarim da Alvorada*, especialmente com José Correia Leite.¹⁷ Assim, antes de poder difundir suas ideias através da FNB e do periódico *A Voz da Raça*, órgão oficial da entidade, Arlindo dos Santos utilizava as páginas de outros periódicos da imprensa negra para falar sobre suas idealizações que já nesse momento se mostravam ultraconservadoras e nacionalistas.¹⁸

Dessa forma, percebe-se que Veiga busca alinhar um duplo pertencimento ao negro brasileiro na identidade nacional, através da negação das teorias racialistas internacionais e da sua ponderação que “é NEGRO toda a gente de cor, preto, mulato, moreno, etc., descendente do Africano e do Indígena”,¹⁹ conforme destaca em outro artigo também de 1927 n’*O Clarim da Alvorada*, em que reforça suas ideias. Essa configuração ideológica é também uma interpretação do articulista sobre o tempo e identidade, ao passo que ele evoca a memória dos indígenas e dos negros escravizados como grupos que labutaram pela formação do país e reivindicam seu lugar no plano nacional, dessa forma, utilizando o passado como recurso ideológico para suas projeções no presente e no futuro.

Os usos do passado no jornal, assim como o explicitado no capítulo anterior, mantêm-se no período de transição de fases como um recurso de integração à identidade nacional, no qual, a memória da escravidão é utilizada para suplementar um argumento de participação ativa

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ “As ideias do patrionovismo do Arlindo Veiga dos Santos tinham muita aproximação com as do integralismo, apesar do integralismo não ter como proposta a monarquia. Um dia eu vinha passando na Rua Senador Feijó, onde havia a redação do jornal integralista *A Razão* e encontrei o Arlindo Veiga dos Santos. Ele estava bravo porque disse que a direção do jornal devia ser dele, mas tinha parado nas mãos de outras pessoas. Eu fiquei olhando para ele... E ele dizendo terem roubado as ideias do patrionovismo dele e outras coisas... Eu fiquei indignado com aquilo.

Quando voltei do serviço, cheguei em casa e redigi uma carta pedindo minha demissão do Conselho da Frente Negra. Na carta eu explico as razões de eu estar em desacordo com as ideias políticas do presidente, e principalmente as ideias esdrúxulas dele querer restaurar novamente a monarquia. Eu exponho a minha situação de não misturar minhas convicções políticas com as minhas ideias de movimento negro. Eu respeitava as ideias dos outros como que ria que respeitassem as minhas. Mas, dentro do Movimento Negro, ninguém tinha de impor suas ideias, principalmente de ordem política. Então, eu digo serem as minhas convicções políticas republicanas, democráticas e socialistas. Nunca pensei que aquela carta fosse surgir, mais tarde, na polícia. Eu recebi a resposta dizendo que o meu pedido de demissão tinha sido aceito”. (CUTI; LEITE, José. op cit.: p. 94).

¹⁸ DOMINGUES, Petrônio José. *A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)* Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 2005.

¹⁹ SANTOS, Arlindo Veiga dos. “Palavra aos pais negros”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1927, p. 03.

dos negros na construção do país, e isso tornaria esses indivíduos aptos a serem incorporados na ideia de brasilidade pensada pelo *Clarim*.

Outro exemplo da articulação do passado e integração social por Arlindo dos Santos está na publicação de janeiro de 1927, em que através de um soneto, o articulista expõe sua percepção sobre a contribuição do negro mesmo quando este estava em situação de cativo:

Africano, Africano! O teu sangue me ufana,
Ferve dentro de mim, dá-me o vigor dos Bravos!
Não! Desonra não é ter o sangue de escravos
Quando ao seu cativo o heroísmo se irmana!

Servil, plasmaste um povo!... E, embora a voz profana
Bolse a ti todo o agror dos seus gritos ignaros,
GENTE NEGRA, sê nobre! E as maldições os cravos
Mostra, ao lume da história: Ela jamais te engana,

Se do teu sangue nobre a Pátria se envergonha,
Luta por ela sempre, e reage com a medonha
Potência que assombra nas rochas de PALMARES,

Doutros venha a tradição! Porém tu, na atalaia
Vela pelo Brasil para que não decaia
O brio da nação que vende os seus altares!...²⁰

Arlindo Veiga em seu poema “À gente negra” evoca uma imagem de um negro africano ativo e integrante de um coletivo maior que a si mesmo, o povo, uma referência à ideia de raça pensada pelo intelectual que assimila ao negro brasileiro do início do século XX a uma junção do negro africano e do indígena. Também fala-se sobre a injustiça da pátria ao se envergonhar do sangue negro em sua história, e isso pode ser relacionado com o texto anterior de Santos, em que ele denuncia o envenenamento das teorias raciais brasileiras ao incorporarem noções internacionais, bem como fala sobre a “potência que assombra nas rochas de PALMARES”,²¹ uma alusão ao poder que emana do povo negro em direção à pátria em busca de uma inserção social.

Nota-se mais uma vez a relação passado/presente/futuro, percebida pela rememoração do negro escravizado. Tendo em mente que a memória, neste caso, é tida como um presente passado,²² onde se estabelecem as recordações a fim de moldar as interpretações do presente, bem como do futuro, tornando-se possível compreender esse artifício. À vista disso, é possível compreender essa estratégia como um fator determinante na construção de uma identidade

²⁰ Idem. “À gente negra”. O *Clarim da Alvorada*. São Paulo, 15 jan. 1927, p. 04.

²¹ Ibidem.

²² CANDAU, Joël. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. In. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

racial e nacional que Santos idealiza. Isso ocorre, pois os meios em que a memória sobre o passado que evidencia a contribuição do negro, influenciam a forma como ele é lido no momento da rememoração. Nesse sentido, quando *O Clarim da Alvorada* busca reconstruir o passado através de suas múltiplas publicações com esse foco, ele tenta encontrar uma forma de comprovar as razões pelas quais o negro deve ser incorporado em uma nova brasilidade.

Outro articulista que teve um importante papel para a construção de um *Clarim* mais combativo foi o estudante de direito Theophilo Booker Washington. Sua entrada foi anunciada na edição de janeiro de 1925, ainda na primeira fase, entretanto, seus textos desde o princípio alinham-se com a proposta que o jornal foi assumindo de forma gradual até anunciar em 1928 sua nova fase, com foco maior na questão da raça. Assim, Booker, em seu artigo publicado em julho de 1925, questiona o mito da descendência de Noé, originário das religiões abraâmicas:

Os arraigados preconceitos contra a raça negra, vem desde os tempos diluvianos, segundo nos rezam as sagradas escrituras. Pois os descendentes de Câm. foram para a África, os de Jafet povoaram a Europa e a posteridade de Sem, estendeu-se pela Ásia. Dessas três raças, dizem as escrituras, foi a de Câm., a raça maldita, a primeira que teve preponderância, indo estabelecer-se no Egito. Ora, deste modo, dir-se-ia que somos amaldiçoados até hoje e que, portanto, não temos razão de lamentar nossa sorte. Qual foi o crime praticado pelo pai dos negros, nos tempos primitivos que fez com que esta raça até hoje seja escarnecida pelos ignorantes, desprezada pelos cegos de espírito, perseguida e trucidada pelos brancos selvagens lá na América do Norte? É que papai Câm., riu-se de Noé por vê-lo embriagado... Daí toda sorte de injustiças que sofre esta raça feliz, digo feliz e o leitor em breve estará comigo. A raça maldita foi a primeira que teve preponderância, isto é, foi a mais civilizada, a que dominou as outras raças. Quer isto dizer que os brancos e outros beberam ensinamentos dos negros malditos, receberam suas instruções etc., etc. Até hoje os negros dão o que beber às outras raças, pois não é necessário lembrarmos do cimento armado, do auto-piano, novidades químicas etc. Quantas coisas não se fez outrora, quantos benefícios recebeu a humanidade, cujas bases estão assentadas no sacrifício da raça negra?
[...]
E, é esta a raça maldita, segundo as escrituras...
Entretanto, quando Jesus andou no mundo, seduzindo as multidões pelo encanto incomparável de sua palavra, não foi um negro, um filho da raça maldita, que lhe cuspiu o rosto, não foi um negro que o traiu, não foi um negro que o acusou, não foi um negro que o crucificou...
Este crime é maior do que rir-se de Noé embriagado.
Como são felizes os amaldiçoados que não tomaram parte nesse crime!²³

Booker, ao publicar esse texto, incita outros articulistas e colaboradores a repensar as distinções das raças, iniciando um movimento de publicações nos próximos números cujo tema centram-se nessa reflexão das representações raciais. Nesse sentido, quando o jovem articulista questiona a religiosidade e mais uma vez faz uso do passado para reafirmar seu argumento, como quando elucida ao leitor que “até hoje os negros dão o que beber às outras raças [...]

²³ WASHINGTON, Teophilo Booker. “A Raça Maldita”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 26 jul. 1925, p. 01. Esse texto foi republicado na edição de 13 de maio de 1926 de *O Clarim da Alvorada*.

Quantas coisas não se fez outrora, quantos benefícios recebeu a humanidade, cujas bases estão assentadas no sacrifício da raça negra?”, ele esclarece a funcionabilidade do negro ao longo da história, evocando seus saberes compartilhados a fim de tirar o negro da posição de subjugado.

Booker também publica dois artigos intitulados “Negros”, onde ele seleciona grandes personalidade negras internacionais de áreas distintas, como artes, esportes e ciência para “demonstrar a capacidade intelectual do negro manifestada em todos os ramos de atividade”. Na ocasião, ele cita o poeta russo Alexander Sergeyevich Pushkin, que descende de africanos, a escultora norte-americana Edmonia Lewis, o astrônomo nascido em Baltimore, Benjamin Banneker, bem como o inventor do auto-piano, Joseph Hunter Dickinson, fazendo referência ao seu próprio texto em que apresenta alguns dos feitos da raça negra que favoreceram todas as outras raças. Cabe destacar que não é explicado no jornal como o jovem articulista tem acesso a essas informações, porém conforme Renan dos Santos supõe, é possível imaginar que venham de redes negras, tanto no meio acadêmico ao qual faz parte, como também o da militância.²⁴

À vista disso, é possível perceber com esses dois momentos de Booker nas páginas d’*O Clarim da Alvorada* a sua preocupação em reforçar a urgência da integração do negro e na negação dos preconceitos por cor, mais uma vez através do recurso do passado, onde os feitos e realizações de homens e mulheres negros e negras que contribuíram de alguma forma para a sociedade são um meio de se colocar como apto para o projeto de brasilidade e denunciar fortemente o racismo.

Percebe-se nos textos de Booker ainda na primeira fase um movimento contrário aquele mais comum percebido no jornal, que acusa o próprio negro pela sua marginalização e pelo distanciamento do progresso. O jovem acadêmico busca compreender a razão e origem do racismo na sociedade, evocando o mito de Cam, e pelo mesmo caminho, se apropria de personalidades negras célebres para provar seu ponto de que a comunidade negra é capaz de obter o sucesso.

Assim, é percebido um movimento contra hegemônico com as publicações de Booker, que para além do exposto também recorre a personalidades internacionais, abrindo caminho n’*O Clarim da Alvorada* para possibilidades e redes de conhecimentos para além daquelas que já foram estabelecidas na capital paulista.

Essa articulação é crucial para compreender a mudança de fases, pois é necessário frisar que a transição ocorreu de maneira gradual, com a incorporação de articulistas como Booker em seus números, que trouxeram novos horizontes e linhas de pensamento para um circuito

²⁴ SANTOS, Renan Rosa. op cit.: 121.

negro que se elaborava e reelaborava nesse momento, sendo assim, mais uma evidência da estrutura de sentimentos agindo através da memória, ação e reivindicação coletiva contra um sistema hegemônico. Isso é identificado pela sutileza da transição, que foi se dando de maneira paulatina conforme os integrantes dessa rede negra amadureciam as ideologias, e por consequência, requintava-se a forma como liam o mundo e a racialidade através da imprensa, que no caso, é traduzida pela passagem de fase.

Compreendendo o circuito racial que promovia para mais de uma sociabilidade em bailes e festividades, uma comunidade de trocas ideológicas e teóricas, que foram fundamentais para a articulação de um movimento negro paulistano, no qual, entendemos aqui como essencial no momento de transição de fases, considerando que uma comunidade plural torna propício uma circularidade de ideias, e com isso influenciando *O Clarim da Alvorada* a se articular de maneira mais combativa ao longo das suas publicações, até de fato urgir a necessidade de mudar seu editorial e ampliar seus horizontes no âmbito da militância, a fim de tornar mais evidente a sua posição política através de artigos literários, noticiosos ou propriamente aqueles voltados para a organização e militância negra.

3.2 Coletividades negrinas: a união dos homens de cor e lapidação de um movimento negro

É substancial frisar, por este ângulo, a relevância das organizações políticas formadas na capital paulista entre as décadas de 1920 e 1930. Muitas dessas entidades não foram longevas, porém tiveram impacto direto na agenda dos militantes negros da cidade, que utilizavam esses espaços para debater, educar e refletir sobre a questão da raça que se tornava cada vez mais latente.

Como o citado anteriormente, uma das organizações mais renomadas desse contexto foi o Centro Cívico dos Palmares, fundado em 29 de outubro de 1926 e idealizado pelo então sargento da Força Pública, Antônio Carlos e demais intelectuais paulistanos, como os Irmãos Arlindo e Isaltino Veiga dos Santos, Roque dos Santos, Manoel Antônio dos Santos, dentre outros.²⁵ O *C. C. Palmares* surgiu inicialmente como uma ideia de ser somente uma biblioteca para a população negra ter um espaço para estudos, debates e leituras, entretanto, se o plano inicial foi sobrepujado, e tornou-se um centro que desenvolvia programas educativos para os homens de cor, bem como promovia ações contra o preconceito racial.

Seguindo por esse caminho, o *C. C. Palmares* se estabeleceu na capital paulista através

²⁵ CUTI; LEITE. op. cit., p. 73.

de moldes distintos das associações negras populares à época, que normalmente realizavam bailes e outros eventos sociais do mesmo gênero. Segundo Petrônio Domingues, o *C. C. Palmares* foi um dos grandes responsáveis por instruir o circuito negro militante para uma vertente mais organizada e ativa nos anos posteriores, através da rede negra e propriamente da agenda que a entidade se propunha a cumprir. Ao longo dos seus três anos de funcionamento, o *C. C. Palmares* passou pelas mãos de Arlindo Veiga dos Santos, e posteriormente, pelo inglês Joe Foyes Gittens. Ambos tiveram suas gestões questionadas. O primeiro porque nessa altura do campeonato já levantava a bandeira da Ação Imperial Patrianovista Brasileira, movimento que defendia o retorno da monarquia. Já o segundo, além de ter tido denúncias de fazer mal uso dos fundos da entidade, também assumiu um caráter autoritário, o que dissolveu os colaboradores até o *C. C. Palmares* declarar o seu fim.

Podemos destacar que o *C. C. Palmares* foi um importante precursor de como se organizar politicamente, e é cabível destacar que: ainda com os problemas de gestão que resultaram na sua diluição e baixa adesão, conforme já discutido, é impossível dizer que ele não atingiu seus objetivos, que segundo Correia Leite eram:

De fazer a aproximação do negro pra uma tentativa de levantamento para acabar com aquela dispersão que havia e estava havendo até hoje. O que o Palmares queria era que o negro se tornasse um elemento de força, de conjunto. Não precisava que toda a raça negra se reunisse, mas que pelo menos parte dela tivesse essa consciência. Falava-se de uma família palmarina, família negra.²⁶

Portanto, ainda com as dificuldades compreensíveis para a primeira articulação desse porte e com esses objetivos, o *C. C. Palmares* foi capaz de promover um ambiente suscetível a uma manifestação de pensamentos e abordagens combativas, que, além disso, favoreceu essa elite negra letrada a entender como sistematizar uma entidade político-social e também incitou que a imprensa negra paulista, que funcionava até então voltada para o campo literário, a se voltar para a questão do negro, lapidando, assim, o movimento militante desses homens de cor.

Além disso, também pode-se dizer que o *C. C. Palmares* atuou até mesmo como precursora da FNB, visto que após o seu fim, as reuniões continuaram a acontecer entre o grupo que o idealizou,²⁷ e por consequência, sugerindo um caminho e servindo como base para a fundação da FNB.

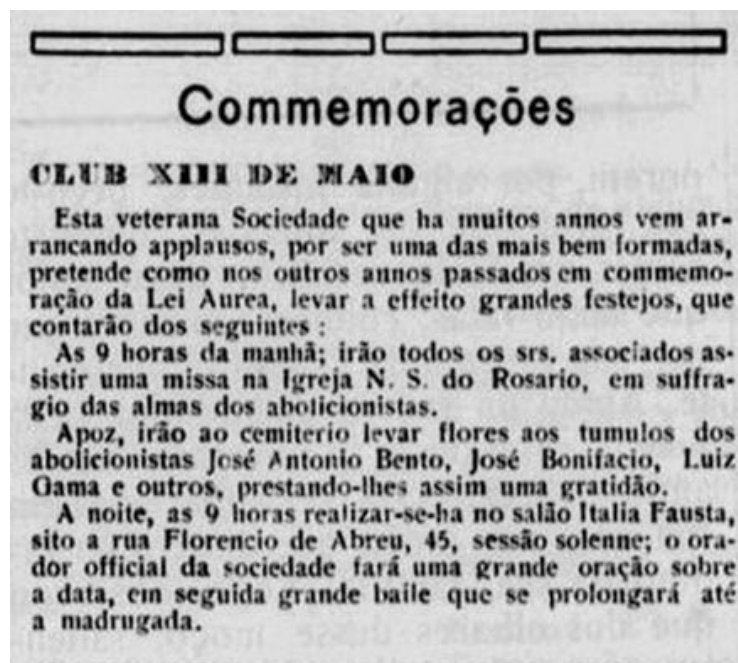
²⁶ Ibidem, p. 74.

²⁷ “O Centro Cívico Palmares desapareceu. O negro continuou naquelas reuniões (os idealistas) e nos bailes (a maioria). Os idealistas, entre outros, eram: Isaltino Veiga dos Santos, Manoel Antônio dos Santos, Gervásio de Moraes, José de Assis Barbosa, Henrique Cunha, Luiz de Souza, Sebastião Gentil de Castro, Átila de Moraes e Luís Braga. Esse pessoal continuava se reunindo.” Ibidem, p. 76. Além disso, Petrônio Domingues também assinala que o Centro Cívico Palmares deixa como legado uma base sólida e caminhos possíveis para que anos depois a Frente Negra Brasileira encontre um solo fértil para se desenvolver através das ideias dessa rede de intelectuais- militantes negros. DOMINGUES, Petrônio. op. cit., p. 44.

Outras organizações menores e consideravelmente menos articuladas politicamente, como associações dançantes, esportivas, beneficentes ou até mesmo outros jornais e pasquins, também surgiram no período de transição de fases d'*O Clarim da Alvorada*. Assim como outras mais estruturadas surgiram na década de 1930, como é o caso do Clube Negro de Cultura Social (CNCS)¹⁴⁹, idealizado e fundado por José de Assis Borba e José Correia Leite em 1932, sendo considerada a entidade política negra que mais pleiteou a FNB.²⁸

Referente as citadas organizações menores, podemos citar aqui a XIII de Maio, que promovia bailes e era um espaço importante de sociabilidade. Ela aparecia constantemente nas páginas do jornal anunciando seus eventos, como por exemplo, o publicado na edição de maio de 1924, que convidava os leitores e colaboradores para um baile em comemoração à Lei Áurea. Nota-se um teor político-ideológico na publicação, percebido pelo caráter comemorativo e tendo em mente que na ocasião temas relacionados a abolição foram tratados e discursados, tornando-se, assim, um ambiente de circularidade ideológica, contribuindo, portanto, para o amadurecimento dessa rede negra.

Figura 6 - Anúncio do convite para a comemoração da Lei Áurea pelo Clube XIII de Maio



Fonte: *O Clarim*. São Paulo, 13 mai. 1924, p. 01.

Dessa forma, essa organização, assim como tantas outras que coexistiam nesse período,

²⁸ DOMINGUES, Petrônio. op. cit. p. 287-288.

formaram um ambiente caracterizado como território negro, ou seja, um espaço material onde ocorria uma articulação e manutenção da racialidade daqueles que frequentavam essas festividades e outros tipos distintos de eventos pensados, realizados e voltados para a população negra paulistana.

Há também o que se falar dos projetos políticos articulados pelo próprio *Clarim da Alvorada* que foram sinalizados no período que antecede e que sucede a mudança de fase. No caso, refiro-me ao plano do jornal em organizar uma “Confederação dos homens pretos”, noticiada pela primeira vez em 1924 e o “Congresso da Mocidade Negra” em 1929. Ambos os projetos eram voltados para a organização política dos homens de cor, a fim de promover sua integração social e a criação de um espaço educacional e de debates.

No artigo em que a “Confederação dos homens pretos” é citada pela primeira vez na edição de abril de 1924 e assinado por Leite, “Valor da Raça”,²⁹ inicia falando sobre a coragem da raça, que enfrentou por tanto tempo o sofrimento da escravidão e do pós-abolição. Ele evidencia que o bom nome da classe depende dos próprios negros, um pensamento em voga naquele contexto, que atua como manutenção do pensamento hegemônico, mesmo em espaços de resistência, como a imprensa especializada. Além disso, Leite posiciona sua linha de raciocínio mais uma vez ao pensamento hegemônico, ao tratar da educação e o trabalho sob um viés preeminente do Estado, em que a lógica do trabalho burguês condena aqueles que não atendem às suas normas.

Dada essa contextualização, destaco que todo esse trabalho de Leite, ao situar seu leitor ao passado escravista e aos feitos do negro, é um movimento já muito percebido no texto deste presente trabalho, no qual os articulistas se usam da memória de um passado para justificar suas ponderações no agora. No caso da criação de uma “Confederação dos homens pretos”, foi importante trazer esses fatos para elucidar que o negro precisa se educar e se articular a fim de se emancipar das mazelas da escravidão. Além disso, reforça a importância dessa ação para que a juventude e as futuras gerações sigam defendendo o valor da raça que ele articula no texto ao evocar o passado e o presente.

Já o “Congresso da Mocidade Negra” apareceu na ponta da tinta d’*O Clarim* pela primeira vez no número de fevereiro de 1929, anunciando-se da seguinte forma:
A nossa missão como arautos das ideias moças da geração que neste instante está se estabilizando, arrastou-se à temeridade de cogitarmos a realização de um Congresso da Mocidade Negra de São Paulo, cujo escopo, será o de reunir a nata dos intelectuais da raça, ao mesmo que constituirá, um passo gigante no instante.

²⁹ O artigo em questão também aparece no primeiro capítulo, onde a análise e estudo sobre ele foi realizada de forma mais específica, e por isso nesse momento foi feito apenas um resumo sobre o que se trata o texto.

Cremos, que, tal congregação de caráter social pela raça será uma célula que palpitará com vibração significativa, no projetado “Congresso Universal da Raça Negra”, cuja notícia alguns jornais do Rio e outros estados aventuraram comentadamente. Por absoluta falta de espaço, deixamos de explicar largamente as bases dessa nossa ideia, porém, lançamos esta semente, conscientes que é chegada a vez do negro, e os de São Paulo, precisam erguer bem alto suas tradições e seus direitos ainda não readquiridos.³⁰

Assim, podemos perceber a influência direta do evento marcado para ocorrer no Rio de Janeiro, o Congresso Universal da Raça Negra, que imaginamos ter debatido aspectos sociais, políticos e econômicos no que tange à raça negra nacional. Além disso, é cabível aqui também mencionar as possíveis influências que o jornal acompanhava já nesse momento do movimento negro internacional, que se organizava e articulava-se concomitantemente ao movimento negro brasileiro, porém sob moldes particulares à sua realidade local.

Além disso, é interessante perceber como na escrita do anúncio, é concebida a perspectiva responsabilizadora dos negros daquela geração de procurar o rumo para a raça, colocando-os como sujeitos que norteariam a caminhada em prol dos direitos dos negros. Esse pensamento muito recorrente na primeira fase do jornal, de que esses jovens negros letrados seriam os responsáveis por educar e guiar a raça no caminho da sua evolução, mostra-se um pouco alinhado a ideias hegemônicas de progresso contínuo, cujo aqueles que estão na linha de frente são os intelectuais que devem instruir os demais do seu grupo para o caminho correto.

Além desse aspecto, é interessante notar a mobilização para com a coletividade negra através da ideia de realizar o congresso para debater sobre a questão da raça, quando aqueles que serão idealizados para ocupar esse espaço são carinhosamente chamados de “nata dos intelectuais da raça”. Assim, nota-se novamente o impacto que esse circuito de homens de cor mobilizou em seu tempo, servido como inspiração para tantos outros grupos e organizações posteriores, como é o caso do I Congresso do Negro Brasileiro, ocorrido em 1950 no Rio de Janeiro e organizado pelo Teatro Experimental do Negro, chefiado pelo intelectual-militante Abdias Nascimento.³¹

O Congresso da Mocidade Negra de São Paulo ganhou forte apoio e incentivo à primeira vista,³² conquistando mais aparições nas páginas d’*O Clarim da Alvorada*, como o artigo de apoio ao Congresso assinado por Arlindo Veiga dos Santos no número publicado em junho de 1929.

³⁰ *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 03 fev. 1929, p. 04.

³¹ PEREIRA, Amílcar Araújo. “*Mundo negro*”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010, p. 88-89.

³² Outro sinal de apoio da comunidade foi um informe publicado na edição de maio de 1929 em que é anunciado o apoio do Grêmio Recreativo “União Militar”, que arrecadou 200\$000 pela idealização do Congresso da Mocidade Negra de São Paulo.

Logo na primeira página, ele diz:

Para que um Congresso Negro Brasileiro?
Temos interesses especiais para cuidar?
Já vou respondestes afirmativamente.
Vedes-te os que nem sabem, vedes a imensa miséria da Gente Negra do Brasil, ‘considerável’ parte da República Brasileira. e intelectual, e moral e econômica e até física essa miséria.
Vivemos somente das baldas glórias do nosso passado, as quais não bastam para desfazer a nossa desgraça e impor-nos *integral e absolutamente* no conceito nacional, contra o preconceito onímodo e contra a situação vil de simples instrumentos de dissolução, degradação e humilhação nacional e de trastes esmoídos sob o peso da cegueira política e sob o alude dissolvente das ondas estrangeiras e estrangeirizantes.³³

No trecho acima, Arlindo Veiga dos Santos busca responder às razões que compreende serem importantes para a criação de um Congresso da Mocidade Negra. Ao elencar todas as mazelas que percebe na realidade da “gente negra brasileira”, Santos denuncia o abandono estatal que os negros sofrem, destaca como que a segregação do negro no plano nacional é prejudicial à raça, além de mais uma vez mostrar-se contra a importação de teorias raciais, pois as considera poluentes para a realidade brasileira. Todo o restante do texto, Santos reforça esses pontos, elucidando o embate do negro com o branco nacional e o branco estrangeiro, assim como evocando pensadores negros para reafirmar sua linha de pensamento. À vista disso, compreende-se que a intenção de Santos ao apoiar a criação do Congresso é motivada pela sua vontade de instruir os negros em um projeto político de redenção da raça e sua inclusão na pátria.

Ademais, é preciso ressaltar que ambos os projetos nunca aconteceram de fato. Dificuldades financeiras estão entre as razões, mas essencialmente a baixa adesão do público e também, em parte, a ingenuidade dos idealizadores em traçar um plano concreto para a realização de ambos os projetos. Nos dois casos, foram publicados textos a fim de justificar e noticiar as razões que explicam a não concretude dos projetos. No caso da Confederação dos Homens Pretos foi publicado: “apesar de tudo a Confederação não existe, porque não queríamos e não queremos ainda simplesmente rotulada, composta de uma dúzia de homens”.³⁴ Já sobre o Congresso da Mocidade Negra:

Quanto ao Congresso, nós vimos que não se conseguia apoio de pessoas de relevância para fazer teses importantes. Também começamos a perceber que não tínhamos dinheiro para convidar pessoas da Bahia, do Rio de Janeiro e de outros lugares. Nós tínhamos que convidar e sabíamos não ser justo eles virem por conta própria. Então acabamos não organizando. Nós tivemos que parar também porque em 1929 começou

³³ SANTOS, Arlindo Veiga. “Mensagem aos negros brasileiros”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 05 jun. 1929, p. 01.

³⁴ LEITE. “Muito agradecido”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 15 jan. 1927, p. 02.

aquela agitação da campanha presidencial, aquela disputa entre o Getúlio Vargas e o Júlio Prestes.³⁵

Assim, percebemos que mesmo que ambos os projetos não tenham vingado, é inegável a importância deles para perceber *O Clarim da Alvorada* como um órgão político e de articulação ideológica acerca do negro. Também é possível salientar como que essa articulação ideológica de um projeto para o outro amadureceu ao longo dos anos e fases, mostrando que através do apoio da rede negra e de outras organizações, os argumentos para a sua idealização e a forma como foi exposto e defendido pelo periódico.

Indicando assim, como que a transição de um jornal literário para um jornal combativo, foi um movimento de amadurecimento e lapidação de ideias e projetos. Portanto, percebemos que mesmo que em menores ou maiores níveis, as formas concretas de coletividade negra percebidas no jornal interferem diretamente na compreensão da mudança de fases, e como ela altera noções de rede negra, raça e tempo histórico, ao evocar questões da pátria, pertencimento e buscando compreender através dessas entidades essas questões tão latentes.

3.3 A reverberação do estrangeiro: sobre o contato e as trocas com a intelectualidade internacional

Outro aspecto importante encontrado n' *O Clarim da Alvorada*, é o seu contato com redes negras internacionais, traduzidas pelas trocas com os jornais da imprensa negra norte-americana *Chicago Defender* e o *Negro World*, vinculado ao movimento pan-africanista liderado pelo ativista de origem jamaicana Marcus Garvey. O tema já foi amplamente estudado, essencialmente por Flávio Thales Francisco na sua dissertação, entretanto, é necessário abordar o tema a fim de compreender as influências que circularam no periódico durante sua transição de fases, e que, conseqüentemente, colaboraram no seu posicionamento mais ativo e combativo, de modo a alterar a percepção de alguns ideais e conceitos.

A relação com o jornal *Chicago Defender* começou em 1923, quando o Robert Abbott, editor do periódico veio ao Brasil para um encontro com ativistas negros nas capitais paulista e carioca. Na ocasião, Abbott buscava compreender a experiência negra fora do território norte-americano, para tal desembarcou no Brasil e na Argentina para perceber as similaridades e distinções entre negros da América do Norte e negros da América do Sul.³⁶ Já de volta ao seu país, o intelectual descreve nas páginas do seu jornal como foi sua passagem no território

³⁵ CUTI; LEITE, José. op cit.: p. 88.

³⁶ FRANCISCO, Flavio Thales Ribeiro. op. cit.: p.73.

brasileiro, no qual, para além das descrições de um ambiente exótico, como já era habitual nesse momento, temos também que destacar que “o jornalista estabeleceu os limites de uma cultura ‘racista norte-americana’ e uma ‘cordial brasileira’”.³⁷ Flávio Francisco completa dizendo que “é provável que o jornalista norte-americano tenha até distorcido alguns fatos para que pudesse dar o efeito de contraste entre o que representava os Estados Unidos e o Brasil”.³⁸

A hipótese de Francisco é baseada nos seus relatos que caracteriza o Brasil como um espaço cuja relações raciais são mais ternas do que nos EUA, isso porque, segundo ele, no território brasileiro é possível encontrar homens negros em cargos significantes e em posições sociais respeitáveis. À vista disso, ainda que o contato com a experiência racial brasileira tenha sido equivocada, Abbott nesta viagem, pôde trocar contatos com uma gama homens negros influentes no movimento social voltados para a questão da raça, como José do Patrocínio Jr, militante e descendente de José do Patrocínio, grande nome do abolicionismo nacional; Evaristo de Moraes, um intelectual, orador e advogado paulistano; Olympio de Castro um padre da região de grande renome, dentre outros.³⁹ Os nomes citados referem-se sujeitos que em diferentes níveis estavam no circuito negro que envolve o próprio *Clarim da Alvorada*, e com isso estabelece uma rede negra entre os dois países e grupos jornalísticos de maneira indireta nesse momento.

No Brasil, os textos publicados por Abbott foram severamente criticados, especialmente pelos redatores do *Kosmos* e o *Getulino*, jornais da imprensa negra paulista de São Paulo e Campinas, respectivamente. O primeiro destaca que a vida de negros célebres brasileiros não era tão fácil quanto Abbott tentou fazer parecer. Já a equipe de *Getulino* discorre sobre uma promoção de estilo de vida para negros brasileiros a fim de incentivar a imigração de negros norte-americanos para o país. Hipótese essa também assinalada por Petrônio Domingues anos depois em seus estudos sobre o período.⁴⁰

Mas voltando agora ao *Clarim*, o contato que levou as trocas entre os jornais negros, se deu em 1928, quando o redator do *Chicago Defender* entrou em contato com Olympio de Castro para compreender melhor a situação que envolvia o projeto de construção de um monumento para a “Mãe Preta” de 1926, e para tal, Castro enviou um exemplar d’O *Clarim da Alvorada*, dando assim o início à relação de trocas entre os jornais. Após essa ocasião, O *Clarim* e o

³⁷ Ibidem, p. 74.

³⁸ Ibidem.

³⁹ Ibidem, p. 75.

⁴⁰ Ibidem, p. 76-77.

Chicago Defender puderam criar o hábito de trocar algumas de suas edições por correspondência, e assim compartilhar conhecimentos sobre como estava a questão racial em cada localidade, bem como conhecer mais de perto a vida social e as demandas de cada país.⁴¹

Entende-se nesse momento um passo muito grande dado pelo jornal paulista, que no ano em que oficializa a sua transição de fases, buscando tornar-se um “órgão de combate”, ele inicia a publicar artigos em que a realidade negra estadunidense é explicada, e com isso ampliando o horizonte de debates sobre raça através de uma abordagem transnacional. Com isso, as vivências traduzidas nas páginas d’*O Clarim da Alvorada* servem como uma forma de auxiliar a compreensão da realidade brasileira, e colaborar na formação de um movimento negro crítico e mais articulado politicamente.

Já o caso do *Negro World* as trocas ocorrem de uma forma semelhante. Editado por Marcus Garvey, um importante ativista jamaicano que ficou internacionalmente conhecido por sua ideia radical que se define pela premissa dos negros das Américas em retornarem para a África. Com isso, Garvey, assim como Veiga dos Santos, utiliza seu jornal como um espaço de divulgação das suas ideias. Quanto ao contato do jornal com *O Clarim da Alvorada*, vale lembrar que em 1928 os jovens militantes vindos da Bahia Alcino dos Santos e João Sotero da Silva foram colocados como colaboradores nessa nova fase, e foram eles que em 1929 tiveram a ideia de estabelecer contato entre os dois jornais.

Não se sabe ao certo como que o contato entre eles inicializou, contudo, as traduções realizadas pelo poliglota Mário Vasconcelos dos artigos pan-africanistas eram publicadas em uma coluna intitulada O Mundo Negro (tradução literal do nome do jornal), assim, possibilitando uma divulgação de propostas e de uma ideologia fundamentada por um grande nome do movimento negro radical internacional. Sobre o movimento garveyista que era novidade para os brasileiros, no qual ideias como negar a cultura e os conhecimentos do branco, Leite disse:

O movimento garveyista entre nós ficou restrito, mas serviu para tirar certa dubiedade do que estávamos fazendo. Procurávamos fazer doutrinação, uma espécie de evangelização. As ideias do Marcus Garvey vieram a reforçar as nossas. Com elas nós criamos mais convicção de que estávamos certos. Fomos descobrindo a maneira sutil do preconceito brasileiro, a maneira com que a gente era discriminado. Essa coisa de quando você estava numa roda de brancos e queria discutir alguma coisa com relação ao negro, eles logo deixavam você sem assunto, tapavam sua boca com o argumento: - Não, aqui não tem nada disso. Tanto que você está aqui com a gente!⁴²

Adentrando, portanto, em uma análise sobre a relação entre a transição de fases de um

⁴¹ SANTOS, Renan Rosa. op. cit., p. 127.

⁴² CUTI; LEITE, José. op. cit.: p. 80-81.

jornal literário para um órgão de combate pela voz dos negros brasileiros, já percebemos com o relato acima o reflexo do contato com a realidade e ideologias negras internacionais. À vista disso, podemos compreender um processo do que significa ser negro, numa perspectiva maior que aquela que lhe era conhecida até então. Quando os militantes negros brasileiros, em especial aqueles com quem estamos trabalhando na pesquisa, não percebiam o ambiente racista e segregacionista em relação a sua raça em que viviam, conforme aparecia em diversos artigos d'O *Clarim da Alvorada*,⁴³ podemos constatar que o movimento de integração social que defendiam seguia por um caminho culpabilizador de outros negros, e não recaía sobre aqueles realmente culpados pelas mazelas vividas pela comunidade negra.

Leite mostra perceber nesse momento, os respingos de uma convivência com brancos, que percebiam a relação com negros como se fossem complacentes. Fanon fala sobre isso em seu trabalho, em que diz: “nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina...”,⁴⁴ ou seja, evidencia como que essa rede branca cega o comportamento racista e reforça estigmas negativos sobre o negro, menos aqueles que estão naquele espaço, que são aceitos por eles.

Neste rumo, percebemos que esse momento de interlocução entre Estados Unidos e o Brasil traduzido pelo contato entre esses intelectuais, é um ponto de confluência na sua época, ou seja, uma das circunstâncias em que diversas trajetórias no tempo histórico encontram possibilidade de se atinar em uma dada conjuntura.⁴⁵ Essa situação favorece a ideia de Atlântico Negro, formulada por Gilroy, que discorre sobre como há uma rede negra transnacional intermediada pelo Atlântico e o passado em comum desses negros americanos que descendem de negros africanos escravizados. Quanto à isso, o teórico versa sobre como esse trânsito de experiências negras corrobora em uma circularidade de ideias e imagens que, por consequência, desencadeiam um processo de reflexão conjunta entre esses homens de cor.⁴⁶

Mais a fundo nessa questão, entendemos, através da memória de Leite uma estrutura de sentimentos sendo formada. Ou seja, através dos artigos importados dos Estados Unidos, ocorre um processo de reinterpretação do passado e do presente vivido por estes homens descendentes

⁴³ A exemplo disso temos artigos onde é falado que no Brasil não há o tal preconceito de cor/, principalmente nos primeiros anos de circulação do jornal, como por exemplo na edição de número 20 de abril de 1926 no texto assinado por Leite, chamado “Por que queremos a Confederação?” ou o artigo assinado por Horácio da Cunha, “Os homens pretos e a evolução social”, publicado no número 30 de fevereiro de 1927.

⁴⁴ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008. p. 107.

⁴⁵ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Cândido Mendes, 2001. p. 39.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 249.

de um sistema escravista. Essa tomada de consciência obviamente não é somente resultado do contato dos negros brasileiros com os artigos estadunidenses, pois não se trata de um grupo ensinando o outro sobre como se portar ou precisamente sobre como pensar. Trata-se de como o contato com esses textos foi somado a outros fatores, já descritos aqui que, juntos, fazem parte de uma readequação do agir do intelectual-militante negro, e em especial daqueles que fazem parte do ciclo d'*O Clarim da Alvorada*. Em outras palavras:

O ato de selecionar e republicar notícias internacionais não se tratava da mera reprodução dos textos produzidos pelos jornais do exterior, mas se relacionava ao projeto que os jornalistas d'*O Clarim* tinham para os negros do Brasil, incorporando-as ao conjunto de argumentos em defesa da raça negra e, especificamente, do projeto de integração defendido pelo movimento negro paulista de então.⁴⁷

Portanto, a influência internacional se deu não como centro ou chave transitório para um órgão de combate, mas sim enquanto uma parte do todo que possibilitou *O Clarim da Alvorada* de se tornar um espaço plural e de diálogo amadurecido em prol das demandas e questões que envolviam a experiência de ser negro no Brasil do início do século XX. Nesse momento, a ideia de inserção social deixa de ter espaço para houvesse um lugar onde fosse factível elaborar ações, repensar ideias, bem como apontar e cobrar as autoridades nacionais o que julgavam ser devido. Trazendo essa percepção para o campo teórico, é o momento em que a estrutura de sentimentos toma forma, e assim, se reestrutura em um cenário dominado por uma ideologia eficaz e dominante, logo, agindo de uma forma contra-hegemônica, podendo assim ser tida, como assinala Williams enquanto uma forma cultural emergente.⁴⁸

3.4 O limiar dos conceitos na transição de fases d'*O Clarim da Alvorada*

Apresentado alguns fatores concretos que colaboraram no processo de transição de fases d'*O Clarim da Alvorada*, que dentre eles temos: a urgência de se debater as questões acerca do negro que ficavam mais latentes; a incorporação de novos colaboradores que traziam novas ideias para o seio do jornal; as organizações e projetos pensado por essa rede negra paulistana, que se voltava para a compreensão das experiências compartilhadas, bem como pensava resolver aspectos que julgavam serem importantes; e, por fim, a influência internacional, traduzida (simbolicamente e literalmente) na tinta que era colocada nas impressões do jornal, e possibilitou reflexões sobre uma realidade racista em que viviam.

Por este caminho, torna-se agora necessário elucidar sob a perspectiva mais significativa

⁴⁷ SANTOS, Renan Rosa. op. cit.: p. 128

⁴⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

da presente pesquisa, as razões mais profundas que circularam o jornal nesse momento de mudanças. Passado os argumentos que são assegurados por fatos que realmente ocorreram, cabe agora levantar hipóteses sobre a mudança de fases, dentre elas, o fio que conduz o estudo se baseia em uma mudança d'*O Clarim da Alvorada* sobre noções em relação ao tempo, como o passado, presente e o futuro.

Isso porque quando o jornal foi redefinir seus nortes, foi preciso um esforço do intelecto para se tornar um órgão de combate. Se, até então, o responsável pelas mazelas do negro era o comportamento do negro iletrado, os seus vícios e sua preguiça, se havia desonra por parte destes e da nova geração pela luta dos escravizados há décadas atras, eles precisaram mudar a rota. Para isso, foi preciso revisitar o passado e adentrar no presente para dar sentido às novas demandas e teses que fossem condizentes ao posicionamento político e ideológico que buscavam seguir.

Em vista disso, o tempo histórico mudou a sua nuance para *O Clarim da Alvorada*. E mudou em um lampejo. De forma quase poética, o jornal que se anuncia como o clarim de uma aurora, se transforma também pela luz de um lampejo na constelação do tempo histórico. Faz-se, portanto, que se reformule os rumos do jornal, que curiosamente interlaçado nesta ironia linguística e luminosa, vai deixando de ser literário para se tornar atuante político e militante.

As referências que justificam a ponderação acima vêm da teoria fundamentada por Walter Benjamin, ilustre teórico das humanidades, reconhecido por suas obras onde versa sobre história, temporalidades, entre outros. Nesse sentido, o conceito de lampejo será utilizado para compreender a fundo a mudança de fase do periódico. Assim, lampejo está para Benjamin enquanto um momento no tempo que as imagens da outrora se esbarram com o agora, ou em suas palavras: “não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação”.⁴⁹

Para compreender melhor é necessário também explicar sobre a sua ideia de imagem, ao qual faz referência em sua citação. Para o teórico, a imagem é chave de sua teoria sobre cultura, na qual, não se articula pelos conceitos, mas pelas imagens. Elas podem se alterar entre “imagem de desejo”; “alegoria”; “imagem arcaica”; “imagem de pensamento”; “fantasmagoria”; “imagem onírica” ou “imagem dialética”. No caso ocorre “por meio da imagem – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma

⁴⁹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006. p. 506.

época”.⁵⁰ Assim, a imagem ocupa um espaço central na análise, sendo mais do que um momento de recordação, mas sim um lugar no espaço-tempo de tensões, “em que cada agora é o agora de uma determinada cognoscibilidade”.⁵¹ Para o estudo, a imagem dialética que ganha destaque, que definida segundo o próprio Benjamin:

Na imagem dialética, o ocorrido de uma determinada época é sempre, simultaneamente, o ‘ocorrido desde sempre’. Como tal, porém, revela-se somente a uma época determinada – a saber, aquela na qual a humanidade, esfregando os olhos, percebe com tal justamente esta imagem onírica. É nesse instante que o historiador assume a tarefa da interpretação dos sonhos.⁵²

À luz do exposto, podemos entender que no momento presente, *O Clarim da Alvorada* vislumbra um novo lampejo do seu passado, e com isso as suas percepções são alteradas. Um exemplo disso é na publicação de julho de 1928, “O negro para o negro”, de Correia Leite:

[...] porque, depois que o negro deixou de ser uma formidável máquina produtora, ficou só, parado na estrada do progresso. [...]. Logo após, o negro foi substituído pelo imigrado, o pobre ficou sem norte, iludido com sua carteira de eleitor e com seu título de cidadão brasileiro, mas não o ensinaram a ler nem a escrever; classificados pelos altos sociólogos, descendentes de raça inferior.⁵³

Aqui, Leite expressa sua insatisfação com a situação do negro atual, mas não culpa a si mesmo ou outros negros por essa situação. Ele percebe que a marginalização se inicia na substituição pelo imigrante, e que, após ser preterido, é segregado da cidadania, mesmo que vendam o discurso que estes fazem parte do plano nacional. Relacionado, portanto, com o que diz Benjamin, entendemos essa mudança de rumo como um lampejo. Isso ocorre por causa de um despertar no tempo-de-agora.⁵⁴

Nesse ponto, entre lampejos e o limiar, que podemos afirmar que o que muda nessas circunstâncias é o índice histórico, ou seja, os fatos do passado que se tornam legíveis no presente, sendo formados pelas imagens dialéticas. Assim, percebe-se que o curso da transição de fases só foi possível nas condições descritas, mediante as interferências externas à mudança, que lentamente foram se tornando uma estrutura de sentimentos. Posteriormente, essa estrutura se reafirma enquanto uma cultura alternativa, e todo o processo transitório tem como pano de fundo uma sequência de imagens dialéticas, funcionando como janelas luminosas no tempo

⁵⁰ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 43.

⁵¹ MATTOS, Manuela Sampaio de. Considerações acerca de uma ética da memória em Walter Benjamin. *Revista Trama Interdisciplinar*, [S. l.], v. 6, n. 3, 2016. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8718>. Acesso em: 07 abr. 2024.

⁵² BENJAMIN, Walter. op. cit. p. 506

⁵³ LEITE, José Correia. “O negro para o negro”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 01 jul. 1928, p. 01.

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. op. cit. p. 434.

presente e refletindo os lampejos do passado de forma descontinuada.

Em outra publicação d'*O Clarim da Alvorada* temos:

A colaboração grandiosa emprestada pela pujança da raça negra, no desbravamento do nosso querido solo, tornou-se um fato inegavelmente valorizado. Sobretudo em se tratando da sua colaboração, na formação do primeiro alicerce da riqueza econômica da nossa querida pátria. O negro, embora escravizado, também entrou no caldeamento racial, daqueles primitivos tempos. Prestando desta arte o seu concurso valioso à formação desta grande nacionalidade brasileira. Não se torna necessário reviver aqui os dias negros da escravidão para evocarmos o valor da grande máquina de trabalho que foi o braço épico e hercúleo do negro africano.⁵⁵

Aqui ocorre o processo chamado de rememoração de Benjamin, que é o momento no qual o passado é apropriado no tempo presente, ou seja, a experiência⁵⁶ é relembrada através da narração. Logo, é percebido no trecho acima como que o passado é reinterpretado para atender às demandas do presente, e assim, as tensões no horizonte do presente se alteram nesse momento de rememoração e alteram o rumo desse momento histórico.⁵⁷

Essa é uma preposição individual até o momento, pois mesmo que sob novas perspectivas e motivações combativas que se redefinem, ainda há textos que corroboram as ideias hegemônicas, mesclando-se com as novas ideias que vão surgindo em lampejos, tal como o texto assinado por Leite em maio de 1929:

O elemento negro já sabe, que precisa trabalhar para a sua integralização moral e material; é uma conquista imprescindível; é uma necessidade inadiável que se nos apresenta; é a maior consagração que se pode oferecer a memória do nosso antepassado. E será também, a segurança do futuro da nova geração que vem surgindo, e, precisa por força, encontrar o exemplo da nossa vitalidade moral, em volta das tantas ideias sans que temos defendido e semeado no seara do bem e do bom viver. Depois de oito lustros de liberdade, os remanescentes dos ex-escravos tiveram de lutar para não ficarem intoxicados pela cachaça e outros vícios... ficaram libertos, porém, sem pão nem lar, embrutecidos pelos martírios do maldito regime, tiveram também que enfrentar as correntes imigratórias que sempre foram bem remuneradas, e amparadas por todas as leis do nosso país... Do negro ninguém cuidou, ele que fora a verdadeira máquina de trabalho, para a construção dos alicerces do progresso que, hoje, assistimos, mas que a mocidade negra não toma parte ativa, na tumultuosidade dessa lufa lufa diária.⁵⁸

No trecho acima, Leite rememora os feitos de negros escravizados para sustentar seu

⁵⁵ “A voz da história e os pretos modernos”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1927, p. 12.

^{56 178} Para entender de fato, é necessário explicar o que Benjamin entende por experiência – *Erfahrung* –, que nada mais é do que a “matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva” (BENJAMIN, 1994, p. 105). Nesse sentido, a experiência é fruto de uma somatória de conhecimentos passados como herança através das memórias passadas, e assim, torna-se um objeto de vivência individual. No presente estudo, ela é uma parte dos fatores que indicam a mudança de mentalidade na transição de fases, sendo uma motivação própria que logo é incorporada pelo grupo ao qual se insere.

⁵⁷ GRIBAUDI, Maurizio. Forma, tensão e movimento: A plasticidade da história. In: VENDRAME, Máira; KARSBURG, Alexandre. *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020, p. 57.

⁵⁸ LEITE, José Correia. “À mocidade negra”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1929, p. 06.

argumento que é importante voltar-se para a questão da raça. Ele chega a citar os vícios, algo recorrente nos primeiros anos do jornal, mas, dessa vez, o tom culpabilizador não é tão forte como costumava ser. Aqui, ele ressalta o abandono e a marginalização do Estado para com a população negra, e nas dificuldades em desviar de caminhos que fujam da norma, ou seja, tudo aquilo que fosse condenável à ótica de trabalho burguês, como vícios, vagabundagem, dentre outros.

É preciso também destacar como que a noção da imigração se altera nesse momento. Nos primeiros anos de circulação d'*O Clarim da Alvorada*, ainda que já fosse perceptível um certo incômodo com as vantagens dos imigrantes, não era algo tão esclarecido e palpável. Nesse trecho, Leite não somente questiona o abandono da comunidade negra, como também denuncia os investimentos voltados para os imigrantes. Além disso, os primeiros artigos do jornal quando falavam sobre a integração do social do negro, costumavam vir acompanhada de elogios sobre o comportamento das outras raças, visto que ao culpar o negro pelo atraso no progresso, era reiterada a urgência em se portar como os outros, aqueles que trabalhavam e se educavam, dentre eles os brancos nacionais e internacionais.

A intercadência dos lampejos no limiar da tempo histórico acerca dos imigrantes mostra-se em uma faceta nesse momento, e com isso, percebemos “a evolução histórica como um processo interativo e vivo, marcado pela descontinuidade no tempo e no espaço”,⁵⁹ ou seja, entendendo o presente enquanto um lugar situado no espaço-tempo resultado de um sincretismo temporal, e assim adquirindo novos sentidos em determinados recortes do tempo, devido às questões que são inerentes a esse momento que ocorrem as descontinuidades do passado. No caso, a descontinuidade presente no trecho é da percepção dos imigrantes, considerando as influências já tratadas e todo o processo de lampejos e rememoração, o que resulta em uma resignificação da relação dessa rede negra com os brancos internacionais.

Entretanto, nem tudo são descontinuidades, pois percebemos ao longo do texto como que Leite evoca a juventude para seguir aquilo que ele entende como o caminho correto a ser seguido. Mais uma vez, isso recai no conflito geracional, em que o temor de que não haja uma continuidade da luta iniciada pelos antepassados e continuada no presente seja perdida no futuro.

O medo de Leite é muito bem representado por Benjamin, quando ele afirma que um povo sem heranças e sem tradição, torna-se um pobres da experiência; em outras palavras

⁵⁹ GRIBAUDI, Maurizio. op. cit., p. 52.

“somos pobres de uma experiência do tempo, pois estamos submetidos ao espetáculo e à ética do imediato e da celeridade”.⁶⁰ Assim como Leite teme que a herança da luta se perca na nova geração, e por isso reforça a urgência em se voltar para esse público, divulgando por exemplo o Conselho da Mocidade Negra mais à frente nesse artigo, percebemos o resultado de um processo descrito por Benjamin, no qual, o passado é desassociado das limiaridades do presente.

Podemos perceber isso também referente à primeira fase do jornal, em que quando a memória da escravidão era usada para justificar as demandas atuais, ela era tratada de forma intercadente quanto à memória de fato da escravidão. Os usos do passado nesse momento estão alinhados a uma ideia de progresso afundado na catástrofe, não possibilitando o desejo por outro estado real da situação, mas sim apresentando e representando o mesmo. Ou seja, conforme assinala Benjamin, esse progresso seria o outro lado da moeda de uma época de decadência.⁶¹

Essa percepção é justificável quando percebemos que a defesa pelo progresso da raça e da nação é acompanhada da ideologia dominante e eficaz, e assim, sendo dissonante com o projeto de emancipação do negro na sociedade brasileira. Pois ao defender esse progresso divulgado pelo grupo hegemônico, o que ocorre de fato é um esvaziamento do tempo, da memória e da heranças dos antepassados escravizados desses homens de cor.

Portanto, entendemos com a teoria benjaminiana como que a transição de fases ocorreu para além das influências materiais, tendo em mente que ela também foi ideológica e, por consequência, estava presente na mentalidade e se fundamenta no plano cultural emergente. Nesse sentido, os usos dos escritos de Walter Benjamin auxiliam no momento de se voltar para as subjetividades que cercam o amadurecimento de ideias dessa rede negra.

Versar sobre esse processo através da ideia de lampejos torna possível apreender como que noções do tempo foram se alternando em determinados momentos no espaço-tempo por esses sujeitos, e concedendo uma janela interpretativa quanto às mudanças significativas que marcaram e definiram os rumos de um jornal que se propõe a reinterpretar suas verdades a fim se tornar o porta-voz de uma comunidade marginalizada. Por fim, entende-se que as trocas ininterruptas entre passado-presente-futuro foram traduzidas nas páginas d’*O Clarim da Alvorada* através de uma limiaridade histórica que suscitou, enfim, nas redefinições do tempo e da memória, corroborando na articulação de um órgão de combate.

Posto o que foi apresentado acerca das influências no momento de transição de fases,

⁶⁰ JESUS, Aline Ludmila. *Despertar o outrora no agora: ensaios sobre as configurações do tempo e da memória em Walter Benjamin*. Uberlândia, 2013, 105 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2013, p. 31.

⁶¹ BENJAMIN, Walter. op. cit., p. 503.

bem como a análise desse processo à luz dos escritos benjaminianos, trata-se agora de olhar a fundo uma das mais significativas transfigurações nesse processo. Entendendo que na primeira fase do jornal, boa parte da responsabilidade acerca da situação do negro era dada ao comportamento do próprio, mas não aquele que fazia parte da rede negra intelectual, mas sim, aquele que, devido a razões múltiplas, não alcançou os mesmos espaços, e por isso era responsabilizado sob a lógica do trabalho burguês, começa a se alterar nesse momento.

Entendendo agora a questão da raça de forma plena, *O Clarim da Alvorada*, não mais coloca o negro iletrado como inimigo, ainda que continue defendendo a educação para todos os negros. O teor culpabilizador muda de foco. Assim, percebemos que a noção de raça não era anteriormente o suficiente para enquadrar esses dois grupos em uma mesma categoria. Nisso, um dos lampejos que a presente pesquisa mais admira é como é construída, nesse momento, uma coletividade negra, na qual, deixamos de tratar de dois grupos de negros: os pertencentes à elite e os que fazem parte da plebe. Em meados da transição de fases, os dois grupos se fundem pela raça.

Domingues fala sobre esse movimento quando faz a diferenciação entre a elite negra e a plebe negra. A elite conforme já caracterizada no presente trabalho é concebida enquanto um seleto grupo de homens negros que por razões diversas puderam estabelecer-se na sociedade de maneira alternativa àquela prevista pelo processo de segregação pela raça. Cabe destacar que essa elite não era resultado de nenhum tipo de acúmulo de capital, mas sim, se apresentava por suas relações sociais, meramente por cargos empregatícios, que fazem alusão aos profissionais liberais ou aqueles que tinham pequenos cargos no comércio ou no setor público. Entretanto, o que mais se destaca ao versar sobre a elite negra é o seu comportamento e a mentalidade.

Conforme foi apontado, a rede negra intelectual-militante de São Paulo procurava dar sentidos e produzir diagnósticos quanto às experiências vividas pela comunidade negra, caindo, nisso, nas falácias hegemônicas que entranhavam no senso comum. É nesse momento que em muitos casos a responsabilidade pelo que não se concretizava (inserção no progresso nacional, reconhecimento e avanço da raça) foi culpabilizada nos reflexos da escravidão e nos anos abandono do pós-abolição, ou seja, os vícios, as famílias não-tradicionais, os comportamentos que eram tidos como desviantes à norma, logo, a realidade vivida pela massa negra da capital paulistana.

Ainda que seja mais difícil ter acesso a mentalidade desses negros que eram esquecidos pelo Estado e pela elite negra, há trabalhos historiográficos que através de metodologias específicas foram capazes de salientar que esse grupo não era desprovido de noções quanto ao

sistema que o excluía. Os linchamentos no pós-abolição são um recado da sociedade de que esses sujeitos não importam.⁶² As relações de trabalho também eram um indicativo constante do abandono, em que projeções de crescimento, de melhores salários e moradia ou a mobilidade social não estava nos horizontes dessa população. Assim, as formas possíveis que essa comunidade encontrava para manifestar-se era através de pequenas resistências no cotidiano, por meio da religião, das festividades, da língua e tradição.⁶³

À luz do que foi exposto que se sustenta o presente argumento: *O Clarim da Alvorada*, que inicia a sua trajetória como um jornal literário, reproduz em muitos momentos pensamentos da ideologia dominante e eficaz, ao passo que conforme vai adquirindo mais consequência racial e política, mediado pelos seus novos colaboradores nacionais ou internacionais, bem como as alterações que aparecem em lampejos, ele começa a perceber o negro ao lado não mais como um concorrente, mas como um aliado da luta.

Cabe destacar que no período de transição, não significa que esse pensamento culpabilizador tenha desaparecido. Como sabemos, romper em tudo que é idealizado de forma massiva pela ideologia hegemônica é um passo muito grande para qualquer movimento articulado sob a égide contra hegemônica. O que ocorre de fato é uma virada de chave sob a percepção do jornal quanto aos brancos. *O Clarim da Alvorada* segue defendendo a educação e um trabalho digno para que os homens de cor alcancem o progresso junda da nação, além do respeito da sua raça. Continuam enxergando os vícios e a vadiagem como atraso para esse ideal que formularam como fio condutor para sua luta. Entretanto, também é incorporada, nesse momento, denúncias discriminatórias que corroboram o ponto citado de entender quem é o sujeito que de fato se opõe ao negro, sendo ele, o branco.

Do nosso distinto idealismo de grupo racial, sentimos que nenhum homem preto é assaz bom para governar um homem branco, e nenhum homem branco é bastante bom para dirigir o homem preto; e assim todas as raças e povos. Ninguém sente que a outro estrangeiro em raça, é mui bom para administrar ou governar à exclusão dos direitos raicais [sic] nacionais. Na civilização do século XX não há raças superiores e inferiores. Há povos atrasados, porém isso não os faz inferiores. Até onde vai a humanidade, todos os homens são iguais.⁶⁴

No trecho, o autor deixa evidente que não há razões para as diferenciações entre brancos e negros, e aponta como que essa percepção vai contra a ideia de humanidade. Portanto, é colocado em cheque as noções que levam o negro a razão de atraso, pois qual seria o atraso se

⁶² BARBOSA, João Paulo. *O Pós-Abolição no Rio de Janeiro: Representações do negro na imprensa (1888- 1910)*. Rio de Janeiro, 2016, 229 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016, p. 71-75.

⁶³ DOMINGUES, Petrônio. op. cit.

⁶⁴ “Não há raças inferiores e superiores”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1930, p. 03

ambos estão em par de igualdade? *O Clarim da Alvorada* entende que o negro foi deixado as margens, mas agora compreende também o papel do estado e da branquitude nesse processo:

[...] porque os brasileiros que se envergonhar de ver um monumento simbolizando a raça negra, que também contribuiu grandemente com seu sangue e com seu suor para a grandeza desta pátria tão querida, tem por força de se envergonhar destes nomes que estão ligados a grande raça africana, e quem cita é o grande Silvio Romero.

Ouçamos, portanto, um momento:

Na história civil, política, artística, literária, a colaboração da raça foi de todos os tempos, de seus parentes mestiços, por meio de seus jornalistas, de seus oradores, de seus poetas, de seus juristas, de seus artistas, [...]. No Brasil, enfim, a gloriosa raça africana assistiu ao nascer do país, povoou-o, amamentou seus filhos, formou sua riqueza agrícola, desenvolveu sua indústria extrativa, defendeu-se de seus primeiros invasores no norte, exterminou mais tarde seus inimigos nas campanhas do sul, exultou com a pátria em seus dias de júbilo e glória, chorou com ela em seus momentos de luto e dor...

Diante disto, depois vem os medrosos que temem a crítica e a vergonha, tremem quando aparecem os tais sociólogos da Europa, que só sabem dizer que, a raça negra é uma raça inferior. No entanto, diz o notável jornalista Frederico Sant'Angelo: 'será mesmo inferior essa raça, cujos filhos chegam a desempenhar tão preponderante papel histórico nas sociedades para os quais entra pela porta humilhante, ingrata e hostil da escravidão..⁶⁵

Assim, percebe-se que *O Clarim da Alvorada* tinha, nesse instante, plena consciência do preconceito de raça ao qual era submetido cotidianamente. A razão pela qual esse artigo foi publicado é decorrência da oposição por parte da comunidade branca ao projeto de construção de um monumento à "Mãe Preta", pois estes negavam que o negro fosse capaz de contribuir para o país de forma positiva. Nesse sentido, é elencado o aporte do negro na história nacional, e ao mesmo tempo questiona esse pensamento discriminatório por parte dos brancos. Por esse caminho, torna-se possível compreender a relação entre brancos e negros, em que o preconceito racial se sobressai, e assim, permitindo que *O Clarim da Alvorada* se perceba negro tanto quanto os outros negros da sua comunidade.

Por fim, entende-se que a mudança apresentada no jornal, tanto referente ao tempo, quanto à raça não foi de maneira alguma radical, porém dada as circunstâncias de seu tempo, foram o suficiente para mobilizar a ação do periódico através de um caminho combativo e reivindicatório.

⁶⁵ RAUL. "Há negros no Brasil sim". *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 06 jan. 1929, p. 02.

SEÇÃO 4: UM ORGÃO DE COMBATE ENTRE A MILITÂNCIA E A LITERATURA: UM BALANÇO DOS ANOS FINAIS D'O CLARIM E O SEU CAMPO LITERÁRIO

*Avante! homens de cor, à nossa ideia!
Formemos nosso 'Centro', carinhoso,
Dar Luz e instrução é ter o gozo
De brilhante epopéia!...*

*Que Importa a nossa cor, se a nossa raça,
Outrora maltratada, hoje ufanante,
Nas páginas da história que ela traça,
Levanta-se possante!...*

*Lembremos Patrocínio, o morto ilustre,
E Gama, o grande herói, em outros tempos,
Por isso, nós devemos com igual lustre
Seguir os seus exemplos!....¹*

Augusto Marques

A articulação política *d'O Clarim da Alvorada*, que perdurou quase uma década, foi atravessada por momentos e formas distintas de aparecer nas páginas do jornal. Desde momentos de conflitos diretos entre articulistas, até momentos de projeções para organização de seminários e congressos, incluindo as razões para a não realização desses, *O Clarim*, se manteve inteiramente fiel ao seu posicionamento e ideal de ser um órgão voltado para a população negra, estendendo até mesmo os limites da capital paulista.

Por essas razões, o periódico é percebido desde o seu primeiro número sob um prisma multifacetado, que caminha por distintos trajetos, buscando em cada um deles conectar-se mais com a comunidade à qual pertence. Assim, passando por uma fase com menor alcance, onde a publicação de contos, crônicas e poesia prevalece, até o momento transitório em que se percebe mudanças para além da diagramação, mas também como o contato com demais intelectuais ajudou *O Clarim da Alvorada* a encontrar o seu caminho. Chegamos aos anos finais da circulação do jornal, em que o anseio por debater e dialogar faz com que as colunas aumentem e a fonte diminua – tudo isso porque aqueles homens de cor sentiam a necessidade urgente de se expressar.

Portanto, as questões que norteiam esse capítulo se resumem a ideia de entender o que tanto havia para ser dito nas páginas d'O *Clarim*? Como que temas como raça, o tempo passado, a memória e as projeções futuras são apresentadas considerando as novas configurações do

¹ MARQUES, Augusto. "Avante". *Getulino*. Campinas, 22 jun. 1924, p. 2.

jornal? E para além das considerações propriamente referente aos anos de 1930 até 1932, como que a parte literária é percebida? Nesse sentido, indo para além do que trabalhos anteriores já esmiuçaram a fundo nos artigos d' *O Clarim da Alvorada*, busco através desses questionamentos sintetizar o objetivo do trabalho, que é compreender a relação do periódico com o tempo histórico através da sua construção da racialidade e seus usos no passado, presente e futuro.

Com tudo isso em mente, na seção que se segue, pretende-se alvorecer as reflexões publicadas no jornal que abordem a memória da escravidão e como o presente é interpretado mediante tais considerações, além de também buscar através entender suas prospeções para o futuro.

Quanto a literatura, busco ressaltar aqui a participação de grandes (e muitas vezes esquecidos) nomes para a literatura nacional, que, através de contos, sonetos e poesias e demais textos ficcionais, versam sobre os medos, vontades, amores, cotidiano e demais aspectos vividos por essa população. Nesse sentido, trazendo um outro olhar para a comunidade negra paulista, tornando-se um diferencial para a análise, pois concede sentidos às formas como esses sujeitos experienciam o tempo presente e exteriorizam suas inquietações, demonstrando como a negritude é vivida para além da luta em busca de cidadania plena e da união da raça pelos homens de cor.

4.1 O passado à frente: as interpretações do tempo ido na terceira fase d' *O Clarim da Alvorada*

Através da trajetória d' *O Clarim da Alvorada*, permeada por uma constante luta de integração do negro de forma plena ao ideário de cidadão brasileiro, bem como a tentativa de uma união aos homens e mulheres negras, percebeu-se que mesmo através de formas distintas, o uso do passado se manteve como um recurso crucial para assegurar a reflexão e/ou ideia proposta. À vista disso, que nomes do movimento abolicionista, bem como os feitos da população negra no período colonial e imperial são resgatados, a fim de justificar, por meio deles, o papel significativo da herança negra na história do país, de modo a projetar nos leitores um sentimento de pertencimento à pátria e a raça.

Além disso, *O Clarim da Alvorada* preocupa-se também em entender o passado, elaborando sentidos à escravidão e as formas como ela reflete na vida da comunidade negra contemporânea à época. Na publicação do discurso realizado por Armando Prado² de uma conferência realizada no Centro Cívico de Jundiaí em comemoração ao 13 de maio, publicado

² Militante do movimento negro paulista e colega de debates de Jayme de Aguiar e José Correia Leite.

na edição de janeiro de 1930, chamado “A escravidão”, em que o autor busca traçar uma linha do tempo a fim de elucidar aos leitores os processos históricos que desencadearam na regime escravista da modernidade e quais os seus efeitos sociais. Ele começa discorrendo desde as navegações que ocasionaram na invasão da América, interrompendo o raciocínio para versar sobre o que é de fato a escravidão e como ela mudou ao longo da história:

Se é verdade que o princípio da escravidão se prolonga as mais longínquas épocas do passado, não menos certo é que taç princípio já estava transformado pelo colonato e pela servidão quando o fanatismo religioso medieval o restaurou contra os infieis sarracenos que em Espanha e Portugal eram escravizados a título de um nefasto sistema [sic], a qual ia lá em via de enfraquecer-se no instante em que os descobrimentos na África e na América, entregando-lhe o negro e o índio, lhe infundiram novas forças.³

Quando Prado faz referência a períodos desde a Idade Média, discorrendo brevemente sobre a Igreja Católica e seu papel como matriz pensante que resultou no processo de perseguição à todos aqueles que professassem o islamismo por intolerância religiosa e como na Idade Moderna a escravidão torna-se movida por “novas forças”, entendidas aqui para além do fator religioso, mas essencialmente político e econômico, podemos perceber como ele busca entender o processo de escravização dos povos não-brancos.

Seguindo com a sua argumentação, Prado descreve sobre o processo de captura dos homens negros e seu transporte até a América: “nos primórdios da escravidão moderna, não se agarravam cativos por ódio contra eles ou por pecuniário imediato e evidente. A cobiça espertalhona disfarçava-se. O cativo, dizia ela, é um benefício para o negro”.⁴ Nesse ponto, com o trabalho de compreender o processo que levou aos mais de 388 anos de escravidão, Prado destaca que, a escravização não se baseava nem no ódio à raça negra nem no desejo imediato de lucro, mas era visto como um “benefício” que se oferecia ao negro, um meio de “salvá-lo” da selvageria africana.

O trecho mostra-se complexo para a presente pesquisa. O que se percebe de interessante é a forma como é afirmado que não havia ódio à raça e a razão disso seria a crença de estar tirando o negro de um ambiente inóspito e o levando para a civilidade, ainda que seja no cativo. Isso torna-se titubeante quando percebemos a incoerência do texto, pois hoje já sabemos que o fator racial foi determinante para a escravidão, sendo uma das bases do colonialismo,⁵ além de que ele também retrata na verdade como que o processo de

³ PRADO, Armando. “A escravidão”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 25 jan. 1930. p. 01.

⁴ Ibidem.

⁵ MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

neocolonialismo se deu anos depois através da ideia do fardo do homem branco.⁶

Dessa forma, fica evidente que, apesar da tentativa de compreensão do passado escravista, a visão sobre a escravidão ainda permanece turva nesse contexto. Mesmo com a noção do quão prejudicial a escravidão tenha sido para a população negra, tirar o agente racial do início desse sistema é inibir a responsabilidade desde o começo do colonialismo promovido por homens brancos, que na sequência do texto é responsabilizado somente após a interferência da Igreja Católica através do mito de Cam, que já foi questionado em outros artigos do jornal, como no texto “A raça maldita” de Teophilo Booker, já apresentado na seção 2.

Concluindo a análise do texto, após especificar mais sobre como se deu o regime escravista no Brasil, Prado termina fazendo uma citação à um texto do historiador Rocha Pombo, no qual diz que “o negro não teve a misericórdia de nenhum coração”, ao discorrer sobre a escravidão em si, mas também sobre o pós-escravidão. Como sabemos através da massiva produção historiográfica do pós-abolição, esse período é entendido quase como que uma continuação da escravidão sob outros moldes, considerando que esses homens recém libertos não puderam usufruir da cidadania que ganhavam no papel, tendo em mente a segregação sistêmica ao qual foi acometidos.

Conforme apontado por Petrônio Domingues, o período da pós-emancipação é percebido com uma extensão do período escravista, ou seja,

O “preconceito de cor” não só existia, como era manifestado cotidianamente, contribuindo para a preservação da ordem escravocrata. Os negros eram alvo da discriminação racial e levavam desvantagem na estrutura socioeconômica em relação aos brancos, o que limitava suas chances de mobilidade social. Uma vez que as condições de existência material mantiveram-se relativamente estáveis desde o período da escravidão, a “população de cor” viu-se impedida de ascender na escala social em grande número. [...] houve tentativas de reagir a essa situação. A criação de “sociedades bailantes” é um exemplo disso. Antes mesmo do desfecho da escravidão, os negros tinham as suas “sociedades dançantes e beneficentes”. Com a abolição, elas se reorganizaram e adquiriram um novo caráter. Algumas foram extintas e outras foram criadas. Como as condições de vida socioeconômica do grupo negro não melhoraram, não houve recursos para que essas sociedades pudessem manter-se. Por isso, seus efeitos, em termos de uma possível redefinição da imagem do negro, “não puderam fazer-se sentir de modo mais profundo”.⁷

Portanto, entendemos que a experiência de ser um homem de cor no período que compreende a Primeira República, tornou-se uma extensão da luta abolicionista, porém

⁶ A concepção teórica acerca do “fardo do homem branco” surge através do poema publicado em 1899 por Rudyard Kipling, em que ele versa sobre a carga do homem branco em levar civilidade aos povos não-brancos, em especial, as populações africanas. A partir disso surgem diversos estudos que esmiuçam a fundo a prática colonial que segue essa ideia como regra para justificar o etnocídio e demais agressões à esses povos. Para entender mais: DIAS, Maria Odila da Silva. 1974. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 298 p.

⁷ DOMINGUES, Petrônio. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 118-139, jul./dez. 2011. p. 120

empreendida sob novos moldes. Enquanto a resistência escrava é entendida através da fuga, de meios de obter a carta de alforria e demais manifestações socioculturais, nos anos posteriores à abolição da escravidão ela se manifesta através da luta pelo exercício da cidadania e inclusão dessa população no que se moldava a identidade nacional.

O abandono institucional e bem executado pela hegemonia brasileira a partir de ideologias eficaz e dominantes segregacionistas, como as teorias racialistas e eugenia se colocam nas páginas d'*O Clarim no Alvorada* em diversos momentos, como o retratado anteriormente, demonstrando que essa reflexão existia no meio negro, evidenciando a não passividade desse grupo quanto à marginalização de seu povo. Quando o autor diz que nenhum coração teve misericórdia do negro, ele indica como a pátria se voltou contra a população negra, destacando como esse abandono anteriormente justificado por instituições religiosas e políticas, mesmo que desmentidos, segue no imaginário popular. Assim, mostrando-se em sua essência contra-hegemônico.⁸

Williams quando discorre sobre um cultura emergente, é sobre esse processo que disserta, a fim de elucidar como um grupo dominado se articula através de palavras e ações, e o texto assinado por Prado materializa essas considerações ao denunciar e nomear a nação como aquela que não teve misericórdia dos homens de cor. Logo, sendo um sujeito atuante no que entende-se como movimento militante que vai em confronto à ideologia predominante da época.

Ademais, tratando agora sobre outro aspecto já versado na presente pesquisa, é necessário destacar que para além das organizações no âmbito da imprensa e literatura, *O Clarim da Alvorada* também tem sua parcela de importância quando voltamos o olhar para as associações dos homens de cor. E conforme o grifo na citação de Domingues, os bailes e associações beneficentes são um exemplo de reação da comunidade negra à segregação que sofriam cotidianamente. Sendo entendidas enquanto uma forma ativa de se colocar na sociedade através de moldes do que se entendia como civilizadores, incorpora para si, modo de existência da branquitude enquanto forma de serem lidos como aptos a se integrarem no plano nacional.

Ainda que sob uma perspectiva que a primeira vista seja incongruente enquanto movimento de luta por não romper em absoluto com o padrão hegemônico, é preciso destacar que mostra certa avidez dessa comunidade, pois é através dessas ações que eles buscam romper com o status quo ao qual foram submetidos. Além disso, não é uma ação passível de questionamentos sob o olhar da contemporaneidade, visto que esse grupo utilizava dos

⁸ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

mecanismos possíveis a sua volta para reagirem a esse sistema de forma ativa.

Quanto à essas formas de sociabilização, conforme já destacamos como meios de amadurecimento das ideias do jornal, percebidos através da rede de contatos nacionais e internacionais, *O Clarim da Alvorada* em sua terceira fase se ambienta em um espaço de luta e militância ainda maior, no qual os bailes e demais associações mudam o tom e se tornam cada vez menos dançantes e mais políticos. É de suma importância destacar que os momentos de descontração se mantinham e devem ser lidos como uma forma de expressão da resistência negra, tendo em vista o valor da vida social desses sujeitos, entretanto, vemos um movimento de politização ativa desses territórios negros através de ações coletivas de conscientização racial.

Outro seguimento que se desenvolve a partir da prospeção de um negro moderno são as contribuições de Marcus Garvey no jornal. Conforme foi apontado na seção anterior, o contato dos negros militantes brasileiros com ideias de racialidade internacional foram fundamentais para a estruturação de uma ideologia nacional sobre a raça, através de percepções modernas de organização militante, além de contribuir na ideia da formação de uma racialidade conjunta com esses outros grupos.

Nesse sentido, o artigo publicado na edição de julho de 1931 e assinado por Andronicus Jacob versa sobre as suas percepções sobre a soberania política da Abissínia, já lida como Etiópia na década de 30. No texto, o autor discorre sobre como os negros dos EUA já se emanciparam e conseguem atuar de forma direta no engrandecimento da nação, bem como aquele voltado para a riqueza pessoal. Além disso, destaca um ponto importante da relação desses intelectuais com as potências europeias, que conforme assinala Francisco em seu trabalho, os ingleses são considerados os grandes vilões da colonização africana, diferente do que acontece com os franceses, que mesmo que “sob observação”, conseguem manter uma boa relação com esses intelectuais.⁹

Entretanto, no artigo publicado, seguindo com a ideia de emancipação negra ao redor do mundo, o articulista destaca sua preocupação com o avanço europeu sobre a Etiópia, de modo a alertar os leitores do Mundo Negro da ameaça até mesmo da França travestida de “amiga da raça” através da Liga das Nações. Isso, pois, ele aponta que as relações comerciais com países europeus podem ameaçar a liberdade e autonomia dessas nações, como é o caso da Libéria. Assim, a concepção apresentada aos leitores brasileiros d’*O Clarim da Alvorada* sobre

⁹ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, p. 159.

soberania política e autonomia da raça vinham desse contato internacional, que também alerta sobre as “astúcias do homem branco”.

Isso pode colaborar no entendimento de que os militantes nacionais bebiam de distintas fontes de pensamento e ideologia, mas que traduziam isso para um único viés: de emancipação dos negros, a sua valorização na pátria e primordialmente a sua evolução. Nesse sentido, a idealização da raça construída sob viés de diversas ideologias do jornal, tem como umas das principais bases a ideia de um negro moderno, aquele apto a viver num mundo que se globaliza em níveis vertiginosos, bem como a própria capital paulista que se moderniza de uma forma ainda desconhecida por seus moradores.

Nesse sentido, que podemos interpolar com os pensamentos acerca do tempo de Benjamin. Como já utilizado anteriormente na pesquisa, a noção de tempo se altera mediante “o ocorrido” e “o agora”, assim, tecendo uma imagem dialética específica para cada circunstância. Nesse caso, “o ocorrido” se traduz pelas mazelas da escravidão, em especial, o abandono que o negro sentiu até no pós-abolição, e “o agora” é percebido pelo horizonte de futuro que se anseia para a população negra. Ocorre como uma fusão de um passado em especial – onde o negro não encontrou misericórdia em nenhum coração – e de um presente singular e idealizado – a forma como o jornal abraça a experiência de soberania da Etiópia – em prol da sua prospeção do futuro, em que a planificação de uma comunidade imaginada¹⁰ negra, brasileira e autônoma se forme.

Em um dos vários textos da edição comemorativa do 13 de maio de 1932 e também a última do jornal, que foi publicado sem autoria, sintetiza o que foi apresentado anteriormente:

A Raça Negra que eternizou o símbolo da renúncia e deu na penitência do seu calvário, o mais dignificante exemplo de resistência, na construção desta pátria: saberá na coadjuvação dessa mesma grandeza, fortalecer a vanguarda dum povo brasileiro, aproveitando as suas energias, num trabalho que urge estabelecer no sentido da sua elevação moral e material.¹¹

No texto, a rememoração é o artifício utilizado como meio de promover a “elevação moral e material”. Assim, compreendendo o passado e o processo de rememoração enquanto primordiais para qualquer processo histórico, essencialmente aqueles que são resultados de um embate entre o grupo dominante e o dominado, como é o caso, a busca constante do passado indica o esforço da comunidade negra paulistana e militante d’*O Clarim da Alvorada* em articular as suas ações no tempo presente, além de definir sobre a expressão da racialidade o

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

¹¹ *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 13 mai. 1932, p.

limiar nos usos do tempo histórico.

Assim, contrariamente a noção que todo sujeito brasileiro tem sobre tempo histórico que situa o passado sob o olhar para trás, *O Clarim da Alvorada*, mesmo projetando um futuro onde o negro é incorporado a nação e que haja prosperidade moral, econômica e política, ele situa o tempo ido à sua frente, como forma de não somente utilizar das experiências passadas como modelo do que se fazer ou mudar, mas enquanto um objeto em foco. Pensando-o através do prisma da materialidade histórica, visa nesse momento com que a memória da escravidão seja para além de um combustível para mudanças, e sim uma redenção do passado, bem como do tempo presente e futuro por intermédio das redes negrinas formadas pelo jornal, permitindo que esse movimento recupere sua herança, e por consequência, a modele com fins de organização política.¹²

No texto publicado na edição de setembro de 1931, em comemoração ao “Dia da Mãe Preta”, mais uma vez, o uso do passado é tido através da rememoração, no qual, o passado torna-se uma imagem dialética que faz sentido as demandas atuais dos homens de cor naquele momento:

Passa o dia de hoje, sem que a crença que movinta [sic] o espírito evocativo desse resto de brasilidade, indique no cumprimento do dever, uma nesga de consciência aos feitos do passado bem entendido em favor da raça negra, secularmente desprezada e espoliada.

[...]

[...] ativa em sua obra de fé idealística, os merecimentos que entre os atos reconhecidos do trabalho da raça negra no Brasil a figura amorável da mulher negra, que colocou em holocausto o seu seio farto, ao bem estar dos ‘sinhôs’ aristocratas; ela, na resistência de uma vida cruciante, ainda implora ao seu Jesus Cristo na infinita bondade, que perdoe as peraltrices da geração que ela amamentou, por estarem hoje brincando de revolução com o Brasil, que a raça negra, gratuitamente, desbravou, povoou e enriqueceu. Resta nos, no ‘DIA DA MÃE PRETA’ a suprema ventura, de possuírmos ainda a goragem [sic] de reviver em colunas, essa dívida que o Brasil tem que pagar...¹³

O trecho permite entender que *O Clarim da Alvorada*, nesse instante, reflete mais uma das suas várias janelas luminosas de uma constelação de imagens dialéticas, ou seja, ele desperta no tempo-de-agora a memória do passado para contribuir na sua interpretação do presente e através disso, concede forma e sentido as demandas atuais.

Além disso, o movimento contra-hegemônico ganha força no artigo, quando diferente do que era a ideologia dominante de culpabilizar o próprio negro pela sua conjuntura atual, aqui o autor se distancia dessa perspectiva. Ele, na verdade, denuncia aqueles que foram

¹² BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006. p. 434.

¹³ “O dia da Mãe Preta”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 28 set. 1931, p. 01.

amamentados pela Mãe Preta por ficarem “brincando de revolução” – seria uma ofensiva aos grupos aliados à Getúlio Vargas que implementou seu regime em 1930, ou se refere as movimentações paulistanas revolucionárias que desencadeou na revolução constitucionalista de 1932? – ao invés de voltarem os olhos para os homens de cor e suas demandas sociais, econômicas e políticas.

Aqui, o autor assim como já era percebido desde a mudança de fases, em que a estrutura de sentimentos solidifica ainda mais a cultura alternativa do jornal, aponta a sua concepção de raça, que ultrapassa os limites da ideologia dominante e hegemônica, que é a responsável por responsabilizar os vícios e demais comportamentos dos negros no pós-abolição como justificativa da sua marginalização, acarretando, assim, em uma formulação de raça universal a todos os negros. Por esse caminho, prospectando a almejada elevação para além da educação e moralização branca do comportamento, mas sim apontando o verdadeiro agente para tal, aqui entendido como os que fingem ser revolucionários, logo, a parcela dominante e branca do país.

Quando o limiar do tempo recorda a experiência dos negros cativos responsáveis pelo enriquecimento do Brasil e como seus descendentes vivem à penumbra do Estado, *O Clarim da Alvorada*, deixa de ler o negro não letrado como a razão pelo atraso, mas sim como parte de algo maior e sistêmico. Portanto, ajusta a negritude em um nível elevado de existência, criando um senso de raça mais lapidado, tornando possível pensar em uma etnicidade em comum a esses grupos, ou seja, “a contribuição particular da etnicidade para esta mobilização política é fornecer um idioma que favoreça a solidariedade de grupos e que de uma certa medida dissimule os interesses específicos comuns pelos quais a luta é conduzida”.¹⁴

À vista disso que, nesse momento, a forma mais significativa que *O Clarim da Alvorada* consegue traduzir a sua intenção de ser um órgão de combate é: ainda que sob a ideologia dominante, ele consegue se articular e se comunicar entre os seus de forma ativa e contra hegemônica, logo, em uma esfera cultural alternativa aquela que é vigente. Entendemos ainda que nesse momento, fatores desmoralizantes como o vício ou vagabundagem continuam sendo repreendidos e interpretados parcialmente como causadores da situação, mas o diferencial é que agora não é o único fator. Outro destaque é que esses homens mesmo vivendo sob uma ótica militante e nesse período mais esclarecedora, continua sob égide do progresso, no qual, não obstante em almejar a elevação moral, também espera que por meio da malsinação acerca da herança dos feitos do negro para o país, ele seja incorporado na sociedade brasileira moderna

¹⁴ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 96.

de forma plena, pois assim, é entendido legítimo os esforços dos antepassados, assim como os daqueles que lhe são contemporâneos.

Outro texto em que essas percepções são aparentes, foi publicado na edição de setembro de 1931, chamado “A legenda do século”:

Estamos empenhados numa luta tão grande e nobre que mal sentimos a penúria que nos cerca.
Estamos de braços estendidos à procura de quem queira entrelaçar conosco as suas penas.
Cada negro que sofre isolado está agrilhado, apanha e morre na obscuridade. Os nossos grilhões já foram partidos, o nosso cerco está descongestionado e por isto que estamos chegando entusiasmados, amparando a legenda do século CORAGEM.
O nosso trabalho é insano para desferrujar essa indecorosa demagogia, que solapa o espírito dos negros capacitados
A nossa obra é uma obra de sacrifícios, e sem o aparato das vaidades terrenas, materialmente estamos subjugados, mas espiritualmente, temos a consciência de um grande dever cumprido. Estamos chegados na finalidade de vinte mil anos de atividade e nos só podemos apresentar como uma raça, o superesforço de servilismo. CORAGEM negros, um dia mais um dia menos, havemos de vencer.¹⁵

No trecho, o articulista se propõe a versar sobre o esforço do negro brasileiro em resistir continuamente, frisando essa obra como motivo de orgulho para a sua comunidade. Ele destaca que o movimento ao qual faz parte, soa tão maior que nem se percebe a sua vastidão e alcance. Outro ponto a se destacar é sobre como o autor fala daquele negro que sofre no ermo dos seus, pois, “cada negro que sofre isolado está agrilhado, apanha e morre na obscuridade”, salientando, portanto, como que a rede negra ao redor, a experiência em comunidade nos territórios negros é capaz de oferecer o auxílio necessário para a tão expressiva “coragem” em destaque no texto para o avanço da raça.

É necessário destacar que o texto é percebido pelo híbrido em recorrer ao passado como forma de legitimar a cidadania plena ao negro no Brasil, mas também se alinha à alguns valores e pensamentos da elite dominante e hegemônica, como por exemplo quando fala sobre “a nossa obra é uma obra de sacrifícios” e também “sem o aparato das vaidades terrenas, materialmente estamos subjugados”. Ele aqui mesmo não culpabilizando diretamente o negro, ainda considera importante que haja um sacrifício da sua parte, tendo em vistas o despojar-se das vaidades terrenas, entendidas aqui como todos aqueles fatores atrelados a visão estereotipada do negro preguiçoso e alcoólatra do pós-abolição. Ao versar sobre o servilismo é mais uma forma de apreender o tempo-de-agora sob a cadência do passado, no qual, o servir é tido como todo o afinco em laborar para famílias brancas, ao país e não receber a devida legitimidade na cidadania e outros elementos que a população negra reivindica.

¹⁵ “A legenda do século”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 28 set. 1931, p. 01.

Portanto, constata-se que *O Clarim da Alvorada* em seus últimos anos de circulação manteve-se em um processo de desenvolvimento quanto ao seu segmento ideológico, estando agora com um posicionamento mais claro do que nos primeiros de circulação em que o jornal ainda se formava enquanto um órgão de combate.

Nesse contexto, as demandas e agenda política dos integrantes do jornal que se multiplicavam nesse momento, através de novos grupos e organizações, como por exemplo a Frente Negra Brasileira, são traduzidas por toda essa conjuntura ideológica alternativa ao que pregava a cultura dominante e hegemônica, sendo assim, tornando o final da segunda fase do periódico, um espaço para além da definição anterior de um fórum de ideias, mas sim um território negro fértil e plural que se desvencilha dos grilhões da branquitude, a fim de promover um movimento social em forma de ativismo negro na imprensa, denunciando que esses sujeitos trilhavam uma trajetória não conformista ao que lhes eram concedido, e se utilizavam dos limiares do tempo, imagens dialéticas e das formas como esse passado reverbera no presente, bem como na construção da raça para construir um novo alvorecer no campo de luta por direitos.

4.2 – Literatura política: sobre os versos d’O Clarim e suas significações no campo de estudo da história

A literatura enquanto uma forma de apreender sobre uma comunidade é uma das bases para os estudos historiográficos, isso porque através dela é possível elucidar as questões tão presentes na realidade daqueles que a produzem, divulgam e consomem, isso porque, é tida enquanto um agente ativo da sociedade, pois ao esmiuçar seus feitos é possível perceber além das grandes vozes, mas também os anseios e percepções de mundo de sujeitos anônimos que participam ativamente dos processos históricos aos quais se inserem.

Nesse sentido, busco aqui brevemente versar sobre alguns fatores primordiais que circulam a publicação de textos ficcionais nas páginas d’*O Clarim da Alvorada*, pois considerando que ele se declara a princípio enquanto um órgão literário, urge a necessidade de voltar os olhos para o que esses textos têm a dizer.

Uma das principais formas que os textos literários aparecem no jornal é através de poesias e contos, alguns anônimos, outros assinados por homens e mulheres de cor, cujos nomes permanecem até os dias atuais sem estudos, já outros que são considerados grandes escritores de seu tempo, a exemplo de Deocleciano Nascimento, Lino Pinto Guedes, ou propriamente Jayme de Aguiar e José Correia Leite.

Assim, na edição de junho de 1924, foi publicado o soneto de Cyro Costa, chamado “Pai

João”,

Do taquaral à sombra, em solitária fuma,
(Para onde, com tristeza o olhar ansioso, alongo)
Sonha o negro, talvez, na solidão noturna,
Com os límpidos areais das solidões do Congo;

Ouve-lhe a noite a voz plangente e taciturna,
Num magoado suspiro entre coberto e longo,
E o ronco, surdo som, zumbindo na cafurna,
É o urucungo, a gemer, na cadência do jongo.

Bendito seja tu, a quem certo, devemos
A grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Se feliz! E que eu fique de joelhos,
Sob o fulgido céu, a lembrar, magoado,
Que os frutos do café são os glóbulos vermelhos
Do sangue que correu do negro escravizado.¹⁶

No soneto, o autor versa sobre um negro cuja tristeza é percebida no olhar, que antes de dormir, pensa e mistifica sobre seu lugar de origem, o Congo.¹⁷ Ele continua falando sobre esse sentimento vivido através de memórias e experiências sensoriais, mais especificamente, “o ronco, surdo som, zumbindo na cafurna / É o urucungo, a gemer, na cadência do jongo”, no trecho, a rememoração, entendida como o instante em que o passado se encontra no agora, é percebida através de um dos pilares da teoria benjaminiana, que é a herança. A memória vivida pelo homem descrito na poesia, que vem através do som, o faz recordar de uma vida, um lugar onde não habitou, mas que faz parte da sua trajetória através da sua ancestralidade, logo,

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.¹⁸

Nesse contexto, a memória é herdada através de um senso de pertencimento à uma ancestralidade em comum com aqueles que habitam o Congo, e assim como ocorre com os negros emancipados, tal e qual com os negros africanos, a expressão de si por via da música, e no caso em específico, do jongo, é o elo em comum a esses grupos, o que o leva a se conectar-se com um passado compartilhado com os negros escravizados que vieram antes dele próprio. Assim, a memória torna-se irremediavelmente um fenômeno construído,¹⁹ em que, sobretudo no caso do soneto é evocada através de um processo rememoração com fins de constituir uma

¹⁶ COSTA, Cyro. “Pai João”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo, 22 jun. 1924, p. 01.

¹⁷ Aqui novamente entendemos a referência de Congo não como um Estado nação independente, mas sim como um lugar imaginado de ancestralidade, tendo em mente as referências do Reino do Congo no imaginário social desses homens negros que versam sobre esse território.

¹⁸ POLLACK, Michael, Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 204.

¹⁹ Ibidem.

vinculação com o passado, com os negros escravizados e precipuamente com os homens de cor com quem convive. Ou seja, como assinala Pollack,

Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.²⁰

Portanto, o soneto evoca o senso de coletividade ao grupo ao qual versa, logo, a comunidade negra paulista que produz e consome *O Clarim da Alvorada*, mas não somente, pois ao abordar a música tradicional afro-brasileira, ele não se limita a esse seletivo grupo de cidadãos paulistas, mas também incorpora nos seus versos aqueles negros não letrados, evidenciando, mais uma vez, como a raça une esses dois grupos separados sob a égide dominante, e por consequência, concebendo uma etnicidade em comum²¹ a população negra paulistana independente de normas ideológicas estruturadas como um mecanismo de desassociar a negritude desse grupo, e assim, tornando-se contra hegemônico.

O soneto termina versando: “Sob o fulgido céu, a relembrar, magoado / Que os frutos do café são os glóbulos vermelhos / Do sangue que escorreu do negro escravizado”, no qual conforme já analisado por Francilene Tavares, a cor vermelha do café em destaque, é uma analogia ao sangue também vermelho daqueles homens negros que o produziram.²² O uso dessa figura de linguagem, serve como em outros momentos já retratados no jornal, assimilar o papel desempenhado pelos negros escravizados como primordiais para a constituição da pátria, e em função disso, reivindicar o espaço do negro na sociedade.

Em outros momentos, essa articulação é um dos indícios dos articulistas d’*O Clarim da Alvorada* em integrar-se ao ideal de cidadão brasileiro, que se forma naquele momento e mostra-se que mesmo em circunstâncias contra hegemônicas, entendidas pela defesa do importante papel desempenhado pela população afro-brasileira, ainda assim, incorpora aspectos da ideologia dominante, pois o reconhecimento está atrelado ao ideal nacionalista projetado

²⁰ Ibidem.

²¹ “A etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas. Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders*” (SCHILDKROUT apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 124)

²² TAVARES, Francilene de Souza. *Imprensa negra e ensino de história: o debate sobre a questão racial na primeira república*. Guarulhos, 2021, 289 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021, p. 121.

pela elite nacional. Ou seja, conforme já apontado, esse pensamento está intimamente relacionado ao cânone progressista, que por si só é uma catástrofe, segundo Benjamin, e à vista disso, encontramos um ponto em que a comunidade negra paulistana segue refém da branquitude, pois ao finalizar o soneto recorrendo as memórias do trabalho dos escravizados como primordiais para a formação do Brasil, o que ocorre efetivamente é diluição das heranças africanas. Logo, do tempo passado de resistência, tratando esse período histórico como um degrau da longa escada idealizada para a agregação da população negra à identidade nacional.

Ora, é claro que tais colocações não visam desmoralizar a atuação militante encontrada em todo o jornal, e em especial no soneto, pois seria anacrônico cobrar um posicionamento integralmente contra hegemônico desses sujeitos, tendo em mente que as suas fontes ideológicas não se restringem aquelas que sejam opositoras, mas também tem em si, as influências dominantes, a considerar os espaços de convivência e demais meios em que essa mentalidade chega até eles. O que vale aqui, é destacar que: mesmo rodeados de um pensamento segregacionista, racista e demasiadamente hegemônico, os articulistas d'*O Clarim da Alvorada*, conseguiram moldar mecanismos de luta e resistência capazes de formar uma estrutura de sentimentos apta a articular memórias e a herança da escravidão no tempo-de-agora, a fim de obter cidadania e propor um futuro de progresso e liberdade plena para a população negra emancipada.

A partir de outro lado das poesias publicadas no jornal, temos as dinâmicas de gênero, que foram atravessadas por poesias diversas. No primeiro instante, pretendo tratar aqui sobre afetividade e família sob o olhar das mulheres negras que colaboraram com suas publicações. Sendo assim, na edição de fevereiro de 1924 temos o soneto assinado por Lourdes, chamado Amor eterno:

Amo-te muito, e, no entanto não descubro
Como posso por ti eu ser amada...
Se luto contra o fado mal e rubro.
Vejo que apenas sou mais desgraçada.

Imenso e suave como o luar de Outubro.
E este amor tão eterno e acrisolado,
Que no íntimo do peito ainda encubro.
Para te dar, e vê-lo desprezado!

Que tristeza profunda, que tristeza.
Não compreenderes nunca de minh'alma.
A infinita bondade – a ideal grandeza.

Este amor é tão grande, eterno e puro
Que embora viva nesta angústia encalma

Não morrerá nem mesmo no sepulcro!²³

No soneto, Lourdes, uma escritora assídua da primeira fase do jornal, alude sobre um amor “grande, eterno e puro” que sente, porém que não é correspondido pelo seu amado. Ao logo dos versos ela lamenta não saber o que fazer para conquistar o afeto do seu homem de desejo, lastima por ser desprezada, além de se perceber no mundo como “apenas mais uma desgraçada”. Ela termina falando que nem mesmo a morte a fará superar esse sentimento que lhe é tão vivido.

O soneto, assim como vários textos, aborda o amor e a afetividade na vida da comunidade negra, sendo assinado tanto por mulheres quanto por homens. Porém, no que tange o primeiro grupo, é o cerne dos seus textos publicados, incluindo na breve seção feminina que durou pouco menos de um ano e foi, em grande parte, utilizada para homens escreverem sobre mulheres.²⁴ À vista disso, voltemos o olhar para outra publicação que tem como o centro apresentar o amor.

O conto em questão assinado por Dirce e intitulado “O amor” aborda a jornada de uma jovem em busca do amor, encontrando ao longo de sua caminhada com sujeitos variados em busca de uma orientação. A primeira pessoa descrita no conto é uma senhora que, ao ser perguntada sobre onde encontrar o amor, responde “O amor não existe filha. Volte ao ponto de onde partiste, És moça e poderá voltar. Eu fui como tu: sai a procura do amor também, agora já não posso regressar”.²⁵ A jovem, mesmo depois desse momento, decide continuar em seu caminho à procura do amor e encontra um belo jovem, bem como um padre, e ambos, assim como a primeira senhora, a desencorajam de continuar em sua busca. O primeiro diz para ela fugir, e o segundo fala sobre um amor que está nas matas, nos ninhos e nas corolas das flores. Ao final, a jovem se espeta nos espinhos que desabrocham em uma mata fechada, e termina dizendo e com as mãos cheias de sangue, que não há nada de amor para encontrar:

Um dia voltei cansada, exausta, arrastando todo o peso de uma grande mágoa.
Olhando o espelho do ribeiro, vi que entre meus cabelos brilhavam fios de prata.
Então, na minha dor exclamei: meu coração é como está ermida: não tem mais incenso, nem mirra para os dias de festas dos amo: ele guarda somente o túmulo das ilusões azuis que a velhice precoce abateu.

²³ LOURDES. “Amor eterno”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo. 03 fev. 1924, p. 01.

²⁴ A chamada seção feminina do jornal perdurou durante o ano de 1928, contando com publicações de Maria Amália Leal, Dina, Mairy, Benedita Correia Leite e Rosa d'abril, dentre outras leitoras/escritoras, Comunalmente na terceira página do periódico. Entretanto, em alguns números do jornal, a seção não conta com nenhuma publicação, alegando o não recebimento de cartas, e assim, na maioria dos casos ocorre a publicação de textos, crônicas, poesias e sonetos assinados por homens, que versam sobre família, amor, e outros assuntos que assimilem se relacionar com a feminilidade.

²⁵ DIRCE, “O amor”. *O clarim da alvorada*. São Paulo. 12 out. 1924, p. 02.

E o amor para mim havia desaparecido ...²⁶

Aqui, a desilusão sobre o amor aparece de outra forma, não é algo direcionado a um alguém em especial, trata-se mais de uma jornada pessoal e individual em relação a esse sonhado sentimento que o eu lírico do conto busca conhecer e sentir. bell hooks quando discorre sobre amor em um dos seus diversos trabalhos, aborda como a experiência do sentir e amar é diferente para pessoas negras, resultado de anos de escravidão e sufocamento desse sentimento.²⁷ Ainda que hooks parta de uma realidade norte-americana, é impossível não perceber as semelhanças dos seus apontamentos para com a realidade brasileira. Sendo assim, a autora discorre sobre como as dinâmicas de poder escravocratas moldaram a noção e o senso de sentir da população negra, isso porque vivendo em uma sociedade violenta, essa população entendia o amor como vulnerabilidade, e, por isso, os momentos em que laços de solidariedade – que recaem no sentir – são entendidos como territórios negros no trabalho, pois eles permitem uma forma de resistência negra desde o regime escravista, ou seja,

Nossas dificuldades coletivas com a arte e o ato de amar começaram a partir do contexto escravocrata. Isso não deveria nos surpreender, já que nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos; seus amantes, companheiros, amigos apanhando sem razão. Pessoas que viveram em extrema pobreza e foram obrigadas a se separar de suas famílias e comunidades, não poderiam ter saído desse contexto entendendo essa coisa que a gente chama de amor. Elas sabiam, por experiência própria, que na condição de escravas seria difícil experimentar ou manter uma relação de amor.²⁸

À vista disso, que o amor aqui faz parte de todo o estudo apresentado até então, pois ele incorpora, como assinala Williams, uma estrutura de sentimentos que surge na descoberta da liberdade desses homens e mulheres. Considerando os anos e a herança remanescente de uma vida vivida sem poder regular seus sentimentos, a população negra no pós-abolição, pôde agora, se permitir viver essas dinâmicas emocionais. Em especial, contamos com as mulheres negras, que, cercadas de ideologias raciais, convivem com o pensamento hegemônico que lhe tiram a humanidade, deixando a elas a hipersexualização e animalização da sua existência. E, por assim dizer, elas - assim como os homens letrados da Paulicéia - buscavam se enquadrar nos padrões de comportamento, família e relações brancas, logo, o sentir e a feminilidade nesse contexto estão intimamente relacionados com a vontade de pertencimento dessas mulheres.²⁹

²⁶ Ibidem, p. 03.

²⁷ hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maria; WHITE, Evelyn (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006

²⁸ Ibidem, p. 189.

²⁹ ARAUJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 22–36, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/234>. Acesso em: 13 nov. 2024.

É claro que a forma como as mulheres negras experimentam essas novas sensações é muito mais percebida sob moldes da negritude do que apenas reprodução de padrões da parcela dominante em branca da sociedade. Percebe-se isso quando entendemos a operação de manutenção e funcionamento dos territórios negros, conceitualizados como um espaço social de solidariedade e relações interpessoais entre homens e mulheres de cor. Além disso, em especial no que tange às mulheres, elencamos o fato que desde as famílias menos abastadas até aquelas com mais acessos sociais, culturais e econômicos, a mulher é a figura de chefia, resultado do trabalho exercido por elas, bem como uma extensão do seu papel de provedora da família desde o período que remonta à escravidão.³⁰

Destaco ainda que muitas das ponderações sobre o tema se restringem à definição e análise das redes de sociabilidade da chamada “plebe negra”, e conforme já dito anteriormente, apesar disso, mesmo que de fato houvesse distinções sobre o estilo de vida entre o grupo da elite e plebe negra, não é ainda passível de dizer que esses dois grupos populacionais se distinguem por completo. Mesmo que a elite negra busque assimilar o comportamento da branquitude, sabemos que há uma forte presença de costumes e hábitos integralmente negros, compartilhados com a plebe negra. Portanto, mesmo que a capacidade de percepção sobre o sentir e amar seja diferente para ambos os grupos, ela se mantém na vida desses indivíduos, seja através das redes de sociabilidade e trabalho, ou por intermédio das poesias e bailes dançantes.

Além do exposto cabe destacar que textos assinados por mulheres, que já não eram muitos, caem ainda mais após a segunda fase, mesmo com a seção feminina, que nos últimos números, tem primordialmente publicações assinadas por homens falando sobre mulheres do que propriamente mulheres escrevendo. Podemos apontar isso quando na edição de junho de 1928, a segunda vez que a seção feminina aparece no jornal é publicado uma “Pequena nota” do corpo editorial dizendo:

Está página está destinada a todas senhoras ou senhoritas, que queiram colaborar, porém, sujeitando as nossas exigências, isto é, *não queremos aqui banalidades inúteis* e coisas enfadadas aos leitores inteligentes.

[...]

Podemos adiantar também, que, estamos dispostos a dar um modesto prêmio a qualquer senhora que nos enviar um trabalho mais ou menos sólido, sobre a Mão Preta, ou a questão da mulher na lítica militante”³¹

No informativo, o corpo editorial deixa muito evidente quais textos que pretende aceitar

³⁰ AQUINO, Ingrid Andressa Neles de. *Mulheres negras que não podem passar em branco: trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de “O Clarim da Alvorada” (1924-1940)*. 2020. 158 p. Dissertação (mestrado em história). Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. p. 48.

³¹ “Pequena nota”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo. 03 jun. 1928, p. 03. (grifo nosso)

na sua seção, e é claro que isso poderia passar batido, sendo entendido à primeira vista somente como uma forma de limitar os temas a serem publicados, porém entendendo o objeto de estudo a contrapelo, percebemos que esse é um movimento que busca direcionar as possíveis publicações para o campo da militância, além de denominar como *banalidades inúteis* quaisquer temas relacionados às múltiplas experiências e atravessamentos que cercam a mulheridade negra. Logo, o corpo editorial, composto exclusivamente por homens, busca nesse momento definir sobre quais temas as mulheres negras podem versar, ignorando que temas do cotidiano, tais como aqueles publicados em edições anteriores, como se esse formato textual não apresentasse teor crítico e/ou político.

Nesse sentido, percebemos como o jornal busca se afastar de temas que não sejam alinhados ao que consideram favoráveis à luta militante da população negra, e assim, se desvencilhar de assuntos tão comuns na literatura, como amor, amizades, memórias, família e outros. Ou seja, para *O Clarim da Alvorada*, esses temas não poderiam ser um interlocutor acerca das formas de vida da população negra, percebendo a política somente sob o prisma da militância, como é o caso de quando se referem à Mãe Preta.

Sabemos que o campo literário nacional passava por uma fase de ressignificações e mudanças, pautadas na ideia de uma nova brasilidade, e podemos entender a posição d'*O Clarim da Alvorada* alinhada a isso, no qual se utiliza da literatura para reforçar suas aspirações raciais, de memória à Mãe Preta, homenagens aos abolicionistas, ou demais formas ficcionais de tratar da luta pela cidadania negra. Portanto, para o jornal, a literatura assume um papel importante para a política, pois ela canaliza para além dos textos argumentativos, os anseios, inquietações e reivindicações da população à qual ela parte.

É claro que, ao optar por selecionar somente textos que tangem reflexões diretas com a raça, e ignorar as variadas formas em que a literatura assume ser política, como os textos abordados aqui anteriormente, *O Clarim da Alvorada*, caminha para uma ideia de que a arte tem que servir à luta militante, não a entendendo como uma forma de resistência própria, que se modula através das demandas do meio social que surge, ou seja,

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para

produzir uma ilusão de real.³²

Sendo assim, entendemos que, primordialmente na segunda fase, *O Clarim da Alvorada*, apreende a literatura como uma parte daquilo que pretende ser um órgão de combate, no qual textos que fujam dessa fórmula são compreendidos como *banalidades inúteis*. Essa percepção surge da necessidade que esses sujeitos tinham de se levar a sério, e rodeados de uma literatura nacional e demais movimentos artísticos que debatem a brasilidade, eles tentam se desvencilhar de quaisquer ramificações que não se voltem para a ideia de luta militante, ainda mais porque, naquele momento, a noção que esses variados poemas, contos e outros textos ficcionais também produzem um teor político e de luta não estava ao alcance do corpo editorial do jornal.

Por fim, o texto informativo do jornal anuncia sobre um prêmio que pretende oferecer à escritora que contribuir no seu projeto com um texto que se relacione ao carro-chefe de articulação daquele grupo: a Mãe Preta. Entretanto, nas próximas duas edições é dito que não houve nenhum recebimento de textos que versassem sobre isso, e, por isso o concurso estaria cancelado. Após esse momento, todos os textos publicados nas poucas edições em que a seção feminina ainda vingava, eram assinados por homens.

Isso nos faz pensar sobre como, ao tentar mover a produção literária feminina para o caminho que acredita ser o correto, o jornal recebe como resposta a ausência de envios. Aqueles textos que já haviam sido publicados tinham outras razões para serem escrever, e diante das limitações impostas pelo *Clarim da Alvorada*, tornou-se mais fácil renunciar à possibilidade de ter seu texto publicado em um jornal da comunidade, do que versar sobre algo que não lhes cabia naquele momento.

Tendo em mente essas considerações quanto a forma d'*O Clarim da Alvorada* compreender a literatura, cabe agora ressaltar os meios em que ela aparece no jornal como uma aliada ao projeto civilizador que rege as normas de combate do jornal. Assim, a literatura, conforme o assinalado, era utilizada pelo jornal como uma extensão do movimento de luta racial articulado pelo corpo editorial, na qual atuava para reafirmar os seus valores, memórias e prospecções de futuro, com o fim de corroborar o ideário de integração racial e reconhecimento da raça no plano nacional.

Dessa forma, temos grandes nomes da literatura negra paulista que escreveram para *O Clarim da Alvorada*, dentre eles, Deocleciano Nascimento, um ilustre literato de sua época, que foi definido como um dos nomes mais evidentes da intelectualidade negra. Sua participação

³² BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 23 nov. 2024.

n’*O Clarim da Alvorada* não estava associada ao projeto militante ao qual o jornal se adequava, mas sim, assinava sonetos que versam sobre o amor e suas variáveis, como o poema publicado na edição de julho de 1926:

Boa Iracema, meu mor de outrora...
Não é verdade?... nunca te falei
Que te adorava, mas te falo agora,
Neste soneto que pra ti forjei

Diem que n’arte de falar sou rei
E que no verso, meu talento aflora
Dizem..., mas creio que nunca inspirei
Uns versos lindos como a cor da aurora

Agora sim, talvez, cara Iracema,
Do teu sorriso tecerei a esteira
De um almejado e divinal poema,

Eu vou colher inspiração na flor
Puricea [sic], presa na gentil roseira
Para cantar-te uma canção de amor.³³

O soneto que fala de amor, e ainda brinca sobre a fama de escritor de Deocleciano, é um dos vários do poeta em formato de soneto, um dos mais significativo e preterido na hora da escrita do início do século XX. O soneto, conforme sinalizado por Petrônio Domingues “é constituído por duas quadras e dois tercetos, ou seja, quatorze versos em geral decassílabos, que obedecem a uma rígida estrutura de rimas (abba/ abba/ cde/ cde e variações) e métrica.”³⁴ Assim sendo, é uma forma de escrita ficcional cuja regras do campo da literatura e letras são bem estipuladas e, por consequência, torna-se um poema cuja estrutura é difícil de reproduzir. Dessa forma, faz com que o escritor que busque ascender no meio literário através de sonetos, como é o caso de Nascimento, tenha um reconhecimento mais evidente mediante o nível de dificuldade de sua escrita.

Deocleciano entendia isso, ainda mais sendo um homem negro, e por assim dizer, através do soneto e suas regras de métrica e de estrutura, o poeta, bem como tantos outros que também estruturavam suas poesias sob o mesmo molde, ou seja, “dominar os preceitos estéticos e formais da literatura era “mostrar ao mundo” a sagacidade, o talento e a capacidade intelectual do negro brasileiro, e assim colocar em xeque as ideias racistas que preconizam o contrário”.³⁵

Assim como a educação, abordada em tantos outros textos no trabalho, que visa abordar a evolução da raça, a literatura aqui assume o mesmo papel, em que no tempo-de-agora ela é

³³ NASCIEMENTO, Deocleciano. “Promessa...”. *O Clarim da Alvorada*, São Paulo. 24 jul. 1926, p. 03.

³⁴ DOMINGUES, Petrônio; REIS, Ruan Levy Andrade. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 32, p. 148–170, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/169992>. Acesso em: 22 out. 2024, p.15.

³⁵ *Ibidem*, p. 154.

entendida como uma das justificativas para o projeto de integração do negro na sociedade, além de abrigar a reflexão sobre a importância do homem de cor na história do país. Mas, diferente do processo de rememoração presente nos artigos argumentativos, aqui, ela se dá puramente pela estrutura de sentimentos. A arte encontra no plano da cultura alternativa um espaço de manifestação emergente, ou seja, a estrutura de sentimentos nesse contexto é percebida como uma declaração da inteligência, sabedoria e sensibilidade do negro – aspectos esses comumente negados pela ideologia dominante, logo,

As “estruturas de sentimento” não têm que ter uma forma sócio-política explícita nem estão submetidas às redes burocráticas. São indefinidas e difusas, por isso mesmo, capazes de “driblar” a hegemonia. Eis que sentimentos são reais. Talvez, os artistas, como “antenas” possam expressá-los melhor em suas obras, que não se descolam de suas trajetórias e das de seus grupos; mas há “artistas” em todos nós, há potência desestabilizadora e criativa, há capacidade de se impressionar, sentir, perceber não como ato individual, mas como convivência.³⁶

A poesia de Deocleciano Nascimento está para *O Clarim da Alvorada* como parte do ideário de combate pelos homens de cor, que, através da qualidade dos seus versos, estimula os leitores a perceberem a raça sob o prisma da evolução, tal qual é percebido quando comparado com as outras raças. A poesia em sonetos seria um atestado da evolução moral do homem de cor, uma forma de prestigiar a memória dos antepassados, bem como fortalecer os laços identitários no tempo-de-agora, e com isso “desenvolver seu senso de solidariedade, dignidade e orgulho racial, além de ‘evoluir’ e ‘progredir’ cada vez mais na vida, rumo à conquista da sua inserção à comunidade nacional, com direito a reconhecimento e representatividade.”³⁷

Em outro poema assinado também por Deocleciano Nascimento, vemos como a memória é articulada de forma política para além do formato e estrutura em soneto, no qual, assim como em textos argumentativos, a rememoração é um dos artifícios usados para a luta dos homens de cor:

No céu mimoso raiará
O dia Treze de Maio
Em oitenta e oito, para
Receber o novo raio.
Do sol, em brilho moderno.
A iluminar muita gente.
Saindo do negro inferno,
Do cativeiro indecente.

Os mimosos passarinhos,
Madrugaram nesse dia

³⁶ MIGLIEVICH, Adelia. Sobre “estruturas de sentimentos” e contra-hegemonia em Raymond Williams. *Labemus, Blog do Laboratório de estudos de teoria e mudança social*, 28 set. 2016. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2016/09/28/sobre-estruturas-de-sentimentos-e-contra-hegemonia-em-raymond-williams/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

³⁷ DOMINGUES, Petrônio, REIS, Ruan Levy Andrade. op cit. p. 157.

E da borda de seus ninhos,
Em combinada harmonia.
Um hino ameno e gentil,
Cantaram muito bonito,
Expulsando do Brasil,
O cativo maldito.

Pisara então no terreno.
Que a leda fraternidade
Preparara, mui ameno.
Com cimento da Igualdade,
Aquele que outrora,
Antes de Treze de Maio.
Não tinha, da meiga aurora,
Da Liberdade um só raio.

Nada houve mais nodoso,
Esse bendito torrão.
que esse jugo horroroso.
Que chamou-se Escravidão...
- Era uma nodosa gravada
Neste fecundo Brasil,
Por uma degenerada
Ambição nefanda e vil.

O ouro fora o diadema,
Que xingou tal ambição,
Aplicada num sistema
Condenado da Razão...
Tanto que haviam mercados
De venda e compra de humanos,
Nefandamente, instalados,
Com base de eternos anos.

Ambição, famigerada,
O teu poder transformou-se
Numa montanha de nada
Fulminada pela doce
Redenção da raça,
Outrora mercadoria
De tua nefanda praça,
Que perdeu toda a valia.

Pra sufocar teu domínio,
Ao lado de Antonio Bento,
Surgiu Gama, Patrocinio,
E outros que, de momento,
Não me vem pronto a memória.
- Salve, o anjo Redentor,
Isabel!... hosanas! Gloria
À Treze de Maio! - Flor!...³⁸

No poema, publicado em uma das edições com mais páginas, promovidas pela comemoração do 13 de maio, Deocleciano rememora o raiar do sol em 1888, que simboliza uma nova luz para aqueles que saem do “negro inferno, do cativo maldito”, como forma

³⁸ NASCIMENTO, Deocleciano. “Treze de Maio”. *O Clarim da Alvorada*. São Paulo. 13 mai. 1927, p. 10.

simbólica de pensar o modo como a notícia da abolição da escravidão ecoou na vida dos homens e mulheres de cor escravizados até então. Ele continua falando na segunda estrofe sobre como o hino ressoa naquele momento simbólico na história do país, e mais uma vez ressalta o fim dos cativos, falando agora sobre como eles foram expulsos do Brasil. Também destaca palavras de luta que foram como motores naquele contexto, como fraternidade, igualdade e liberdade, e como essas palavras ganham significância única no que tange esse momento histórico, retratando as relações fraternas entre os negros, bem como o horizonte idealizado de igualdade entre as raças, obtido através de anos de luta a fim de possibilitar uma vida livre e plena para a população de cor.

Nascimento crítica também a “degenerada ambição” econômica e política que rege a escravidão, sendo ela um “jugo horroroso”. Ou seja, pondera sobre como a ideia de crescimento nacional a todo custo desencadeou na escravidão, e a percebe sob o viés da desumanização dos homens submetidos a esse regime, fazendo referência aos mercados de compra e venda de escravizados, onde homens, mulheres e crianças sequestrados do seu continente, eram comercializados como qualquer objeto para servirem até seus últimos dias a uma família escravocrata e branca. Ao longo de toda a poesia, não há uma única menção a esse fato, mesmo que haja momentos em que o negro aparece em destaque, em que a ambição surge como impulsionadora da escravidão, não existe um único verso que aponte de fato o responsável por criar e manter esse regime por tantos anos. Em fato, o único momento que há uma menção de uma pessoa branca é quando o poeta saúda a Princesa Isabel, a colocando na mesma estrofe de vários homens negro que lutaram pelo fim da escravidão, como Vasco da Gama e José do Patrocínio.

Assim como em outros momentos já analisados no jornal, isso ocorre como forma de homenagear os nomes que são entendidos como essenciais pelo fim da escravidão, além de que, através disso, evocar o sentimento de unidade entre a comunidade negra, incorporando no discurso homens de cor letrados ou não, pois entende-se nesse momento a raça como um fator igual a todos esses indivíduos, independentemente da forma como ela atravessa o seu estilo de vida. Ademais, quanto à menção da princesa Isabel e dos abolicionistas uma conjuntura de rememoração dúbia, em que a imagem da realeza está alinhada à reprodução da ideologia dominante, no qual, ao ideário hegemônico e progressista toma à frente.³⁹

Nesse momento, percebemos, conforme já assinalado anteriormente, a percepção da

³⁹ WILLIAMS, Raymond. op. cit.

catástrofe,⁴⁰ isso porque, ainda que sob formas contra hegemônicas, o movimento militante do jornal se mantém posto lado a lado de ideologias dominantes e eficaz, fazendo com que todo o esforço por emancipação se funda com a vontade de integração nacional, e assim perdendo a força, causada pela idealização do progresso da raça e da pátria, que aqui aparecem sob a égide da liberdade adquirida sob a imagem da princesa Isabel.

Portanto, nesse momento, o processo de rememoração está marcado uma sequência de imagens dialéticas que cujas bases se alternam entre dominantes e alternativas, mostrando que o movimento de militância d'*O Clarim da Alvorada* se formula a partir de manifestações ideológicas diversas, e assim, apontando que em meio a homenagens, memórias da escravidão e do seu fim, projeções de futuro e projetos educativos, o jornal busca pela “redenção da raça” no mesmo tanto que anseia a moralização do negro e a sua incorporação no projeto nacionalista que se define ao mesmo tempo. Dessa forma, os usos do tempo histórico e as nuances no que compreende a formulação de uma racialidade pelo jornal, se sustentam por intermédio desse jogo entre rememorações, ideologias e intencionalidades distintas entre si.

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. op. cit.

Considerações finais

A pesquisa que se desenvolveu ao longo dos dois anos buscou empreender as mudanças no olhar d'*O Clarim da Alvorada* sob o passado, considerando-o como um artifício de luta para justificar as suas reivindicações, bem como um motor para as suas articulações e nas organizações sociais e editoriais no tempo que lhes eram contemporâneos. Tentei ainda não deixar a literatura invisível no trabalho, buscando mesmo que brevemente apontar alguns de seus signos e formas possíveis de interpretação compreendendo as dinâmicas que havia nos bastidores do jornal.

Ao longo dos seus oito anos de publicações recorrentes, *O Clarim da Alvorada* esboçou interações e redes distintas que nutriam e eram nutridas por suas inflexões. Quanto ao fim do jornal, tema que não foi amplamente apresentado no texto, devido à grande produção acadêmica sobre o tema, destaco que mediante a tantas redes de sociabilidade, bem como ideologias distintas que atravessaram o jornal, temos a situação específica da Voz da Raça, canal de comunicação da Frente Negra Brasileira, que logo começa a se distanciar dos ideais de racialidade pensados por José Correia Leite e traduzidos nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*. Assim, seguidos de conflitos no âmbito político e social, alcançando a vida pessoal dos dois grupos, há indícios que camaradas da FNB incendiaram a sede d'*O Clarim da Alvorada*, tornando a sua produção (que já vivia com problemas devido à recursos financeiros) ainda mais difícil. Em meio a essas ocasiões, José Correia Leite chega a publicar um pasquim, chamado “A chibata” apenas como tom provocativo aos irmãos Veiga, questionando o autoritarismo e suas ponderações raciais.

Diante de todo o exposto, percebemos que *O Clarim da Alvorada* utilizou do passado para configurar legitimidade nas suas demandas sociais, bem como para projetar ideias futuras. Isso tudo ocorre para além da forma óbvia de basear o discurso através de experiências idas, pois aqui o passado toma forma ao se encontrar com o agora e gerar um cenário específico para aquela comunidade, que, por consequência concede e rearticula suas percepções e noção acerca da raça.

Assim, na primeira seção foi possível tecer mais especificamente quanto as formas de sociabilidade no espaço da comunidade negra paulistana e como todos esses fatos culminaram na existência d'*O Clarim da Alvorada*, percebendo o uso do tempo histórico aqui como primordial para a aglutinação desses homens de cor. Compreender a leitura do país quanto as teorias racializantes foi primordial, pois é essa percepção que forma a ideologia dominante e eficaz brasileira do pós-abolição, e por consequência, buscamos compreender os meios contra

hegemônicos e alternativos do jornal quanto a essa ideologia, e assim, o trabalho historiográfico desenvolvido ao longo das primeiras considerações do trabalho tornam-se primordiais para os caminhos contra a maré que *O Clarim da Alvorada* percorreu.

Já na segunda seção, através dos primeiros anos de circulação do periódico, foi possível perceber como a ideologia dominante anteriormente estudada tinha poder sob aqueles sujeitos, que já em meio a busca pela moralização da raça, tornou-se essencial o uso da memória da escravidão e de grandes nomes para causar comoção e agitação da sua comunidade, mostrando-se ainda longe de serem intitulados como uma cultura alternativa, mas já sendo adequado perceber as estruturas de sentimento sob a ótica da mudança através da educação e elevação moral, bem como as prospecções futuras em relação às próximas gerações de homens de cor.

Compreender como as estruturas de sentimentos foram se solidificando, primordialmente ao mapear as influências que tornaram isso possível foi primordial para compreender as articulações de disputa por poder dentro das publicações do jornal. Ao passo que a constatação d'*O Clarim da Alvorada* como um fórum da comunidade negra letrada, oferece a percepção que ele já nesses primeiros anos de circulação conseguiu se tornar um órgão de combate não sinalizado, pois através das redes de sociabilidade traduzidas nos territórios negros compartilhados nos bailes, nas associações, ou até mesmo nas páginas dos jornais da imprensa negra que pensava em confederações para os homens de cor, que nota-se como o corpo editorial desde já se aprimora a fim de receber ponderações diversas para diagnosticar a situação da população emancipada, bem como criar cenários futuros para ela.

Já na terceira seção, ao apontar as mudanças no corpo editorial, pensando nos novos integrantes e as novas ideias que eles trariam, bem como as organizações sociais desses grupos, que são aqui apreendidas como espaços de divulgação não somente do jornal, mas também de ideias e por fim, da influência internacional traduzidas por redes de contato negras ao redor do globo como fundamentais para a solidificação no campo das ideias para *O Clarim da Alvorada*. Por intermédio desses contatos negrinos que o jornal amadurece suas ideologias e mergulha num limiar temporal mais aguçado, em que o processo de rememoração conduz os caminhos de mudança, legitimando o anseio por cidadania e uma projeção de raça que agora vislumbra outros negros como parte do todo, deixando assim para trás categorias de negros de elite e plebe negra.

Por último, os anos finais d'*O Clarim da Alvorada*, foram publicados com muito fôlego e ânsia de mudanças efetivas na vida material dos homens de cor de São Paulo. Nesse ponto, as ideias já amadurecidas se confrontam com a realidade de culpabilização do negro e em um

limiar temporal se rearticulam as culpas e memórias de um passado escravista, cuja idealização perde espaço para a cobrança. Ou seja, nesse momento *O Clarim da Alvorada* rememora o tempo ido como uma forma de estabelecer nexos no tempo-de-agora, porém para além do que ocorria anos antes, ele concede novos sentidos à racialidade mediante uma nova reinterpretação do passado e do tempo presente, no qual percebe agora, o abandono sistêmico e a marginalização partindo não somente dos vícios, mas sim do Estado que se alimentou da força produtiva negra por toda a escravidão e o pós-abolição.

Também percebemos a literatura na última seção, em que dinâmicas de gênero silenciadas ao longo dos oito anos de circulação do jornal aparecem com força, no qual, a noção do que é útil aos homens inteligentes e militantes e aquilo que lhes era tido como inútil entra em destaque, mostrando uma leitura ainda limitada do alcance político da literatura, bem como das questões sociais e culturais que lhe são inerentes, tal como as experiências do cotidiano ou o vislumbre do amor após o fim da escravidão.

Aqui as noções de avanço da raça se alinham com aquilo que era esperado da ideologia dominante, em que a literatura tem que assumir o papel de porta-voz de um movimento militante em busca de uma identidade nacional. Além disso, o caráter educativo e de rememoração se mantém, no qual inclui agora estruturas de poesia e memórias em disputa em prol de um progresso nacional, que conforme sabemos não incorporava o negro, e assim, faz com que esse precise articular ações disruptivas de um pensamento contra hegemônico, mas também de reprodução de valores em voga pela branquitude.

Portanto, compreendemos *O Clarim da Alvorada*, como um canalizador de um movimento muito maior de tomada da consciência da comunidade negra no pós-abolição, no qual ele concede sentidos ao passado em comum e a experiência de ser negro pautado nas demandas atuais que são entendidas pela construção da racialidade a esses homens, que mesmo espelhando alguns dos limites impostos pela sociedade dominante e eficaz, consegue em sua maior parte ultrapassá-los, ao ponto de tornar-se um movimento de luta negra contra hegemônico, uma cultura alternativa de fato.

A dubiedade que envolve a ideologia dominante a formulação de uma ideologia própria, faz parte da construção de um movimento militante, que conforme o analisado, foi lentamente se construindo através de diversas mudanças editoriais e de redes de contato, que usam das ideias hegemônicas como força motora para refletir e criar diagnósticos próprios em prol da emancipação do negro.

Por fim, ao longo de seus oito anos de circulação, *O Clarim da Alvorada* conseguiu consolidar-se de fato como um importante canal de expressão, cumprindo o que se propunha ao se estabelecer como um órgão de combate político e cultural. O jornal se dedicou à luta pela integração da população negra na sociedade, sendo uma plataforma de articulação de ideais e discursos sobre a melhoria das condições de vida e o reconhecimento da identidade negra no plano nacional. Porém, à medida que sua trajetória se desenrolava, o periódico não alcançou exatamente a integração esperada. Ao invés de promover uma verdadeira inclusão do negro na sociedade mais ampla, *O Clarim da Alvorada* terminou por direcionar essa integração para um espaço mais restrito, focado em uma esfera de militância racialmente organizada.

Esse movimento acabou por reforçar um processo de ativismo que, embora ainda estivesse alinhado às lutas de emancipação e reconhecimento, não visava necessariamente a integração do negro como um membro pleno e igualitário da sociedade nacional. Em vez disso, *O Clarim da Alvorada* contribuiu para a construção de um movimento militante, que, ainda que intensamente articulado, esteve mais voltado para o fortalecimento da identidade negra em seus próprios termos, dentro de uma estrutura de ativismo político e cultural que se distanciava da ideia de assimilação ao projeto nacional. O foco passou a ser a criação e reafirmação de uma identidade negra independente, cuja presença e luta se davam em um contexto mais de resistência do que de aceitação por parte da sociedade majoritária. Dessa forma, os usos do passado e das modulações do corpo editorial sobre expressões da raça, concedem espaço para tornar *O Clarim da Alvorada*, um importante espaço no que tange o ativismo negro das primeiras décadas do século XX.

Ao final de sua trajetória, *O Clarim da Alvorada* deixa um legado importante na construção da militância negra no Brasil, principalmente nas décadas seguintes. O jornal não apenas refletiu as tensões do momento, mas também ajudou a moldar as bases de um ativismo politizado, que seria essencial nas lutas pelas conquistas de direitos civis e pela visibilidade da cultura negra no país. Assim, ao integrar o negro dentro de uma esfera militante, *O Clarim da Alvorada* pavimentou o caminho para um movimento negro mais coeso, forte em suas convicções e mais consciente de sua importância na luta por um futuro de maior justiça racial.

REFERÊNCIAS

Fontes

- O CLARIM. São Paulo, ano 1, n. 1, 06 jan. 1924.
- O CLARIM. São Paulo, ano 1, n. 2, 03 fev. 1924.
- O CLARIM. São Paulo, ano 1, n. 3, 02 mar. 1924.
- O CLARIM. São Paulo, ano 1, n. 4, 06 abr. 1924.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 5, 13 mai. 1924.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 6, 22 jun. 1924.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 7, 12 out. 1924.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 8, 07 dez. 1924.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 12, 25 jan. 1925.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 13, 26 jul. 1925.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 14, 30 ago. 1925.
- O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 15, 27 set. 1925.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 16, 15 nov. 1925.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 2, n. 17, 27 dez. 1925.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 18, 24 jan. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 19, 21 mar. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 20, 28 abr. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 21, 13 mai. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 22, 20 jun. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 23, 24 jul. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 24, 22 ago. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 25, 26 set. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 26, 24 out. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 3, n. 27, 14 nov. 1926.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 28, 15 jan. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 30, 20 fev. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 31, 17 abr. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 33, 13 mai. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 34, 18 jun. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 35, 17 jul. 1927.
- O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 4, n. 36, 15 out. 1927.

O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 1, 05 fev. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 2, 04 mar. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 3, 01 abr. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 5, 03 jun. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 6, 01 jul. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 7, 12 ago. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 1, n. 9, 21 out. 1928.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 12, 06 jan. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 13, 03 fev. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 16, 13 mai. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 17, 09 jun. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 18, 14 jul. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 19, 18 ago. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 20, 28 set. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 21, 28 out. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 22, 24 nov. 1929.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 6, n. 23, 25 jan. 1930.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 7, n. 25, 13 abr. 1930.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 7, n. 26, 13 mai. 1930.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 7, n. 29, 23 ago. 1930.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 7, n. 30, 29 set. 1930.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 8, n. 34, 20 jul. 1931.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 8, n. 36, 28 set. 1931.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 8, n. 38, 20 dez. 1931.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 9, n. 39, 06 jan. 1932.
O CLARIM D'ALVORADA. São Paulo, ano 9, n. 41, 13 mai. 1932.

Bibliográfica

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: EDUSC, 1998.

AQUINO, Ingrid Andressa Neles de. *Mulheres negras que não podem passar em branco: trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de “O Clarim da Alvorada” (1924-1940)*. 2020. 158 p. Dissertação (mestrado em história). Curso de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

ARAÚJO, Ariella Silva. A mulher negra no pós-abolição. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 22–36, 2013. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/234>. Acesso em: 13 nov. 2024.

BACKES, José Licínio. Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente. *Educação & Sociedade*, [online], v. 27, n. 95, p. 429-443, 2006. Disponível em: Acesso em: 07 out. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302006000200006>

BARBOSA, João Paulo. *O Pós-Abolição no Rio de Janeiro: Representações do negro na imprensa (1888- 1910)*. Rio de Janeiro, 2016, 229 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016

BARROS, Diana; FIORIN, José Luiz. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, s.d.

BARROS, José D’Assunção. *O jornal como fonte histórica*. Petrópolis: Vozes, 2023

BASTIDE, Roger. “A imprensa negra no estado de São Paulo”. In: *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp. 129-156.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. Representação da História em Walter Benjamin. São Paulo: EDUSP, 1994.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 23 nov. 2024.

CANDAU, Joël. O jogo social da memória e da identidade (1): transmitir, receber. In. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal ‘O Estado de São Paulo’*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARREGA, Arthur Daltin. *Imigrantes para a pequena propriedade: o boletim e as ideias da Sociedade Central de Imigração (1883-1891)*. Assis, 2017, 240 p. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP/Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis. 2017.

- CARVALHO, Gilmar Luiz. *A Imprensa Negra Paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. São Paulo. 2009. 210 p. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.
- CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga, um bairro afro-italiano: comunicação, cultura e construção de identidade, étnica*. Dissertação de Mestrado em Comunicação pela ECA/USP. São Paulo, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 77-116.
- CUTI; LEITE, José Correia ...*E disse o velho militante José Correia Leite*, 19ª ed. rev. – São Paulo. Nova América, 2007.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*. São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.
- DIAS, Maria Odila da Silva. 1974. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 298 p.
- DOMINGUES, Petrônio José. *A insurgência do Ébano: A História da Frente Negra Brasileira (1931-1937)*. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 2005.
- _____. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 118-139, jul./dez. 2011. <https://doi.org/10.1590/2237-101X012023007>
- _____. *Uma história não contada: negros, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930)*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) FFLCH, 2000.
- _____; REIS, Ruan Levy Andrade. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 32, p. 148–170, 2020. DOI: 10.11606/issn.2237-1184.v0i32p148-170. Acesso em: 12 out. 2024. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p148-170>
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: Editora EDUFBA, 2008.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Editora Ática, 1978.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.
- FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915/1963). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.5, n. 10, março/agosto, p. 197-207, 1985.

FERREIRA, Maria Cláudia Cardoso. *Representações sociais e práticas políticas do Movimento Negro paulistano: as trajetórias de Correia Leite e Veiga Santos (1928-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) – UERJ. Rio de Janeiro, 2005.

FILMER, P.; OLIVI, L. C. R. A estrutura do sentimento e das formas socioculturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 14, n. 27, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1944>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2010, 183 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Cândido Mendes, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDMAN, Márcio. O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 269-288, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000200002>

GONÇALVES, José Roberto. *O Getulino. Um jornal de carapinha – jornal editado por jovens negros em Campinas (1925-1925)*. São Paulo. 2012. 247 p. Tese (Doutorado em História) – PUC/SP, 2012.

GRIBAUDI, Maurizio. Forma, tensão e movimento: A plasticidade da história. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. *Micro-história: um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020

GUGLIOTTA, Alexandre Carlos. Tavares Bastos (1835-1875) e a Sociedade Internacional de Imigração: um espaço a favor da modernidade. artigo apresentado no *XII Encontro Regional de História “Usos do Passado”*, organizado pela Associação Nacional de História do Rio de Janeiro, 2006, 11.

HOFBAUER, Andréas. “O conceito de ‘raça’ e o ideário do ‘branqueamento’ no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro”. *Teoria e pesquisa*, São Carlos-SP: UFSCar, n. 42-43. 2003.

HOGGER, Richard. Nós e Eles. In.: *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora*. Lisboa, Editora Presença, 1973.

hooks, bell. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 1, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>

_____. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maria; WHITE, Evelyn (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2006

JACINO, Ramatis. *O negro no mercado de trabalho em São Paulo pós-Abolição – 1912/1920*. São Paulo. 2012. 204 p. Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP. São Paulo, 2012.

JESUS, Aline Ludmila. *Despertar o outrora no agora: ensaios sobre as configurações do tempo e da memória em Walter Benjamin*. Uberlândia, 2013, 105 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

LEITE, Ilka Boaventura. Descendentes de africanos em Santa Catarina: Invisibilidade histórica e segregação. In: In: LEITE, I. B. (org.). *Negros no sul do Brasil — invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina/SC: Letras contemporâneas, 1991.

LIMA, Alessandro Luís Lopes de. *Uma arqueologia dos territórios negros: contas e miçangas no triângulo histórico de São Paulo (sécs. XIX-XX)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – MAE/USP. São Paulo, SP, 2019.

_____. “Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bixiga”. *Argumentos*, vol. 17, n. 1, jan/jun. 2020, pp. 153-177. <https://doi.org/10.32887/issn.2527-2551v17n1p.153-177>

MACIEL, Maria Eunice. “A eugenia no Brasil”. *Anos 90*, n. 11, p. 121-143, 1999. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6545>

MALATIAN, Teresa. Cem anos de Imprensa Negra em São Paulo: da descoberta à edição fac-similar; *Patrimônio e Memória*. Unesp, v. 14, n.1, p. 340-364, São Paulo, 2018.

MATTOS, Hebe. *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MATTOS, Manuela Sampaio de. Considerações acerca de uma ética da memória em Walter Benjamin. *Revista Trama Interdisciplinar*, [S. l.], v. 6, n. 3, 2016. Disponível <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8718>. Acesso em: 07 abr. 2024.

MBEMBE, Achille. A questão da raça. In: *A crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona. 1º Ed, p. 25-74, 2014.

MIGLIEVICH, Adília. Sobre “estruturas de sentimentos” e contra-hegemonia em Raymond Williams. *Labemus*, Blog do Laboratório de estudos de teoria e mudança social, 28 set. 2016.

Disponível em: [https:// blogdolabemus.com/2016/09/28/sobre-estruturas-de-sentimentos-e-contra-hegemonia-em-raymond-williams/](https://blogdolabemus.com/2016/09/28/sobre-estruturas-de-sentimentos-e-contra-hegemonia-em-raymond-williams/). Acesso em: 22 abr. 2024.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras. A militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas, 1923-1926)*. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MUNANGA, Kabangele. *Negritude, usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 4. ed., 2019. _____ . *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. A construção conceitual e espacial dos territórios negros no Brasil. *Revista de Geografia*, V. 35, Nº 1 (especial), 204- 218. <https://doi.org/10.51359/2238-6211.2018.234423>

O CLARIM DA ALVORADA. São Paulo, edições 01-36, 01-41, 1924-1932. Disponíveis em: < <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=844918&pagfis=1>>. Acesso em: 01 set. 2022.

PEREIRA, Amilcar Araújo. “*Mundo negro*”: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

ROCHA, Fábio Dantas. *Saindo das sombras: classe e raça na São Paulo pós-abolição (1887-1930)*. Guarulhos, 2018, 307 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

ROLNIK, Raquel. “Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro”. In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1943

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e a Pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume, 2017.

SANTOS, Iverson Poletto dos. A Sociedade Promotora de Imigração: formação e influência, 1886-1895. *Histórica*. São Paulo, [Online], v. 1, p. 25, 2007.

SANTOS, Renan Rosa dos. *Ideias e Ações pela Integração Negra: a trajetória do jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. São Paulo, 2021, 181 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, 2021.

SANTOS, Ricardo Ventura; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012, p. 754. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000300008>

SCHNEIDER, Alberto Luiz. O Brasil de Sílvia Romero: uma leitura da população brasileira no final do século XIX. *Projeto História*, n.42, pp.163-183. Junho de 2011,

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Espectáculo das Raças: ciências, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, RJ. v. 18, n. 1, jan-mar. 2011

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, José Carlos Gomes da. *Os suburbanos e a outra face da cidade – Negros em São Paulo 1900-1930. Cotidiano, Lazer e Cidadania*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – IFCH/UNICAMP. Campinas, SP, 1990.

SOUZA, Marcelo Cintra (org.). *A imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Memorial do imigrante; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES; Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, p. 77-116.

TAVARES, Francilene De Souza. *Imprensa negra e ensino de História: o debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República*. Guarulhos, 2021, 289 p. Dissertação (Mestrado) - ProffHistória da Universidade Federal de São Paulo. Universidade Federal de São Paulo, 2021.

TIEDE, Livia Maria. *Sob suspeita: negros, pretos e homens de cor em São Paulo no início do século XX*. Campinas, 2005, 186 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2005.

TOLEDO, B. L. *São Paulo: três cidades em um século*. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1983.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ZUBARAN, Maria Angelica. Comemorações da liberdade: lugares de memórias negras diaspóricas. *Anos 90*, [S. l.], v. 15, n. 27, p. 161–187, 2008. DOI: 10.22456/1983-201X.6743.

Acesso em: 07 nov. 2023. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6743>